



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS  
CÂMPUS DE ARARAQUARA – SP**

**THATIANA RODRIGUES ALVES GOMES**

**VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES NAS UNIVERSIDADES  
PÚBLICAS, O QUE ELAS TÊM A DIZER? *FACEBOOK* COMO  
ESPAÇO DE DENÚNCIA.**



**ARARAQUARA – S.P.  
2021**

THATIANA RODRIGUES ALVES GOMES

**VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS, O QUE ELAS TÊM A DIZER? *FACEBOOK* COMO ESPAÇO DE DENÚNCIA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Sexual da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras – UNESP, Campus Araraquara como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual.

**Linha de pesquisa:** Sexualidade e educação sexual: interfaces com a história, a cultura e a sociedade.

**Grande Área 7:** Ciências Humanas

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Claudia Dias Prioste

G633v      Gomes, Thatiana Rodrigues Alves  
Violência contra as mulheres nas universidades  
públicas, o que elas têm a dizer? : Facebook como espaço  
de denúncia / Thatiana Rodrigues Alves Gomes. --  
Araraquara, 2021  
146 p. : tabs.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade  
Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras,  
Araraquara  
Orientadora: Claudia Dias Prioste

1. Violência contra as mulheres. 2. Identidade de  
Gênero. 3. Ensino Superior. 4. Ciberespaço. 5. Redes  
sociais. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da  
Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

THATIANA RODRIGUES ALVES GOMES

# **VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS, O QUE ELAS TÊM A DIZER? FACEBOOK COMO ESPAÇO DE DENÚNCIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Sexual da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras – UNESP, Campus Araraquara como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual.

**Linha de pesquisa:** Sexualidade e educação sexual: interfaces com a história, a cultura e a sociedade.

**Grande Área 7:** Ciências Humanas

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Claudia Dias Prioste

Data de defesa: 25/08/2021

## **MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

---

**Profa. Dra. Claudia Dias Prioste**

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP Araraquara

Professora Orientadora – Presidente da Banca Examinadora

---

**Membro titular: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Andreza Marques de Castro Leão**

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP Araraquara

---

**Membro titular: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Ângela Favaro Nunes**

Universidade Paulista - UNIP/Ribeirão Preto

---

**Membro Suplente: Prof<sup>º</sup> Dr<sup>º</sup> Paulo Rennes Marçal Ribeiro**

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP Araraquara

---

**Membro suplente: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Jéssica de Souza Villela**

Universidade de São Paulo - USP

**Araraquara, 25 de agosto de 2021**

A Diva Rodrigues Alves e Dirce Faggioni, que concretizaram seus sonhos de liberdade e justiça, exemplos de mulheres que foram à luta por sua formação acadêmica e seu espaço profissional em tempos de preconceito.

## **AGRADECIMENTOS**

À minha família, em especial minha mãe, Maria Beatriz, modelo de mulher dedicada aos estudos e à luta pelo direito de uma educação de qualidade para todos, e meu grande apoio em todo o processo de conhecimento pessoal e profissional.

À minha orientadora, professora Dra. Claudia Dias Prioste, pela acolhida durante todo mestrado, apontando novos e importantes caminhos a serem seguidos na área de Educação Sexual, cujos ensinamentos práticos me serviram de base para grandes reflexões. Obrigada por ser também exemplo de mulher que luta e transforma nossa sociedade.

Às professoras e professores, funcionários, colegas de turma e de grupos de estudos da Unesp – FCL (câmpus de Araraquara), que, com carinho, proporcionaram dias de muito conhecimento, troca de experiências, admiração e muito afeto.

Ao Ricardo que, com maestria, possibilitou a oportunidade de trabalho por meio do uso do software NVivo, permitindo uma visualização dos dados de fácil compreensão, clareza e estética.

Aos componentes da banca Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andreza Leão e Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Angela Nunes que aceitaram o convite e com competência e carinho contribuíram imensamente para a melhoria do meu trabalho.

Por fim, às grandes mulheres do “Ele é da...”, pela coragem e pelo exemplo de busca pela dignidade, que tanto quero seguir.

*Eu não me vejo na palavra fêmea,  
Alvo de caça, conformada, vítima  
Prefiro queimar o mapa  
Traçar de novo a estrada  
Ver cores nas cinzas  
E a vida reinventar  
Porque um homem não me define  
Minha casa não me define  
Minha carne não me define  
Eu sou meu próprio lar.*

**Juliana Strassaca**

## RESUMO

GOMES, Thatiana Rodrigues Alves. Violência contra as mulheres nas universidades públicas, o que elas têm a dizer? *Facebook* como espaço de denúncia. 2021. 146 f. Dissertação (Mestrado em Educação Sexual) – UNESP, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2021.

A mulher, desde a década de 1960, ampliou e diversificou suas atividades para além do ambiente doméstico/privado e passou a ocupar espaços que outrora possuíam público majoritariamente do gênero masculino. Um desses espaços é a universidade. No Brasil, diversos tipos de violência de gênero, historicamente, marcam as relações intersubjetivas e têm sido alvo de estudos. No que tange especificamente à violência contra a mulher, a despeito das convenções internacionais e leis que visam ao combate desse tipo de violência, ainda nos deparamos com graves problemas e sérias consequências sociais sem avanços significativos. Nas últimas décadas, os espaços onde ocorrem tais violências também foram ampliados e um deles, ainda pouco estudado, merece maior atenção: os ambientes universitários. Desse modo, a presente pesquisa foi realizada com o objetivo de identificar e analisar denúncias de mulheres universitárias sobre violências vivenciadas por elas nesses espaços e que foram expostas em páginas de uma rede social. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória, pautada na análise temática de conteúdo. O *corpus* analisado é composto de um conjunto de denúncias anônimas, obtidas a partir de quatro comunidades criadas na rede social *Facebook*, cujo título supõe vínculo com três universidades públicas localizadas no Estado de São Paulo. Na análise de conteúdo realizada com o apoio do Software NVivo e de nuvens de palavras, permitiu-nos identificar denúncias que podem ser classificadas como violência física, sexual e psicológica, além de sugerir relacionamentos abusivos. Como perfil dos sujeitos que infligem esse tipo de violência se destacam as figuras amigo, namorado e professor. Nota-se também a presença de determinada estrutura hierárquica relacionada à autoridade do professor e do aluno

veterano, podendo se configurar em relações de poder, com heranças de uma cultura patriarcal e de objetificação da mulher. Os espaços onde ocorrem tais violências são diversificados, predominando festas, repúblicas estudantis, além do próprio campus. A maioria das denúncias envolvem preconceitos contra a mulher, difamação e ofensas verbais, porém há também relatos de estupros. Consideramos que a rede social parece ter se tornado não apenas um espaço de reclamações, ela também tem a função de ampliar a visibilidade das denúncias de abuso contra a mulher, de reconhecimento das situações violentas e abusivas, e de apoio às vítimas em face do sofrimento vivenciado sem o devido amparo por parte do poder público.

**Palavras-chave:** Violência contra as Mulheres, Identidade de Gênero, Ensino Superior, Ciberespaço, Redes Sociais.

## ABSTRACT

GOMES, Thatiana Rodrigues Alves. Violence against women in Brazilian public universities: what do women have to say? Facebook as a reporting space. 2021. 146 pages. Dissertation (Master in Sex Education) – UNESP, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2021.

Since the decade of 1960, women have expanded and diversified their activities beyond the domestic/private environment and started to occupy spaces that once had a majority male audience. One of these spaces is the university. In Brazil, different types of gender violence have historically marked intersubject relationships, and have been the subject study. Specifically with respect to violence against women, despite international conventions and laws aimed at combating this type of violence, we are still faced with serious problems and social consequences without significant advances. In the last decades, the places where such violence occur have expanded and an important, yet understudied, environment is the university. The current study aimed to identify and analyze complaints of violence from women in Brazilian public universities which were reported on pages of a social network. This was a qualitative, descriptive, and exploratory research, based on thematic content analysis. The data consisted of anonymous complaints obtained from four communities created on the social network *Facebook*, whose titles suggest links with three public universities located in the state of São Paulo. A preliminary analysis carried out using the software NVivo Software and word clouds allowed to identify complaints that could be classified as physical, sexual and psychological violence, suggesting abusive relationships. It was not possible for us to identify the demographic profile of individuals who carried out these violent acts. It was possible to define through these reports that the figures of a friend, a boyfriend and/or a teacher stood out. It is also noted the presence of a hierarchical structure related to the authority of the teacher and the senior student, which implies power relationships inherited from a patriarchal culture and of

objectification of women. The spaces where violence against women occurred were diverse, with the predominance of parties and student residences, but also the university campus itself. Many complaints involved prejudice against women, defamation and verbal offenses, but there were also reports of rape. We considered that social networks seem to become not only a space for complaints, but a place for visibility of the problem, recognition of violent and abusive behaviours, and peer support in the face of the devastating experiences without the proper acknowledgement from the public authorities.

**Keywords:** Violence against Women, Gender Identity, Higher Education, Cyberspace, Social Networks.

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Lugares e eventos onde ocorre a violência contra as mulheres que frequentam universidades paulistas.....	70
Gráfico 2. Especificação do perpetrador da violência contra a mulher nas universidades paulistas.....	91

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Páginas do <i>Facebook</i> .....	55
Tabela 2. Publicações/denúncias.....	57

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Nuvem de Palavras Página “Ele é da USP” .....	59
Figura 2. Nuvem de Palavras Página “Ele é da UNESP” .....	60
Figura 3. Nuvem de Palavras Página “Ele é da UNIFESP” .....	60
Figura 4. Nuvem Geral de Palavras.....	60

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>14</b>
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>17</b>
<b>1. OS PAPÉIS DE GÊNERO</b>	<b>26</b>
1.1. Violência contra a mulher	30
<b>UNIVERSIDADES COMO CONTEXTO DA VIOLÊNCIA</b>	
<b>2. CONTRA A MULHER</b>	<b>42</b>
<b>3. PERCURSO METODOLÓGICO</b>	<b>48</b>
3.1. Procedimentos	49
3.2. Descrição do material e objeto de estudo	51
<b>VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES NA UNIVERSIDADE</b>	
<b>4. PÚBLICA E OS RELATOS NA PÁGINA FACEBOOK “ELE É DA...”</b>	<b>59</b>
4.1. Caracterização das pessoas vitimadas	61
4.2. Caracterização de locais e eventos	69
4.3. Classificação e caracterização dos tipos de violência	73
4.4. Descrição do perfil do perpetrador da violência	91
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>100</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>104</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>110</b>
<b>ANEXO A. Ele é da UNESP Araraquara</b>	<b>111</b>
<b>ANEXO A. Ele é da UNESP Bauru</b>	<b>115</b>
<b>ANEXO A. Ele é da UNIFESP</b>	<b>119</b>
<b>ANEXO A. Ele é da USP</b>	<b>128</b>

## APRESENTAÇÃO

Posso dizer que o interesse pelo estudo dos temas “sexualidade”, “identidade de gênero” e “relações de gênero”, permearam minha formação acadêmica na graduação em Psicologia de forma tímida. Mesmo não tendo cursado uma disciplina específica sobre esses temas, considero outras duas como de extrema importância para o meu desejo de aprofundar meu conhecimento sobre eles em formações complementares (Especialização em Teorias e Técnicas Psicanalíticas, e mestrado Profissional) e, posteriormente, na construção da presente pesquisa.

Para mim, portanto, a psicanálise, que de um modo geral concebe que a sexualidade é fator fundante do desenvolvimento emocional humano, e a orientação vocacional profissional, que debate a influência da cultura, principalmente nas definições de papéis de gênero dentro das profissões, foram, na graduação, apesar da falta de formação em educação sexual, extremamente importantes no desenvolvimento de uma série de questionamentos e reflexões.

Cabe aqui mencionar que, um dos meus primeiros contatos com pesquisas científicas no tocante a identidade de gênero e relações de gênero, surgiu um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “A influência de gênero na escolha profissional dentro das gerações de uma mesma família”, que, por mais primitivo que ainda pudesse ser no aspecto dos estudos de sexualidade, por estar dentro, sobretudo, do prisma da escolha profissional, me confrontou com alguns tipos de violência vivenciados pelas mulheres. Esse confronto, com certeza, sem que eu pudesse perceber à época, plantou uma semente de suma importância para a realização desta pesquisa, ou seja, fez com que eu passasse a refletir sobre: a luta pela inserção feminina no contexto educacional e profissional; a divisão de papéis constituída de profissões ditas “femininas” e “masculinas”, e os preconceitos resultantes dos mesmos; o assédio moral vivenciado por muitas mulheres no ambiente de trabalho; e a falta de reconhecimento financeiro, como o fato de mulheres terem remuneração menor do que a dos homens.

Em meu contato inicial com a orientadora do mestrado, Professora Doutora Claudia Dias Prioste, houve uma identificação por afinidades em relação à teoria psicanalítica e aos estudos de gênero, principais assuntos de meu interesse, como dito anteriormente. Desse contato, surgiu a proposta de estudar “A influência da vivência familiar da Violência de Gênero no percurso escolar de crianças”, que contaria com uma análise de dados pela perspectiva psicanalítica do conceito de Inibição Intelectual. No entanto, enquanto realizava as atividades propostas pelo programa (apresentação de trabalho em congressos, tentativa de publicação em

revistas científicas e aceite no Comitê de Ética), foi possível perceber que teríamos dificuldades em encontrar sujeitos participantes da pesquisa.

Com maestria minha orientadora, Profa. Dra. Claudia Dias Prioste, ponderou a grande necessidade de continuarmos a tratar da violência de gênero, tendo em vista as minhas experiências passadas, o meu desejo de trazer voz às mulheres e a força dos dados impactantes e alarmantes relacionados à violência contra a mulher na sociedade Brasileira. Realmente, essa possibilidade de estudo me deixava instigada e, diante de inúmeras conversas com colegas do mestrado, minhas alunas da faculdade e a própria orientadora, ficou decidido que eu trataria da violência de gênero em dois ambientes bem conhecidos por nós e próprio da pesquisa maior: a universidade.

A orientadora chegou ao conhecimento da página do *Facebook* que se tornou o *cópus* da pesquisa, “Ele é da...”, a partir da relação com um dos alunos do curso de graduação que mostrou-se indignado com as denúncias expostas na página, repostando em seu perfil pessoal, e solidarizando-se expôs uma crítica em relação as masculinidades tóxicas dentro da universidade. O acesso as páginas, portanto, mostrou-se terreno fértil para a investigação proposta ao incluir os temas: violência contra a mulher, ambiente universitário e a cibercultura, foco do projeto de pesquisa maior da orientadora chamada: “Cibercultura, Psicanálise e sexualidade na era digital”.

A trajetória da escrita do projeto, da qualificação e da dissertação não aconteceu totalmente conforme o planejado. Passei por mudança de tema de estudo, um processo cirúrgico que me deixou de repouso durante alguns meses, pela pandemia de COVID-19 e suas consequências em minha vida (adoecimento dos meus pais, dificuldades financeiras, atraso do colega de trabalho que manjava o programa NVivo e a minha própria contaminação com o vírus e suas sequelas). Essas vicissitudes acabaram atrasando a pesquisa, mas não me impediram, em momento algum, de acompanhar os noticiários, que comprovaram que dentro da pandemia de corona vírus, o tema da violência contra a mulher voltou a se destacar nas mídias, com um aumento significativa do número de casos. E assim, continuei a me concentrar no meu objetivo principal, que é contribuir, por meio de um estudo científico, para o levantamento de informações que possam ajudar a preencher lacunas ainda existentes nas pesquisas sobre a violência contra a mulher, e principalmente formando um constructo forte para futuros debates e perspectivas de combate.

## INTRODUÇÃO

A formação da sociedade ocidental a partir do sistema social machista<sup>1</sup>, patriarcal<sup>2</sup> e misógino<sup>3</sup> que legitimava a dominação do homem sobre a mulher, levou ao longo da história, à momentos de questionamento nas sociedades ocidentais pelos grupos de lutas denominados feministas, da falta de liberdade e autonomia feminina. As lutas feministas no início tiveram o objetivo principalmente da busca pelo direito ao voto (Pinto, 2010), mas se intensificaram em todo o planeta a partir de 1960, a partir de uma série de tratados, convenções de alcance mundial – a exemplo dos tratados e as convenções da Organização das Nações Unidas (ONU) – e leis, como aconteceu no Brasil, para tentar garantir os direitos femininos que incluíssem: a erradicação da violência contra a mulher, a punição de possíveis casos de violência e a possibilidade da ocupação de espaços ainda não totalmente garantidos por uma cultura heteronormativa e patriarcal.

No tocante às lutas feministas, Guimarães e Pedroza (2015) consideram que, entre as inúmeras pautas e lutas empreendidas por elas, o foco maior estaria exatamente em trazer a público o que até então era considerado um problema *a priori* das mulheres e com consequências reservadas a elas, cobrando, do Estado e da sociedade (representados ainda pelos meios acadêmico de pesquisas e político), responsabilidade pela garantia aos direitos humanos, principalmente à saúde e a uma vida sem violência direcionada às mulheres e no meio que as circunda.

---

<sup>1</sup> Machismo tem origem na palavra latina “macho” e é considerada um “sistema de representações simbólicas, que mitifica as relações de exploração, de dominação, de sujeição entre o homem e a mulher” (Drumont, 1980, p.81).

<sup>2</sup> Patriarcado origina-se do grego *patriarkhēs* ou “regra do pai”. É considerado uma forma de organização social em que as mulheres são submissas e subordinadas aos homens, e os jovens, por hierarquia, subordinados aos homens mais velhos (Narvaz & Koller, 2006).

<sup>3</sup> Misoginia é uma palavra de origem grega, formada pelos lexemas *μισέω*, transl. *miseó*, ou “ódio”, e *γυνή*, *gyné*, que significa “mulher” (Code, 2000). É considerada uma “atitude cultural de ódio às mulheres” em razão de sua condição de feminilidade, base fundamental para a opressão das mesmas em sociedades patriarcais, por meio de piadas constituídas de conteúdos depreciativos, pornografia e violência psicológica, moral e física (Johnson, 2010).

O impacto mundial das lutas feministas culminou na mudança e inserção da mulher na Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), de 1948, haja vista a criação da Convenção Interamericana Sobre a Concessão dos Direitos Civis à Mulher, em 1948, e da Convenção Sobre os Direitos Políticos das Mulheres, que indica o direito de voto e condições de igualdade para homens e mulheres, além da elegibilidade de ocupar e exercer cargo público (aprovada no Brasil em 1955). Destaca-se ainda a Convenção Americana de Direitos Humanos de 1969, a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher (Cedaw), de 1979, e a Declaração de Eliminação da violência contra a mulher (1993). Esta última foi considerada o ápice de décadas de esforços internacionais, visando à proteção e à promoção dos direitos das mulheres de todo o mundo, uma vez que se propõe a trabalhar em duas frentes: promoção dos direitos das mulheres em busca de igualdade de gênero e repressão a quaisquer discriminações contra mulher nos estados-partes, conquistas resultantes, sobretudo, da atuação dos movimentos feministas.

No Brasil, a Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, que em seu artigo 5º trata sobre a igualdade de todos:

Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: I - homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição (BRASIL, 1988).

Deste modo o tema “violência contra a mulher” passa a ser tratado de forma mais direta, principalmente com a promulgação Lei Maria da Penha, nº 11.340, que entrou em vigor no dia 22 de setembro de 2006 e garante a proteção das mulheres contra qualquer tipo de violência doméstica, seja física, psicológica, patrimonial ou moral, por meio de prisão em flagrante ou preventiva dos agressores (Brasil, 2006). Com base nessa Lei, diversos autores (Sanches, Simão

Silva, 2017; Instituto Noos, 2010; Matioli, Araújo, Guimarães, 2009) consideram que o maior número de experiências de violência de gênero se encontra no âmbito da unidade doméstica e familiar.

O olhar voltado à mulher vítima de violência a despeito das inúmeras lutas supramencionadas, só adquiriu força de combate recentemente. Essa mudança pode ser ilustrada pelo fato de que, somente em 2002, entrando em vigor em 2003, a palavra “homem”, que, em todo o Código Penal, fazia referência a quem tinha direitos, foi substituída por “pessoa”, conferindo, de forma não ambígua, a ampliação dos mesmos direitos às mulheres. Além disso, em 2015, o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940, do Código Penal, foi alterado, nomeando feminicídio o homicídio praticado contra a condição de mulher (violência doméstica e familiar, menosprezo ou discriminação contra o gênero feminino), crime cuja pena pode atingir de 12 a 30 anos de reclusão.

Não bastasse a legislação, no Brasil, as reivindicações feministas contribuíram ainda para a concepção de serviços específicos, como Delegacias de Defesa da Mulher (inicialmente no estado de São Paulo), Casas-Abrigo e Centros de Atendimento Multiprofissionais. Contudo, Santi, Nakano, Lettiere (2010) afirmam que, apesar de todo esse suporte, as mulheres preferem, em um primeiro momento, buscar ajuda no seu próprio meio social, isto é, junto a familiares e amigos, enquanto os suportes de serviço de saúde e as delegacias são procurados a depender da percepção que a mulher tem da gravidade do seu estado. Isso ocorre em razão de, na realidade, sentirem-se em situação de desamparo nesses meios jurídicos e de saúde, gerando descrença na ação do Estado.

Segundo Hirata *et al.* (2009), com as conquistas das lutas feministas da década de 1960, muitas mulheres migraram ou ampliaram seu espaço para além do ambiente doméstico/privado, desse modo, passando a ocupar espaços públicos que até então eram considerados prioritariamente masculinos, como: escolas, universidades, determinadas carreiras

profissionais, funções políticas. Com relação à educação, tentou-se, no Brasil, por meio do “princípio da igualdade de oportunidades para todas os cidadãos” e da criação das escolas básicas mistas na década de 1970, recuperar os atrasos referentes à escolarização das meninas. Afirma-se atrasos, pois, do Brasil império até aquela década, somente mulheres brancas podiam aprender, dentro de suas próprias casas ou em conventos, sendo, a educação, realizada pelos padres jesuítas e voltada às questões dos cuidados do lar e da família.

As autoras destacam que a criação dessas escolas ocorreu a partir da comparação de desempenhos acadêmicos entre os gêneros, em busca de intensificar a ideia de superioridade biológica masculina. Esse ponto de vista, todavia, não se sustentou, seja devido aos bons desempenhos femininos nas escolas, apresentando os melhores resultados, seja pelo fato de as jovens serem maioria no exame final do Segundo Grau<sup>4</sup>.

De acordo com Beltrão e Alves (2009), as mulheres também foram incluídas tardiamente nas universidades. No Brasil, a entrada em maior número foi possível apenas na década de 1980. Quanto à paridade entre o número de inserção de homens e mulheres, ela só foi atingida em 1991. Atualmente, dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), autarquia federal vinculada ao Ministério da Educação (2018), revelam que as mulheres são a maioria dos estudantes do Ensino Superior, representadas, em números por 3.551.116 do total de 6.394.244 alunos matriculados, ou seja, correspondem a 55,8% do total de alunos.

No entanto, não é possível afirmar que as barreiras ora citadas, da violência e da exclusão, foram totalmente removidas. Pelo contrário, as denúncias de violência contra mulheres continuam sendo consideradas um desafio e um problema mundial (e nacional) crescente e complexo e que se intensifica nesses novos espaços onde circulam. A manutenção do patriarcado, uma estrutura que dificulta a melhoria das condições de vida do gênero

---

<sup>4</sup> Equivalente, hoje, ao Ensino Médio.

feminino, segundo Hirata *et al.* (2009), tem como consequência, na educação, sobretudo no nível superior, a perpetuação do poder masculino, haja vista a formação para cargos específicos a cada gênero – extensão da função doméstica e de cuidado no trabalho, para as mulheres, e carreiras de maior retorno salarial, para os homens –, além de a seleção levar em conta o sexo no processo de entrada no mercado de trabalho.

Os obstáculos ao gênero feminino no ambiente universitário não param por aí, Bandeira (2017) destaca outro prisma a ser debatido sobre as questões de gênero relacionadas ao Ensino Superior, no caso, as denúncias de violência contra a mulher dentro dos câmpus Rosa, Boing, Schraiber e Coelho (2010), por meio de entrevistas realizadas com acadêmicos do sexo feminino (entre 20 e 32 anos) e sexo masculino (entre 22 e 35 anos) identificaram que seus entrevistados afirmaram presenciarem ou vivenciarem atos de violência física, psicológica, que infringiam a liberdade de outrem, principalmente contra as mulheres, no meio universitário.

Mas, o que chamou a atenção das autoras ao fazerem um apanhado das referências à “violência contra a mulher”, ao “Ensino Superior” (ou a “Universidades”) nas principais bases de dados do país, foi (i) a escassez de artigos que apresentassem pesquisas realizadas nos últimos quinze anos em território brasileiro sobre tais temas, sobretudo em comparação com a quantidade de pesquisas realizadas no exterior, com destaque para Portugal, e (ii) o grande número de artigos que tratam da violência doméstica em contraposição ao real número de violência que se acredita ser vivenciada pelas mulheres todos os dias na realidade universitária do território brasileiro.

Como exemplo de caso ainda não estudado, mas de relevância, é possível citar o da Universidade Federal da Paraíba, ocorrido em 2020, que precisou, diante da pandemia de COVID-19, reestruturar a acessibilidade à instituição, disponibilizando, em seu site<sup>5</sup>, contato para atendimentos de escuta a funcionárias e alunas que passaram a denunciar a

---

<sup>5</sup> <http://www.prg.ufpb.br/>.

“ciberviolência” ocorrida em período de quarentena. Foram denúncias e relatos de atos de intimidação e agressão, relacionadas, mormente, a falas discriminatórias em função do gênero – que impõe poder masculino sobre o feminino –, preconceito, coersão sexual, entre outras; atos considerados sexistas e machistas, manifestados nas redes sociais.

O uso das redes sociais na atualidade, por estudantes universitárias, vem se tornando uma ferramenta de disseminação de informações. Se usadas de maneira adequada, podem ser também aproveitadas para a denúncia de casos, propiciando a aquisição de novos conhecimentos, a instituição de lugar de fala para minorias, a expressão de combate, conseqüentemente, trazendo o benefício de modificar os indivíduos envolvidos, a sociedade e a cultura na qual se inserem. Ou seja, a cibercultura tornou-se um novo *habitat* para os jovens se relacionarem, isso por que, a criação da internet propiciou o início da chamada “era do virtual, da informação ou conhecimento”.

Segundo Morigi e Pavan (2004) a sociedade passa a se comunicar e interagir a partir das tecnologias propostas pelo instrumento mediador do computador. Considera-se que o ambiente do cyberspaço possibilitou diminuir distâncias e tempo entre as pessoas, além de democratizar o contato de todos com a informação. Por meio das redes sociais e das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), os sujeitos de todo o mundo agrupam-se através de ideias, sentimentos, entre outras questões em comum.

O *Facebook* é um espaço relevante no contexto da cibercultura para os jovens, uma vez que essa rede social foi criada no próprio ambiente universitário, por alunos de Harvard. Com a proposta do detalhamento da vida de seus usuários, da utilização do mesmo para comércio, jogos, entre outras atividades, o *Facebook* leva os sujeitos inscritos a se sentirem aceitos em um grupo, pertencente a ele (Prioste, 2016), característica principal da fase de desenvolvimento da adolescência e do jovem adulto.

Um estudo do Instituto Avon (2015)<sup>6</sup> identificou que no ambiente digital o debate sobre a violência contra a mulher se intensificou. Mais especificamente, nas redes sociais: *Twitter*, *Instagram* e *Facebook* (destacando-se em 41% dos casos este último), nos anos de 2015 a 2017, foi possível recolher 14 milhões de menções de assédio e violência contra a mulher em sua maioria classificadas em: violência psicológica, violência sexual, assédio sexual, assédio virtual, assédio moral e violência física.

Um exemplo da possibilidade de utilização do *Facebook* em grupo encontrado pelas autoras, são as páginas nomeadas “Ele é da...”. A primeira versão foi criada em 8 de junho de 2016, por alunas da Universidade de São Paulo (USP) que, segundo a própria descrição da página, tinham o intuito de expor casos de machismo, racismo, LGBTfobia, sexismo e diversos outros tipos de opressões, preconceitos, assédios, abusos e violência contra as mulheres, que ocorriam na universidade, supostamente praticados tanto por estudantes quanto por professores.

Outras duas faculdades do Estado de São Paulo também tiveram páginas criadas por grupos de estudantes com a finalidade de denunciar situações abusivas: a Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), cuja página foi criada em 06 de setembro de 2016, e a Universidade Estadual Paulista (Unesp), com duas páginas, uma do campus de Bauru, criada em 19 de setembro de 2016, e outra do campus de Araraquara, criada em 24 de setembro de 2018. As universitárias organizam seus relatos de forma anônima, chamados de denúncias, que são feitas em uma página no Google, selecionadas primeiramente pelos organizadores e replicadas posteriormente nas páginas do *Facebook*.

Um exame atento das referidas páginas do *Facebook* revelou-nos um terreno fértil para análise das queixas de jovens universitárias sobre as vivências abusivas nos contextos universitários. Fica claro, nas descrições das páginas, que a busca por apoio dentro da própria

---

<sup>6</sup> Instituto criado pela empresa Avon com o foco de “construção de relacionamentos saudáveis, promoção do diálogo, estímulo à ação e melhora da qualidade dos serviços oferecidos às mulheres” <https://www.avon.com.br/instituto-avon/violencia-contra-mulheres>

universidade, muitas vezes, foi negada e, dessa forma, os coletivos de apoio às mulheres passaram a migrar para o espaço virtual, das mídias sociais, onde se sentem à vontade para debaterem a pauta e se sentirem acolhidas. Após pesquisa detalhada, chegou-se à constatação de que o presente ambiente ainda não foi explorado na área acadêmica, embora tenha sido muito debatido nas mídias. Nesse sentido, as seguintes questões direcionaram a pesquisa: quais tipos de violência contra as mulheres, ocorridos no espaço da universidade, têm sido alvo de denúncias nas páginas do *Facebook*? Como esses atos são relatados? É possível identificar o perfil de quem inflige a violência?

Dessa forma, a presente pesquisa foi realizada com o objetivo de descrever e analisar as denúncias de violência contra mulher levadas a efeito por jovens universitárias, expostas na rede social Facebook. Para atingir esse objetivo, foram identificados os principais tipos de violência denunciadas pelas alunas nas páginas do *Facebook* “Ele é da..” e detectados os modos como os atos violentos contra a mulher são relatados, bem como o possível perfil de quem inflige a violência.

A presente pesquisa constituiu-se, portanto, em um desafio trabalhado em dois eixos: i) conceituação dos temas violência contra a mulher e violência contra a mulher nas universidades, bem como de demais aspectos considerados relevantes, na primeira parte do trabalho – capítulo 1, “Os papéis de gênero”; capítulo 2 “Universidade como contexto da violência contra a mulher.

Enquanto o eixo: ii) apresentação de um estudo empírico propriamente dito. Esse estudo é empreendido a partir do capítulo 3, “Percurso metodológico”, que se empenha em descrever os procedimentos técnicos e científicos, assim como o percurso utilizado para a realização da pesquisa. No capítulo 4, “Violência contra as mulheres na universidade pública e os relatos na página do *Facebook* ‘Ele é da...’”, são apresentados os dados encontrados à medida que são identificadas explicações teórico-dedutivas sobre a violência contra mulher nas universidades e expostas sugestões para que essa temática seja compreendida e abordada no âmbito do Ensino

Superior de forma mais adequada. Esse capítulo, enfim, tem o intuito de aprofundar as compreensões e investigações concernentes à violência contra a mulher nas universidades, incluindo novos e importantes contextos de ocorrência.

## 1. OS PAPÉIS DE GÊNERO

Gênero e sexualidade são dois conceitos que envolvem inúmeras controvérsias em sua construção ao longo da história. Berdin e Ribeiro (2013) partem da ideia de sexualidade e gênero como um registro de distinções naturais entre traços observáveis objetivamente. Os autores afirmam que tal aspecto se deve ao fato de médicos, professores e outros cientistas pós-revolução industrial passarem a determinar os interditos em relação à sexualidade e outros temas baseados no que era biologicamente reconhecido como constante ou não, ou considerado normal e patológico. Os autores ainda explicam que a ciência passou a fortificar muitas ideias de religiões antigas, o que incluía a perspectiva de que a relação sexual deveria ter finalidade única de procriação e de que existe uma diferenciação dos gêneros inscrita nos órgãos genitais, dando poder aos homens e impedimento às mulheres de exporem seus desejos sexuais, bem como suas ideias e pensamentos em relação à vida, estruturas sociais e culturais, sob o pretexto de que eram dotadas de minoridade física.

A despeito dos papéis de gênero, a prática sociocultural baseada em preceitos científicos incita padrões e estereótipos a serem seguidos e que possibilitam a formação de dispositivos de controle e dominação de um par pelo outro, escondidos na ideia de naturalização. Safiotti, (1999 p.82) apoiando-se em Scott (1988) nomeou essa perspectiva do gênero como: “símbolos culturais”, “conceitos normativos”, “organizações e instituições sociais” e “identidade subjetiva”. A esse respeito Hirata *et al.* (2009) esclarecem que

As sociedades humanas, com uma notável monotonia, sobrevalorizam a diferenciação biológica, atribuindo aos dois sexos funções diferentes (divididas, separadas e geralmente hierarquizadas) no corpo social como um todo. Elas lhe aplicam a “gramática”: um gênero (um tipo) “feminino” é culturalmente imposto à fêmea para que se torne uma mulher social, e um gênero “masculino” ao macho, para que se torne um homem social. (...) Assim, a extensão para a quase totalidade da experiência humana daquilo que é apenas uma diferenciação funcional em uma área leva a maioria dos seres humanos a pensar em termos de diferença entre os sexos como uma divisão ontológica

irredutível em que sexo e gênero coincidem e cada um deles é exclusivo em relação ao outro. (p.223).

Para Garton (2009), tal perspectiva de gênero seria herdeira da formação do patriarcado. Esse sistema de organização começou a ser legitimado na sociedade romana do século V d.C., no entanto, perdurou nas sociedades ocidentais modernas, o que inclui o Brasil, induzindo à imposição de uma regra heteronormativa de organização política, social e cultural.

Beauvoir (1967) explica que o patriarcado foi instituído para estabelecer a propriedade privada em uma família por meio da herança, entretanto, do mesmo modo, passou a possibilitar a subsistência do poder do homem mesmo após a sua morte, não compartilhando os filhos nem o que teria com a mulher com outros homens. Como consequência dessa imposição, a mulher passou a perder qualquer tipo de poder, dignidade, tornando parte, à semelhança de objeto, do patrimônio do homem, subjugada a viver em função do pai e do marido para sobreviver.

O Instituto Noos (2010), por esse motivo, em seus estudos apresenta ser possível afirmar que a construção do conceito de gênero se origina da concepção cultural e social do tema, vista ainda como maneiras diferentes de “ser” e de se “comportar” de homens e mulheres, em outras palavras, constituintes da identidade dos sujeitos, contribuíram, na sociedade brasileira, para a formação da chamada violência de gênero, em que há uma distorção dos termos e as diferenças se tornam relação de imposição de poder de um gênero sobre o outro.

Safiotti (1999), como dito anteriormente, considera gênero como construção social do masculino e feminino. Para a autora um conceito que não deveria explicitar desigualdades, no entanto, confirma que não há uma neutralidade nos termos, privilegiando a relação “homem-homem” pela tradição cultural de estrutura de poder masculino que impôs o vetor dominação e exploração que evoca agressividade e violência.

No Brasil, Del Priori (2004) afirma que, nos tempos da Colônia (século XVI), a sexualidade representante dessa formação cultural, social e científica é influenciada sobretudo

pelo pensamento europeu de busca pelo poder de uma “raça” sobre outra ou do “gênero masculino” sobre o “gênero feminino”. Essa concepção de dominação esta na base da formação do povo brasileiro, por meio da imposição de satisfação de necessidades dos homens com índias, escravas e mulatas, obrigadas a terem relações sexuais com seus patrões como se elas os seduzissem<sup>7</sup>, além do fato de considerarem que a mulher branca também precisava ser dominada por um pai ou um esposo, não tendo acesso à escolarização, presas à única forma de vida, a doméstica, nas grandes casas de fazenda. A esse respeito, Teles (1993) complementa:

Nessa situação, o papel que cabia à mulher da classe dominante (proprietários de terras e de escravos), era, necessariamente, o de esposa e mães dos filhos legítimos dos senhores. A mulher se casava ainda muito jovem, e o marido, geralmente escolhido pelo pai, era, geralmente bem mais velho. Além das atividades do lar (organização da cozinha, cuidado com os filhos, direção do trabalho das escravas), cabia ainda à mulher tarefas como a fiação, tecelagem, rendas e bordados, e cuidar do pomar. E por muitas vezes a mulher branca foi descrita como indolente e preguiçosa. (p.19).

Segundo a autora, as mulheres que não representassem esse padrão, eram consideradas rebeldes e seriam aprisionadas em internatos ou conventos. Tais aspectos não mudaram muito desde Brasil Império. Teles (1993) afirma que apenas a tentativa de entrada da mulher na escolarização é que chamou atenção nesse período, embora em menor quantidade do que os homens e ainda pleiteando o preconceito, já que mulheres negras, mesmo sendo as maiores responsáveis pela produção de riquezas do país, não fizeram parte dessa mudança em relação ao sistema educacional.

A educação das mulheres brancas era realizada pelos padres jesuítas, portanto, ainda muito contaminada por ideais do patriarcado, sendo possível observar tentativas de formação de grupos que lutavam principalmente pelo abolicionismo só em 1860, tendo-se, assim, o início do destaque de algumas mulheres (Teles, 1993).

---

<sup>7</sup> Imagem da mulher que persiste em nossa cultura, tendo em vista que se mantém, nos países estrangeiros, a ideia hipersexualizada da mulher brasileira.

Para Teles (1993), no Brasil República, o capitalismo propiciou a inserção das mulheres no mercado de trabalho têxtil, no qual se destacavam negras, mas que também impunha às mulheres brancas a exploração da dupla jornada. Del Priori (2004) afirma que, mesmo com a inclusão do feminino nas fábricas têxteis, já na década de 1970 percebe-se que seu papel na sociedade ainda era de inferioridade em relação aos homens, haja vista os baixos salários, as grandes jornadas e os riscos de assédio no meio fabril.

As lutas feministas correspondem a um movimento libertário que objetiva discutir as relações de poder entre homens e mulheres, lutando para que as mulheres tenham liberdade e autonomia sobre sua vida e corpo, nessa época já havia se instaurado na Europa e Estados Unidos, e tornou-se exemplo para as lutas políticas no Brasil em tempos de militarismo (Pinto, 2010).

Bedin e Ribeiro (2013) afirmam que o final da década de 1970 e início dos anos 1980, possivelmente pelo fato da sociedade brasileira conviver com a reabertura política, implicou em significativas mudanças em todos os âmbitos políticos e sociais, tornando possível desenvolver conquistas ligadas à luta feminista, que na concepção de Guimarães e Pedroza (2015) visavam, sobretudo, a trazer a público a negação, por parte do Estado e da sociedade do direito das mulheres à saúde e a uma vida sem violência no ambiente em que vivem e contra elas, especificamente.

Para Pinto (2010) a mais significativa vitória do feminismo brasileiro ocorreu em 1984 com a criação do Conselho Nacional da Condição da Mulher (DNNDM), que possibilitou ainda, a inclusão dos direitos das mulheres, principalmente na Constituição Nacional de 1988.

Feitosa e Rago (2008), por sua vez, partilham a ideia de que, na modernidade brasileira, a concepção de mulher estaria relacionada à luta por um lugar na sociedade e independência. Já a concepção de homem, embora também ligada à independência, relaciona-se com a figura masculina forte, com exercício de função ativa na sociedade, centralizada na

sexualidade (modelo antigo de virilidade). Além disso o corpo, estaria diante de um novo padrão de comportamento, chamado “ditadura da beleza”, em que o status social está intimamente ligado ao corpo musculoso, por exemplo. Além disso, “crenças e valores rígidos [são] altamente ridicularizados” (p.11).

Lavoreti (2009), sobre as questões jurídicas, afirma que, no primeiro decênio do século XXI, a mulher era representada nas leis de forma mais satisfatória, tendo maior oportunidade e segurança para vivenciar sua liberdade de ir e vir, ter garantia de emprego e direito a medidas protetivas de urgência, no entanto, tais aspectos não são necessariamente colocados em prática, e é comumente acordado pelos estudiosos que é preciso ainda avançar muito em relação as leis.

A esse respeito Leão (2017) afirma:

As pessoas excluídas reivindicam por seus direitos e pela devida notoriedade na sociedade, sendo este o caso das pessoas com deficiência, negros, das mulheres, dos homossexuais, entre outros nomeados ‘minorias’. [...] As mulheres são outras vozes que pedem por escuta dado que padecem em decorrência das ações nefastas da sociedade machista, patriarcal e misógina vigente em pleno século XXI, porquanto ainda preponderam as marcas do saber de senso comum de menos valia e inferioridade da mulher. [...] Tolera-se a violência e a negligência dos direitos das mulheres e isso é resultado de um longo processo histórico no qual elas foram vistas como coadjuvantes e não partícipes ativas na construção da história da humanidade. (p.20).

O presente capítulo elucidou a respeito da criação social e cultural ocidental baseada nas diferenças de gêneros a partir da imposição de poder masculino sobre feminino. Como dito anteriormente, tal aspecto tem como consequência a violência, que será tratada no próximo capítulo.

### **1.1.Violência contra a mulher.**

Por violência, entende-se, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), “a construção de um processo relacional, que em seu ato, há o uso intencional de força física ou de poder, de maneira direta ou através de ameaças, resultando em: lesão, morte, dano psicológico, interferências ou privação do desenvolvimento”. Diferentes tipos de violências

podem ser citados, a depender do contexto em que ocorrem, dos sujeitos envolvidos, das ações e intenções, sendo que autores ainda ratificam que uma pessoa pode ser vítima, mas também agente da ação, dependendo da situação vivida (Organização Mundial da Saúde, 2011). A violência, conforme Lavorenti (2009), caminha em direção oposta à concepção jurídica de direitos à dignidade, igualdade e não discriminação.

É possível encontrar dados da violência, a exemplo de notificações de violência física, psicológica, tortura, bem como do número de 4.936 mulheres assassinadas em 2017, que, segundo o IPEA (2019), apreende um aumento grave na quantidade de casos em um período de 10 anos. Esses últimos podem ser considerados descritores da chamada violência contra a mulher.

Comumente, associa-se a violência de gênero com a relação entre parceiros íntimos e ao machismo que oprime, explora e deriva em sofrimento feminino e homossexual, através de instituições, discursos, códigos e símbolos (Louro, 1997), principalmente no âmbito doméstico.

A violência contra a mulher, mais especificamente, depende de uma definição ampla que contemple:

A violência doméstica ou em qualquer outra relação interpessoal, em que o agressor conviva ou haja convivido no mesmo domicílio que a mulher e que compreende, entre outras, as violências física, psicológica, sexual, moral e patrimonial (Lei 11.340/2006); 2) A violência ocorrida na comunidade e seja perpetrada por qualquer pessoa e que compreende, entre outros, violação, abuso sexual, tortura, tráfico de mulheres, prostituição forçada, sequestro e assédio sexual no lugar de trabalho, bem como em instituições educacionais, estabelecimentos de saúde ou qualquer outro lugar; 3) A violência perpetrada ou tolerada pelo Estado ou seus agentes, onde quer que ocorra (violência institucional). (Brasil, 2006, p.7).

Nesse aspecto, pode-se dizer que a violência contra a mulher é muitas vezes classificada diretamente como violência doméstica, todavia, esse não é o único cenário para a perpetuação da violência contra a mulher, como o presente trabalho pode ilustrar ao discorrer sobre diversos tipos de violência contra a mulher perpetrados nas Instituições de Ensino (IES). No entanto, as

Nações Unidas diferenciam os termos, tratando a primeira como ação ou conduta pública ou privada que cause danos, sofrimentos físicos, psicológicos devido à condição de ser feminino e a segunda como a violência recorrente no ambiente doméstico-privado, exercida por um membro da família.

Como já dito, alguns direitos adquiridos e conquistados voltados a esse público a serem mencionadas mundialmente foram: a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), que busca a igualdade de condições entre homens e mulheres; as convenções internacionais, a exemplo da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher (1979); a Declaração de Eliminação da Violência Contra a Mulher (1993). De maneira geral, nos acordos mundiais aqui citados, a referência à violência é feita por meio do termo discriminação, entendido como tratamento desigual entre os gêneros, que culmina em prejuízo, “exclusão e restrição de direitos femininos” (Lavorenti, 2009, p.53).

No Código Penal Brasileiro, a Lei nº 13.103 revela a frequente falta de atenção ao cuidado com a população feminina e à situação da violência, demonstrando reação a esse fato em 2015, através da alteração no art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848/1940, uma lei que passa efetivamente a considerar o feminicídio crime de homicídio praticado contra a condição de mulher (violência doméstica e familiar, menosprezo ou discriminação contra o gênero feminino), instituindo pena de 12 a 30 anos de reclusão ao agressor. Waiselfisz (2015) afirma que, por conta da Lei que define e tipifica o feminicídio ser recente, as estatísticas ainda são escassas, o que leva o autor a acreditar que, a longo prazo, será possível analisar e tipificar a situação mais satisfatoriamente, possibilitando, a partir disso, reduzir o índice de mortes de mulheres no Brasil.

A Lei Maria da Penha, nº 11.340/2006, tem o objetivo de prevenir e garantir a proteção das mulheres contra qualquer tipo de violência, seja física, psicológica, patrimonial ou moral por meio de prisão em flagrante ou preventiva dos agressores (Brasil, 2006). Com a

promulgação dessa lei, alguns autores, entre eles Sanches, Simão Silva (2017) e Instituto Noos (2010), consideram que o maior número de experiências de violência de gênero se encontra no âmbito da unidade doméstica e familiar, envolvendo, portanto, questões afetivas e emocionais importantes para todos os membros da família, mas ainda assim, existem poucos estudos no meio acadêmico que colaborem com uma perspectiva mais clara de como ocorre esse processo.

As reivindicações dos grupos feministas brasileiros contribuíram ainda para a criação de serviços específicos, como: as Delegacias de Defesa da Mulher (inicialmente no estado de São Paulo); o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM), por meio da Lei 7353/85; as Casas-Abrigo e os Centros de Atendimento Multiprofissionais; e também a Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres, que tem o intuito de

[...] estabelecer conceitos, princípios, diretrizes e ações de prevenção e combate à violência contra as mulheres, assim como de assistência e garantia de direitos às mulheres em situação de violência, conforme normas e instrumentos internacionais de direitos humanos e legislação nacional. (Brasil, 2004, p.2).

Tal política tipifica a violência contra a mulher como um ato contra a integridade humana, que inclui impacto direto no direito à vida, à saúde e à integridade física. Na Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres (2011), é possível encontrar dados que confirmam que 20% das mulheres, em 2001, confirmaram ter vivenciado a violência doméstica, sendo que esse número avançaria a 42% no que concerne a outros tipos de violência contra a mulher, que incluiria, ainda, a exploração sexual e o tráfico de mulheres. A UNESCO, citada no mesmo documento, no mesmo ano, afirmou que uma em cada quatro ou três menores de 18 anos já poderia ter passado por situações de abuso sexual no mundo.

A esse modo, pode-se concluir, como já dito anteriormente, que mesmo com todas as tentativas de se exterminar a violência contra a mulher, ela ainda impera em nossa sociedade. Safiotti (1999) denuncia outro possível motivo para essa recorrência de casos, que seria o fato

da falta de preparo e qualificação dos profissionais de todas as áreas (saúde, educação, ministério público, polícia) que trabalham com essa parcela da população.

Alguns dados recentes podem ser retirados do registro do serviço 180<sup>8</sup>, oferecido pela Secretaria de Políticas para as Mulheres do Paraná (SPM/PR). Nesse banco de dados, foram registrados 79.661 casos de denúncia no período de janeiro a julho de 2018 (sendo 37.396 referentes à violência física e casos de homicídio, e 26.527 concernentes à violência psicológica). O que chama ainda mais a atenção é o fato de 63.116 casos serem classificados especificamente como violência doméstica, pelo próprio programa (serviço 180).

Dados do Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos (2019) revelam que, de 2018 para 2019, o total de tentativas de feminicídio denunciadas por meio do Ligue 180 aumentou 74,6%, com valores de 2.075 para 3.624 notificações.

A maior ocorrência de violência contra as mulheres, em sua maioria ligada ao ambiente doméstico e às relações maritais, faz com que esse tema seja amplamente debatido e estudado nos centros acadêmicos no exterior e não no Brasil. Tal escassez de estudos em âmbito nacional prejudica a compreensão do fenômeno, e se realmente se restringir ao ambiente doméstico se tornará uma forma de ocultar um fenômeno não menos importante que é a impossibilidade de desconsiderar que outros grupos específicos também vivenciem a violência, como é o caso dos jovens acadêmicos solteiros (Caridade & Machado, 2006, p.485).

Teles e Melo (2003) confirmam que a violência contra a mulher está intrinsecamente ligada à discriminação e ao preconceito, mas destacam, nesses dados estatísticos, a violência relacionada ao assédio sexual, ao estupro, às lesões corporais, às ameaças e aos assassinatos, ora vistos pela opinião pública e mídia referindo-se a uma situação escandalosa, porém, rodeada

---

<sup>8</sup> A Central de Atendimento à Mulher é um serviço de utilidade pública gratuito, oferecido pelo MDH em todo o Brasil e outros países, voltado ao acolhimento da mulher vítima de violência e registro das denúncias de violência. Funciona 24 horas todos os dias, incluindo feriados e fins de semana.

de tabus, ora vistos como fatos extremamente violentos que participam de um cotidiano ainda muito distante de ser resolvido.

Com relação à discriminação e ao preconceito, as autoras afirmam que a origem da primeira estaria ligada a toda formação histórica e cultural, com base no desrespeito e na desconsideração instituídos com base no papel da mulher. Em outras palavras, o patriarcado e a heteronormatividade restringiram, anularam e limitaram a importância dos direitos das mulheres, levando-as a serem excluídas dos direitos humanos. O preconceito, por outro lado, embasa-se na ideia e na imagem de submissão da mulher em todas as frentes da sociedade.

Adentrando, desse modo, o conceito de violência contra a mulher, é possível subdividi-lo em alguns tipos específicos, segundo a Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres (2011): violência doméstica; violência sexual; abuso e exploração sexual de mulheres; assédio sexual e moral no trabalho; tráfico de mulheres e violência institucional.

A violência doméstica é proposta pela Lei 11.340/2006 e citada pelo documento como

Qualquer ação ou omissão baseada no gênero que cause à mulher morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial no âmbito da unidade doméstica, no âmbito da família ou em qualquer relação íntima de afeto, na qual o agressor conviva ou tenha convivido com a ofendida, independentemente de coabitação. (Secretaria Especial para Enfrentamento das Mulheres e Presidência da República, 2011 p. 9).

Sobre esse tema o Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos (2019) apresenta, no período de 2018 a 2019, o total de 129.923 denúncias, por meio do Ligue 180.

A violência contra a mulher viria a englobar outros tipos de violência, como a chamada violência física, isto é, “qualquer conduta que ofenda a integridade ou saúde corporal”, que Teles e Melo (2003) afirmam ser as nomeadas Lesões Corporais na Lei 9.009/2005. Isso se deve à definição de lesão corporal como a afronta à integridade corporal e à saúde, levando à incapacitação da vítima para a realização de suas atividades diárias, o risco de vida e de

debilidade. Os autores, ainda, afirmam ser o tipo de violência de maior número de denúncias. Dados do Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos (2019) confirmam uma diminuição dessas denúncias no período de 2018 a 2019, de 3.260 a 1.897 notificações.

Outro tipo de violência, segundo a Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres, é a chamada de violência psicológica, que diz respeito a qualquer conduta que venha a “acarretar prejuízo emocional, de autoestima, de desenvolvimento por meio de degradação ou controle por ameaça, manipulação e constrangimento de ações, comportamentos, crenças e decisões” (2011 p.9). Nesse tipo de violência, pode-se, ainda, encontrar atitudes relacionadas à limitação do direito de ir e vir.

De acordo com Safiotti (1999), os tipos de violência nunca ocorrem sozinhos, sendo a violência psicológica sempre presente, uma vez que a quebra de integridade e obrigação de suportar o destino de gênero já é representante de um tipo de agressão. No entanto, a violência psicológica nem sempre é percebida pelas mulheres. O Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos (2019) afirma que não houve denúncias desse tipo de violência no ano 2019, o que seria impossível ocorrer, a não ser, como dito anteriormente, pela desinformação sobre o que é esse tipo de violência.

Conta-se, ao mesmo tempo, com o subtipo da violência sexual em que o acusado de ação do crime se utiliza de constrangimento, intimidação, coação, ameaça ou uso da força para presenciar, manter ou participar de relação sexual não desejada. Segundo a Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres, qualquer tipo de “ato sexual que impeça o uso de métodos contraceptivos, forçando a gravidez, o aborto ou a prostituição, também são considerados tipos de violência sexual” (2011, p.10).

Para Ramos e Bernardo (2019), certas atitudes, crenças ou comportamentos podem ser pontos cruciais para o risco de coerção ao ato sexual forçado. Entre eles, é possível citar: i) fatores individuais, como idade, escolaridade, estado civil, status socioeconômico, exposição

de abuso na infância, doença mental, personalidade antissocial, consumo de substâncias, tolerância à violência, falta de capacidade de reconhecimento do risco da violência e autoestima; ii) fatores relacionais, a exemplo da infidelidade e da existência de múltiplos parceiros; iii) fator comunitário como a falta da prática de punição do crime; iv) fatores sociais, tal qual a desigualdade de gênero, a falta de segurança nos ambientes físicos, a falta de suporte e estrutura familiar, os sistemas de crenças religiosas e/ou culturais, as sanções legais em vigor, as normas sociais e político-econômicas.

Teles e Melo (2003) complementam o conceito de violência sexual embasado no termo abuso sexual, que se qualifica como uma insistente perseguição agressiva a favor de se obter vantagem ou benefício sexual com base na ideia de superioridade hierárquica. Cantadas, gestos, comentários, afixação de material pornográfico, atitudes inconvenientes ocorrem a todo tempo em escolas e ambientes de trabalho, tanto que dados de pesquisas indicam que 52% das mulheres, no Brasil, confirmam ter passado por tal situação, que gera, na vítima, “medo, tensão, irritabilidade, crises de choro e outros muitos danos à saúde” (p.37).

Teles e Melo (2003) classificam de modo diferente assédio sexual e abuso sexual, sendo o último, portanto, a tentativa de obtenção de vantagem sexual a partir do ato de perseguir e constranger o outro, física ou emocionalmente, legitimados pela ideia de superioridade hierárquica. Os assédios sexuais contra as mulheres, para as autoras, são muito comuns no âmbito profissional, havendo dificuldade de a sociedade brasileira reconhecer o ato como um tipo de violência.

O estupro é o ato de constranger e ter relações sexuais sem consentimento e mediante violência física, psicológica em esfera pública ou privada, com conhecido ou não da vítima. Teles e Melo (2003) afirmam ainda que o estupro tem por base o uso da sexualidade como manifestação de força, ódio, vingança, poder.

Outro tipo comum de violência contra a mulher é a violência do tipo patrimonial, que diz respeito à “retenção, subtração, destruição parcial ou total dos objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos” (Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres, 2011, p.9) e foi denunciada, nos anos de 2018-2019, em 219 notificações. E, por fim, dentro da concepção de violência doméstica contra a mulher, há a violência moral, o comportamento de caluniar, difamar ou injuriar a vítima.

Em relação às “ameaças”, em 1999, foram registradas 107.999 denúncias que, segundo Teles e Melo (2003), dizem respeito a qualquer tipo simbólico de intimidação e tentativa de exercício de poder sobre a mulher, também criando o desfecho de sintomas de danos mentais, como “insegurança, desorientação, medo, incapacidade de tomada de atitude, paralização e submissão” (p.48). Já em 2018-2019, o Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos (2019) apresentou um aumento de 46%, saltando de 2.383 para 3.482 notificações.

Não é possível articular o tema da violência contra as mulheres sem também considerar o tráfico de mulheres, que inclui

[...] o recrutamento, o transporte, a transferência, o alojamento ou o acolhimento de pessoas, recorrendo à ameaça ou uso da força ou a outras formas de coação, ao rapto, à fraude, ao engano, ao abuso de autoridade ou à situação de vulnerabilidade ou à entrega ou aceitação de pagamentos ou benefícios para fins de exploração. (Brasil, 2004 p.10).

Dentro desse contexto, afirma-se existir processos de prostituição, exploração sexual, escravatura ou servidão e até tráfico de órgãos.

Quando a violência contra a mulher engloba crianças e jovens, na Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres (2011) utiliza-se da sigla ESCCA, o mesmo que “exploração sexual comercial de mulheres adolescentes/jovens” e fere, além do Código Penal Brasileiro, o Estatuto da Criança e do Adolescente. Essa violência, de acordo com o manual,

está comumente ligada à prostituição, à pornografia, ao tráfico com fins sexuais e ao turismo sexual de menores de 18 anos.

Santi, Nakano e Lettiere (2010) afirmam que, apesar da legislação recente e pouco eficaz, as mulheres têm como preferência inicial a busca por ajuda no seu próprio meio social, isto é, junto a familiares e amigos, enquanto o suporte de serviço de saúde e delegacias são procurados a depender da percepção que elas têm da gravidade do seu estado, principalmente, porque, na realidade, as mulheres acreditam que o que ocorre nesses meios jurídicos e de saúde são situações de desamparo, gerando descrença. As autoras, a esse respeito, fazem ainda uma ressalva, afirmando que muitos dos conselhos dados por familiares podem ser interpretados de maneira errônea ou próximos a uma perspectiva heteronormativa, que derivam em mais sofrimentos e agravos físicos e psicológicos.

Nesse sentido, a violência institucional é conceituada, na Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres (2011), como violência direcionada a mulheres que, em situação de violência, são, muitas vezes, “revitimizadas” nos serviços pelos atos dos próprios funcionários. Dito de outra maneira, “são julgadas; não têm sua autonomia respeitada; são forçadas a contar a história de violência inúmeras vezes; são discriminadas em função de questões de raça/etnia, de classe e geracionais” (p.11).

Como já mencionado, apesar das inúmeras tentativas, mediante leis e políticas públicas para erradicação de tal situação, estudos confirmam que o chamado “pacto do silêncio”, até o presente momento, predomina nos casos, tanto em relação à omissão da vítima, quanto aos que estão ao redor e podem perceber algum tipo de sinal, o que corroboraria a perpetuação do ciclo vicioso do agressor com a vítima. O Núcleo de Gênero MPSP (2018), em sua pesquisa, confirma que o feminicídio poderia ser considerado uma morte evitável se as vítimas procurassem registrar o boletim de ocorrência ou a obtenção da medida protetiva.

Mesmo com o pacto do silêncio no momento da denúncia, dados de pesquisas apresentados à Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres (2011) demonstram que, ainda assim, a violência contra a mulher é considerada um problema preocupante para a população feminina, assumido em pesquisa, por 55% da população brasileira, como um dos três principais problemas que afligem essa parcela da população.

Casique e Furegato (2006), a respeito da violência contra a mulher e seus desdobramentos, asseveram que o desfecho desses casos é extremamente grave, com consequências internas e externas à mulher violentada. Em suas palavras,

A violência pode estar presente em todos os âmbitos da vida da mulher e pode se manifestar de diferentes formas e em diversas circunstâncias através do seu ciclo evolutivo (a violência física, a violência psicológica e a violência social) sendo reforçada pelas religiões e pelos governos através de normas e códigos. Muitos estudiosos analisam a violência e todos concordam que trata-se de um fenômeno que deteriora a integridade da mulher, dando como consequências uma saúde deficiente, transtornos familiares e do grupo social. Dentre as consequências para a saúde da mulher podem-se destacar, as complicações físicas e as psicológicas que produzem incapacidade importante na mulher sem esquecer as consequências sociais que em ocasiões impossibilitam na de deixar esse lar violento aonde se violam suas garantias individuais e denigrem sua individualidade. (p.7)

Ramos e Bernardo (2019) complementam que não há como saber se as consequências da violência contra a mulher serão, para a vítima, de curto ou longo prazo, especificamente psicológicas ou físicas, se haverá determinada reação ou não, pois isso dependerá do abuso sofrido, da duração e da percepção subjetiva de cada um. No entanto, pode-se constatar, segundo as autoras, vários relatos de quadros psicológicos – a exemplo de “depressão, ideação suicida, fobias sociais, ansiedade, estresse pós-traumático, síndrome do trauma de violação, distorções cognitivas” – e fisiológicos – como “fadiga, perturbações do sono, vômitos, problemas alimentares, reprodutivos e sexuais”. Por vezes, como esclarecem as autoras, as vítimas passam a desenvolver também o “abuso de substâncias, ter dificuldades interpessoais (que inclui a disfunção sexual), culpa e a raiva extremas” (pp.10-11).

Por fim, D'Oliveira (2019) enfatiza que reconhecendo os diferentes e significativos tipos de violência contra a mulher e o quanto essa situação vem se proliferando na sociedade, torna-se cada vez mais importante a criação de estratégias de prevenção à violência, de cuidado com a vítima e de responsabilização dos agressores. No entanto, Maito, Panuncio-Pinto, Severi e Vieira (2019) afirmam que as leis ainda se encontram em edificação no Brasil, visto que nem sempre são cumpridas de forma efetiva ou como já dito, podem levar a mais um tipo de violência, a institucional ou revitimização, ou seja, violências praticadas em instituições que prestam serviços públicos e empresas privadas que deveriam acolher e cuidar da população feminina.

Em meio às instituições incluídas nesse contexto de violência, encontram-se: postos de saúde, hospitais, delegacias, poder judiciário, escolas e Instituições de Ensino Superior. Estas constituem o *corpus* investigativo deste trabalho, à medida que, na próxima seção, busca elucidar e aprofundar as discussões acerca da violência contra a mulher nesses espaços.

## 2. UNIVERSIDADES COMO CONTEXTO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Segundo Venturini (2017), o processo de escolarização no Brasil, desde a colonização, organizou-se a partir das desigualdades de gênero, étnico-raciais e socioeconômicas, o que incluiu o Ensino Secundário, uma vez que esses espaços públicos eram direcionados apenas a homens brancos da classe alta, em formato de privilégio.

Na década de 1970, um progresso na inclusão das mulheres na universidade se destaca, porém elas representavam apenas 26% do total de alunos inscritos no Ensino Superior, o que demonstra a desigualdade de gênero que imperava, conforme Venturini (2017). Além disso, para o público feminino, eram selecionadas, em sua maioria, apenas vagas que estivessem ligadas à função estereotipada de cuidado e educação, sugerindo uma extensão do espaço doméstico que a ela cabia até então. Assim sendo, as vagas eram predominantes nos Cursos Normais, focados em Ciências Humanas e Letras.

Identifica-se, nesse sentido, uma perspectiva de inferioridade em relação à formação no curso Normal em detrimento da formação universitária, pois o ensino universitário, de acordo com Venturini, “representa a possibilidade de ascensão social e concorrência por melhores postos de trabalho” (2017, p.3).

Como dito anteriormente, o aspecto do gênero, a questão racial e de classe também contribuem para as discrepâncias relacionadas à oportunidade de estudos em universidades públicas para negros, pardos, indígenas, estudantes de escola pública. A autora considera que a tentativa de mudança desse aspecto sociocultural aconteceu com o advento dos programas de reservas de vagas ou cotas. Assim, ser mulher e ainda fora dos padrões raciais impostos na sociedade brasileira por muito tempo dificultou e dificulta, ainda mais, o acesso à escolarização superior.

De acordo com Beltrão e Alves (2009) em 1991, o número de alunas mulheres se equiparou ao número de homens nas instituições de Ensino Superior. Os dados do INEP

mostram uma curva ascendente no número de mulheres de 1999 a 2015, chegando à superioridade populacional, no ano de 2015, com o total de 58,99% de conclusão em cursos presenciais. Em 2018 o INEP, apresentou seus últimos dados acessíveis, confirmando que as mulheres continuavam sendo a maioria na população estudantil (55,8% do total de alunos) e de funcionárias nas instituições de Ensino Médio (54,5% do total).

Venturini (2017), a respeito da superioridade numérica feminina nas universidades, adverte que isso não significa igualdade entre os gêneros, visto que as mulheres continuam se formando em “carreiras de menor prestígio” (p.4) e são em menor número “na concessão de bolsas de produtividade em pesquisa” (p.14).

Para D’Oliveira (2019) essa desigualdade de gênero em relação à educação no Ensino Superior e às escolhas profissionais são percebidas nas universidades, não apenas em meio ao corpo discente, mas também na menor ocupação de cargos de poder e conselhos científicos, assim como:

(...) nas piadas de conteúdo misógino ou machista em salas de aula – como aquelas que afirmam a menor capacidade intelectual das mulheres (ilustradas na fala “estou repetindo porque têm mulheres na sala”, por exemplo) – e no medo internalizado de investidas sexuais indesejadas, que regula a vida de mulheres jovens de formas muitas vezes quase naturalizada e banalizada. (p.4).

Na perspectiva de Maito, Panuncio-Pinto, Severi e Vieira (2019), tais vivências são consideradas violência contra a mulher, mas podem também extrapolar esse aspecto e ainda tornarem-se violência institucional, definida, pela Organização Mundial da Saúde, como a instituição provocadora da violência ou omissa ao enfrentamento da mesma.

Para Valls *et al.* (2007) os Estados Unidos foram os primeiros a organizar pesquisas sobre a temática violência contra a mulher nas universidades e programas de prevenção e superação da violência, juntamente a Espanha. Nos seus estudos os países apresentam dados

coletados sobre as formas de violência, bem como, a forma que organizaram programas de prevenção e superação da violência.

De qualquer forma, é impossível negar que existem diversos tipos de violência no ambiente universitário brasileiro, cujo foco principal é a mulher, e que a população já vem percebendo e denunciando esse fato. Maito, Panuncio-Pinto, Severi e Vieira (2019) colaboram com dados da pesquisa feita pelos institutos Avon e Data Popular, que revelam que 67% das entrevistadas de universidades de todo o país afirmam já terem enfrentado algum tipo de violência, incluindo a violência dita “interpessoal”, uma vez que os autores, colegas de cursos, professores e funcionários fazem parte da instituição, são, dessa maneira, representantes de um espaço público e social (Bandeira, 2017).

Zotareli (*et al.*, 2012) em sua pesquisa com estudantes universitárias do estado de São Paulo, apresentam que 56,3% das alunas declararam ter sofrido algum tipo de violência no meio acadêmico desde o início dos estudos (Psicológica, emocional ou sexual). Enfatiza-se como perfil das estudantes violentadas: ser em sua maioria solteira, moradora de residência universitária, dos cursos de biológicas e humana, não ter uma relação íntima com algum tipo de religião e dos cursos de graduação.

Linhares e Laurenti (2018) também entrevistaram alunas universitárias e conseguiram colher vivências da violência contra a mulher que, segundo as autoras, demonstram a tentativa de dominação masculina nesse ambiente. Em suas palavras, essas vivências relacionam-se a

[...] I) comportamentos abusivos na forma de brincadeiras e piadas; II) estereótipos de professores abusadores; III) o caráter gradativo do abuso; IV) a proposta de sexo em troca de notas, ilustrando o manejo de reforçadores e punidores típicos do contexto acadêmico. Além disso, foram descritos, com base nos relatos, os efeitos acadêmicos, psicológicos e sociais negativos para as alunas da situação de assédio sexual, assim como os comportamentos delas perante os comportamentos abusivos dos professores, dentre os quais se destaca o comportamento de aquiescer, que pode acabar reforçando o comportamento abusivo do professor. (p.245).

As autoras ainda destacam o risco da relação abusiva entre professor e aluna, no que concerne à hierarquia que dá ao docente poder e privilégio acadêmico, usado como justificativa, diante do domínio das mulheres, no caso, alunas, para fins não acadêmicos, como o abuso sexual.

Em relação à coerção, ao abuso ou assédio sexual, Ramos e Bernardo (2019) asseveram que é comum, no meio estudantil, surgirem relatos onde mulheres são vítimas dessas experiências. Todavia, as próprias autoras afirmam que tais experiências não se tornam, na maioria das vezes, denúncias. Isso ocorre devido à legitimação cultural da violência sexual, que leva a uma falta de “consciência da gravidade destes comportamentos” (p.14). No meio acadêmico, os exemplos desses comportamentos naturalizados pela cultura são diversos, como: relações sexuais com outra pessoa além do parceiro, parceiros sexuais ocasionais e relações sexuais sob o efeito de álcool ou de drogas.

Bandeira (2017) destaca que os trotes, rituais de passagem realizados com imposição de hierarquia de veteranos sobre os calouros, são vivências que mais contribuem para a degradação de uma convivência saudável entre os estudantes e, principalmente, para a violência contra a mulher. Segundo a autora, nessas atividades “o corpo feminino passa a ser objeto de desejo e escárnio” (p.59).

Para D’Oliveira (2018), a violência sexual tem grande impacto na saúde das vítimas. Os casos de instalação de depressão, as tentativas de suicídio, os problemas de saúde reprodutiva são alguns dos impactos mencionados. No entanto, a autora observa ainda um desdobramento no que diz respeito ao desempenho acadêmico, nas dificuldades de aprendizagem, e até mesmo o abandono dos estudos.

Para enfrentar essas violências no interior dos câmpus, as estudantes têm se mobilizado na formação de grupos ou coletivos de resistência (D’Oliveira, 2019; Maito, Panuncio-Pinto, Severi e Vieira, 2019; Moresco e Langnor, 2017). Em algumas instituições é possível citar,

muitas vezes, mais de um exemplo de movimentação contra a violência de gênero nas universidades, que se comprometem com a realização de “marchas, debates, discussões em classe, campanhas e reflexões, buscando tanto a prevenção de novos casos quanto o cuidado efetivo aos casos existentes e a responsabilização dos agressores” (D’Oliveira, 2019, p.4).

Maito, Panuncio-Pinto, Severi e Vieira (2019) afirmam que, desde a década de 1990, nos EUA, a criação dos movimentos com a temática vem tomando força a ponto de ser criado, na legislação nacional, normas a serem seguidas nas universidades do país, com a finalidade de erradicar a violência nessas instituições. Os autores mencionam a importância de diretrizes como esforços para a erradicação da violência nas universidades, tais como as colocadas em prática pelo governo do Reino Unido desde 2001, onde, como punição aos atos, têm-se inclusive sanções graves mediante processos disciplinares.

No Brasil, a USP é pioneira nesse tipo de ação, conta com grupos e movimentos estudantis, a exemplo da “Rede Não Cala!”; da participação no projeto da ONU mulher “HeforShe”; da criação do Escritório USP Mulheres; além dos projetos específicos a cada câmpus – CAV-Mulheres USP-RP, Comissão de Violência de Gênero da FDRP, Comissão de Direitos Humanos do curso de Direito. A partir desses grupos e movimentos estudantis, promoveu o documento “Diretrizes gerais para as ações institucionais de intervenção diante de situações de violência ou discriminação de gênero ou orientação sexual”, que conta com parâmetros e normas de ação que devem ser realizadas por esses grupos em casos de violência, principalmente contra as mulheres.

Moresco e Langnor (2017) enfatizam a importância dos agrupamentos feministas e sua luta pelo protagonismo feminino para a formação dos grupos contra a violência de gênero nas instituições universitárias. As autoras nomeiam, por exemplo, os movimentos secundaristas e universitários das instituições do Paraná, criados em 2016 como “novos feminismos” e que

visam à realização de ações contra a sexualização, precarização e não “permissão” de determinadas expressões do corpo.

Cabe, por fim, fazer uma ressalva sobre a violência contra a mulher na universidade: artigos e trabalhos científicos sobre esse tema são escassos, como se constatou na revisão de literatura nas plataformas de consulta Scielo e Portal de Periódicos da Capes no Brasil. Além disso, o que não foi citado em pesquisas já publicadas sobre o tema e que gerou a interrogação para a presente dissertação é o movimento que pode se formar fora dos muros da instituição, se apoiando nas redes sociais. A grande maioria do público estudantil das universidades é composta por jovens para quem a cibercultura, na atualidade, constitui-se um ambiente de convivência, inter-relação, desenvolvimento pessoal e social (Prioste, 2016). Por esse motivo, encontrar as páginas “Ele é da...” e analisá-las pode contribuir muito para as discussões sobre esse tema, dar voz as mulheres poderia permitir ações de mobilizações semelhantes.

### 3. PERCURSO METODOLÓGICO

Segundo Strauss e Corbin (2008), a pesquisa científica demonstra eficiência e legitimidade quando utiliza metodologias que correspondem a um processo formal e sistemático de obtenção de informações e conhecimentos. Os autores afirmam que as técnicas e os instrumentos utilizados para a coleta e análise de dados nesse processo devem ser previamente escolhidos e compõem o método. Ambos os aspectos, metodologia e método, portanto, precisam estar claramente descritos para que se possa mostrar seu percurso e a chegada ao objetivo de estar o mais próximo possível da veracidade dos fatos, o que será elucidado neste capítulo.

A presente dissertação apresenta uma pesquisa com o objetivo de descrever e analisar as denúncias de jovens universitárias de violência contra mulher expostas na rede social *Facebook*.

Sendo assim, foi reconhecida a necessidade de partir da perspectiva de uma pesquisa do tipo quanti-qualitativa, para chegar a outra, que utiliza um conjunto de procedimentos de análise estatística em suas inferências ou na coleta de dados, bem como a imersão do(a) pesquisador(a) no contexto a ser estudado, aproximando-se diretamente dos sujeitos da pesquisa e de suas experiências. É importante esclarecer que a pesquisa qualitativa é considerada uma abordagem que valoriza as experiências pessoais dos participantes incluídos nos documentos, ponderando que o objeto de pesquisa não é conjunto variável que pode ser padronizado ou mensurado e, sim, conhecido, discriminado, observado e descrito (Gil, 2007).

Desse modo, a presente pesquisa, também, com base em seus objetivos, pode ser definida como uma pesquisa exploratória-descritiva. Uma investigação exploratória tem como objetivo a familiarização do pesquisador com o problema, o aprimoramento de ideias e novas descobertas a respeito do fato por meio de levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas e análise de exemplos. Enquanto o estudo descritivo, visa a descrever “características de

determinada população, ou fenômeno ou, então, [a]o estabelecimento de relação entre variáveis” (p.42).

Concernente à abordagem de coleta de informações, esta pesquisa é do tipo análise documental que, segundo Gil (2007), se utiliza da contribuição de materiais de primeira mão, melhor dizendo, que não receberam tratamento analítico. A análise qualitativa dos dados realizada pela autora, partiu da Análise de Conteúdo de Bardin (2010), que tem por objetivo a descrição do conteúdo manifesto e latente, no caso, das denúncias selecionadas das páginas do *Facebook*; principalmente pela análise de Frequência de Palavras, que corresponde a análise de padrões que se repetem.

Para o exame dos dados de forma quantitativa, contou-se com a ajuda do software NVIVO, empregado na organização e análise de informações por intermédio da gerência de dados (virtuais, documentos do Word, PDFs, arquivos de áudio, tabelas de banco de dados, planilhas, vídeos e imagens). As ferramentas de consulta do NVivo permitem a descoberta de tendências entre os dados e utilizam-se de recursos automáticos de análise e detalhamento de dados que são apresentados a partir de modelos de nuvem de palavras, gráficos, entre outros. Nesta pesquisa, lançou-se mão das ferramentas “Nuvem de Palavras”, que apresenta, em formato de quadro, as palavras usadas com maior frequência, e “Codificação por código”, na qual o pesquisador realiza buscas de relatos utilizando palavras-chaves inseridas no espaço destinado à inserção de conteúdo, intitulado tema<sup>9</sup>. Ao solicitar a busca, o software relaciona todos os relatos em que as palavras-chaves (ou os temas) aparecerem.

### **3.1. Procedimentos**

---

<sup>9</sup> O “Nó” corresponderia ao ponto de entrelaçamento de relatos e palavras cujos sentidos estão relacionados a determinado assunto, também chamado de “tema”.

A primeira parte do trabalho contou com uma revisão de literatura que trata de violência, violência contra a mulher e violência nas universidades. Em seguida, delimitou-se o problema, a hipótese, os objetivos e, por fim, os dados importantes a serem consideradas nos documentos pesquisados para essa dissertação. Nessa fase, foram utilizadas as seguintes fontes bibliográficas como materiais para a pesquisa: livros, artigos impressos e on-line, e notícias sobre a violência contra a mulher, especificamente nas universidades, discutida nesta investigação.

O segundo momento da pesquisa concentrou-se na obtenção do material a ser utilizado como *corpus*, em outras palavras, na busca por páginas da rede social *Facebook* que possibilitassem a denúncia da violência dentro das instituições de Ensino Superior do Estado de São Paulo, com o intuito de encontrar os relatos de casos. Desse modo, foi possível chegar às páginas de maior aceção: “Ele é da USP”, “Ele é da UNESP Araraquara”, “Ele é da UNESP Bauru” e “Ele é da UNIFESP”. A data do primeiro recrutamento de relatos foi 26 de março de 2019, sendo transcritos na íntegra, em tabelas do programa Excel, todos os relatos postados até 26 de janeiro de 2020, para serem aplicados ao programa NVIVO.

Com o programa NVIVO, foi possível elaborar um gráfico com a recorrência das palavras em formato ilustrativo de “nuvem de palavras” e formação dos “Nós”. Os eixos nodais são os valores semânticos identificados nos relatos baseados nas palavras mais repetidas.

As mesmas palavras foram utilizadas como categorias de conteúdo a serem exploradas e aprofundadas em uma análise qualitativa de conteúdo, ou seja, correlacionando os temáticas desenvolvidas, ligando os dados e as ilustrações das denúncias com a literatura de referência. E, posteriormente, aprofundou-se as descrições utilizando-se como ponto de partida os questionamentos: “Como e quem vivência a violência?”; “Qual o perfil do sujeito que é descrito como quem pratica a violência?”. Nessa fase, descreveu-se, portanto, os fenômenos apresentados nas denúncias, correlacionando os temas mais significativos. Desse modo, foram

criadas as seguintes categorias temáticas: Caracterização das pessoas vitimadas, Caracterização de locais e eventos, Classificação e caracterização dos tipos de violência, Descrição do perfil do perpetrador da violência.

No que concerne aos aspectos éticos, é importante explicitar que os administradores das páginas selecionadas já se organizaram para garantir a proteção e o sigilo dos nomes dos participantes expositores de opiniões e dados, ou seja, responsabilizaram-se diretamente pelo sigilo e anonimato dos participantes. Por se tratar de uma pesquisa que utiliza dados públicos, porém anônimos, publicados em rede social, não houve necessidade de solicitação de consentimento livre e esclarecido. Portanto, é possível afirmar que as análises contaram com uma estratégia indireta de investigação, que concebe o encontro com temas destacados de um material, e não com os sujeitos propriamente ditos.

### **3.2. Descrição do material e objeto de estudo**

A pesquisa tem como objeto de estudo publicações divulgadas em páginas do *Facebook* que discorrem sobre assuntos relacionadas à violência contra a mulher no espaço institucional público de Instituições de Ensino Superior do Estado de São Paulo. Segundo Correia e Moreira (2014), o *Facebook* é uma mídia social e rede social virtual, ou seja, um website que interliga seus usuários<sup>10</sup>. Os autores afirmam que o intuito de seus criadores, quatro colegas de quarto da Universidade de Harvard, era ajudar alunos de universidades dos Estados Unidos a se conhecerem a partir de fotografias.

Até o final do primeiro mês de criação, mais da metade dos estudantes de Harvard foi registrada no serviço, posteriormente incluindo as universidades de Boston, Stanford, Columbia

---

<sup>10</sup> A rede social foi lançada com o nome de *Facebook* em 4 de fevereiro de 2004. Antes disso, em 2003, era chamada de *Facemach*.

e Yale. Por fim, tornou-se a maior rede social do mundo, em que qualquer pessoa acima de 13 anos pode participar, chegando a alcançar dois bilhões de usuários em todo mundo em 2016, já como empresa e propriedade privada “Facebook Inc” (com o passar do tempo esses números aumentaram).

No Brasil, a rede social atingiu o seu ápice em 2012, ao atingir o número total de 36,1 milhões de visitantes. O *website* é gratuito para os usuários e gera receita proveniente de publicidade, incluindo banners, destaques patrocinados no *feed* de notícias e grupos patrocinados. O intuito é que seus usuários criem perfis que contenham fotos e listas de interesses pessoais, e depois troquem mensagens privadas ou públicas entre si e com participantes de grupos de amigos. Além disso, nessa rede são encontradas funcionalidades como: mural, presentes, botão de curtir e cutucar, página de eventos e status (Correia & Moreira, 2014). Sendo assim, tanto o fato de ter iniciado nas universidades, quanto a grande influência exercida na sociedade brasileira levaram à seleção dessa rede social, enquanto suporte de um espaço de denúncia da violência contra a mulher na cybercultura.

O primeiro acesso às páginas “Ele é da...”, pela autora, ocorreu durante o mestrado, em vista dos comentários de muitas alunas sobre as informações ali contidas e dos debates entre elas sobre a importância desse espaço de denúncia. Em um segundo momento, a autora colocou, na área de busca do *Facebook*, as palavras-chaves relacionadas às páginas “Ele é da...”, encontrando, assim, um total de cinco: “Ele é da USP”, “Ele é da UNESP Bauru”, “Ele é da UNIFESP”, “Ele é da UNESP Araraquara” e “Ele é da UFMG”.

A última foi descartada pelo fato de a IES não se encontrar no Estado de São Paulo como as demais, heterogeneidade espacial e sociocultural que poderia alterar algumas análises, e por ter um número muito restrito de relatos.

Antes de apresentar os materiais vê-se a importância de explicar a respeito das Instituições representadas nas páginas. A esse modo, a Universidade de São Paulo (USP, 2019),

é uma universidade pública e, como o próprio nome diz, mantida pelo Estado de São Paulo, além de ligada à Secretaria de Desenvolvimento Econômico inicialmente quando foi criada em 1934. Destaca-se em diferentes rankings mundiais<sup>11</sup> que avaliam a qualidade das universidades, o que a torna prestigiada e leva milhares de estudantes no Brasil e no Mundo a desejarem frequentá-la.

É considerada a universidade pública que mais dispõe de vagas em cursos de graduação e pós-graduação, sendo a primeira formada por 183 cursos de graduação dedicados a todas as áreas do conhecimento, com mais de 58 mil alunos matriculados, e a segunda composta por 239 programas de pós-graduação, com cerca de 30 mil matriculados.

Nesse contexto, a USP (2019) tem sido responsável por mais de 20% da produção científica brasileira, nos seus mais diversos campus: São Paulo, Bauru, Lorena, Piracicaba, Pirassununga, Ribeirão Preto, Santos, São Carlos. Além dos alunos, conta com cerca de 5.383 docentes e 13.368 técnicos administrativos.

A Universidade Estadual Paulista (UNESP, 2019), juntamente com a USP, é considerada uma das maiores e mais importantes universidades brasileiras e é também mantida pelo Governo do Estado de São Paulo. Foi criada em 1976, a partir da reunião de institutos isolados de Ensino Superior em atuação em várias regiões do Estado. Atualmente, é formada por 34 unidades, divididas em 24 cidades, que oferecem cursos de graduação e pós-graduação de qualidade científica comprovada em rankings mundiais e nacionais. A universidade conta com 3,7 mil professores e mais de 6,7 mil funcionários atuando na oferta de 136 cursos de

---

<sup>11</sup> Como exemplos, segundo o relatório mundial de 2020 da SCImago Institutions Rankings (<https://www.scimagoir.com/rankings.php>), a USP está classificada na sexagésima primeira posição mundial entre as melhores instituições de ensino e pesquisa internacionais. Em 2018, encontrou-se na trigésima sexta colocação do University Ranking by Academic Performance (URAP - <https://www.urapcenter.org/2017/world.php?q=MS0yNTAw>) sendo considerada, ainda, como a melhor universidade iberoamericana.

graduação, que levam o vestibular elaborado pela VUNESP a ser também um dos mais disputados do país, e formando cerca de 5,6 mil novos profissionais. Cerca de 38 mil alunos estão inscritos na graduação e 14 mil alunos nos 149 programas de pós-graduação atualmente (Unesp, 2019).

Além de referência nas pesquisas, a UNESP ainda conta com atendimentos à população: hospitais veterinários, centros de odontologia, oncologia, jurídico social, laboratórios e administração do Hospital Estadual de Bauru etc. (Unesp, 2019).

A UNIFESP (2017), é conhecida, no Brasil, como “instituição especializada nas ciências da saúde”, por ser responsável pela formação de recursos humanos qualificados no desenvolvimento da pesquisa científica em saúde e por ter se originado a partir da iniciativa privada. Assim, inicialmente “Escola Paulista de Medicina” em 1933, foi federalizada em 1956 e, em 1994, transformou-se em universidade federal, mantendo cursos de Medicina, Enfermagem, Ciências Biológicas (modalidade médica), Fonoaudiologia e Tecnologia Oftálmica.

De acordo com o histórico da UNIFESP (Univesp, 2018), em 2005, a IES ampliou seu câmpus de São Paulo para cidades/regiões próximas – Baixada Santista, Diadema, Guarulhos, São José dos Campos e Osasco –, podendo, assim, assumir novas áreas de conhecimento, como as ciências exatas, ambientais e sociais aplicadas. No momento, disponibiliza 55 cursos, sendo a forma de ingresso vinculada ao Sistema de Seleção Unificada (SISU), que estabelece, como critério de aprovação, a nota obtida pelo candidato no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Além dos cursos, de capacitação, especialização, também conta com projetos sociais.

Consoante os últimos dados de 2018, cerca de 12 mil alunos estavam matriculados em cursos de graduação e 3 mil alunos na pós-graduação, orientados por cerca de 1589 docentes e

assessorados por 4 mil servidores técnicos. A presente universidade também se destaca nos *rankings* de estudos e pesquisas do Brasil e do mundo<sup>12</sup> (Unifesp, 2018).

Retomando as páginas do facebook, estas foram selecionadas e transcritas em conformidade com a data em que foram criadas, formando as fichas que transcreviam: demanda e função da página, número de participantes e curtidas, número de publicações<sup>13</sup>.

Seguem, em destaque, duas tabelas produzidas com as informações coletadas no período de 22 de Junho de 2019 à 22 de março de 2020. A primeira tabela descreve o nome da página, data de criação, número de curtidas e seguidores e transcreve a descrição exposta pela página:

Tabela 1

*Páginas Facebook*

NOME DA PÁGINA	DATA DE CRIAÇÃO	No. DE CURTIDAS	No. DE SEGUIDORES	DESCRIÇÃO
“Ele é da USP”	08 de junho de 2016	14.314	14.282	<p>“Criada por alunas da USP, a página tem o intuito de expor abusos de quaisquer tipos contra as mulheres da Universidade de São Paulo.</p> <p>O nome foi pensado como uma forma de expor o que a USP realmente é: uma universidade (entre muitas) que tem problemas severos com os abusos provenientes do machismo do dia a dia. Queremos tirar a USP desse pedestal, uma concepção de que as vivências aqui são pacíficas e seguras para as mulheres e para as minorias quando elas NÃO SÃO!</p>

<sup>12</sup> A Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) é a quarta melhor universidade da América Latina, conforme o *Times Higher Education (THE)* de 2018, publicação da tradicional revista britânica especializada em *rankings* universitários. Ela é uma das seis universidades brasileiras classificadas no *QS Graduate Employability Rankings 2019*, elaborado pela consultoria britânica *Quacquarelli Symonds*, que contempla as 500 melhores instituições de ensino superior do mundo, considerando a empregabilidade de seus pós-graduados. - <https://www.unifesp.br/reitoria/indicadores/rankings>

<sup>13</sup> Cabe esclarecer que foram excluídos os dados concernentes aos comentários e nomes dos participantes da página, evitando, assim, quebrar o sigilo ético da pesquisa, uma vez que os comentários não são realizados de maneira anônima.

				<p><i>Queremos expor tudo que está por trás da frase “ELE É DA USP!”. Ser da Usp não significa ser melhor ou mais politizado que ninguém. As meninas dessa universidade estão sujeitas a abusos como em qualquer lugar.</i></p> <p><i>Mande seu relato por inbox e nós vamos expor todas as violências que eles praticam contra nós, que normalmente passam despercebidos.</i></p> <p><b>TODOS OS RELATOS SERÃO PUBLICADOS ANONIMAMENTE, PARA A SEGURANÇA DE TODAS AS MINAS.</b></p> <p><i>Não vamos mais nos submeter aos abusos físicos e psicológicos que os “homi” perpetuam.</i></p> <p><i>‘Mulheres da USP, uní-vas!’</i></p> <p><i>A página não se responsabiliza por eventuais comentários que sejam publicados por terceiros.”</i></p>
“Ele é da UNIFESP”	07 de setembro de 2016	4.721	4.555	<p><i>“Página criada pelas alunas da Unifesp baseada na página: ELE É DA USP, com o intuito de expor casos de machismo, racismo, lgbtfobia e diversos tipos de opressões e violências que ocorrem na universidade. Sejam eles provocados por alunos, professores ou funcionários.</i></p> <p><i>Relatos publicados anonimamente para a segurança das minas, EXPONHAM, FALEM, FAÇAM BARULHO, NÃO SE CALEM.</i></p> <p><i>A página não se responsabiliza por eventuais comentários que sejam publicados por terceiros.”</i></p>
“Ele é da UNESP Bauru”	25 de abril de 2018	2.345	2.303	<p><i>Página criada pelas alunas da Unesp Bauru com o intuito de expor casos de machismo, racismo, lgbtfobia e diversos tipos de opressões e violências que ocorrem na universidade.</i></p> <p><i>Relatos publicados anonimamente para a segurança das minas, EXPONHEM, FALEM, FAÇAM BARULHO, NÃO SE CALEM.</i></p> <p><i>A página não se responsabiliza por eventuais comentários que sejam publicados por terceiros.”</i></p>

<p><i>“Ele é da UNESP Araraquara</i></p>	<p>24 de setembro de 2018.</p>	<p>1.332</p>	<p>1.349</p>	<p><i>“Página criada por alunas da Unesp Araraquara com o intuito de expor casos de machismo, racismo, LGBTfobia, sexismo, e diversos tipos de opressões, preconceitos, assédios, abusos e violência que ocorram na universidade, praticadas por estudantes ou professores.</i></p> <p><i>Os relatos serão anônimos e não citaremos nomes enviados para prevenção de calúnias e falsos relatos, assim como para a segurança de todas as minas envolvidas.</i></p> <p><i>EXPONHAM, FALEM, FAÇAM BARULHO! NÃO SE CALEM.</i></p> <p><i>Envie seu relato anônimo pra gente:</i></p> <p><i><a href="https://docs.google.com/.../1FAIpQLSfIsPFF4AG.../viewform">https://docs.google.com/.../1FAIpQLSfIsPFF4AG.../viewform</a></i></p> <p><i>...</i></p> <p><i>A página não se responsabiliza por eventuais comentários que sejam publicados por terceiros.”</i></p>
--	--------------------------------	--------------	--------------	---

*Nota:* Páginas do *Facebook* selecionadas para a pesquisa.

A segunda tabela apresenta o número de publicações coletadas e o formato pelo qual foram realizadas:

Tabela 2

*Publicações/denúncias*

NOME DA PÁGINA	NÚMERO DE PUBLICAÇÕES/DENÚNCIAS	FORMATO DA PUBLICAÇÃO E OBSERVAÇÕES
<p><i>“Ele é da USP”</i></p>	<p>434</p>	<p>Fotografia (exigiu digitação pela pesquisadora). Os relatos são feitos de todos os câmpus na mesma página. Nem todas as denúncias especificam em qual ocorreu.</p>
<p><i>“Ele é da UNIFESP”</i></p>	<p>80</p>	<p>São postadas em formato de publicação. Os relatos são feitos de todos os câmpus na mesma página. Nem todas as denúncias especificam em qual ocorreu.</p>

<i>“Ele é da UNESP Bauru”</i>	35	Apesar de denominada Unesp Bauru, apresenta também alguns relatos de mulheres de outros câmpus da mesma instituição (cada publicação tem a seleção e apresentação do câmpus no início do relato). Quanto às denúncias, são postadas em formato de publicação.
<i>“Ele é da UNESP Araraquara”</i>	33	As denúncias são postadas em formato de publicação e enumeradas.
	TOTAL:	582

*Nota:* Número de publicações/denúncias inseridas nas páginas selecionadas no período de coleta de dados, formato das publicações e observações.

Foram analisados apenas relatos que apresentassem o teor de denúncias, ou seja, descrição escrita da imputação de um crime, o que totalizaram 557 (quinhentos e cinquenta e sete) registros. Foram excluídos relatos que tratavam de violência contra o masculino, denúncias contra a instituição, informações repetidas ou outras instituições que não estariam ligadas diretamente às universidades.





As palavras “garotas”, “mulheres”, “negra”, “calouras”, “mina”, “bêbada”, “feminista”, “gorda” e “sozinha”, que se destacam nos quadros, são características do feminino que contribuíram para a criação do tema *Caracterização das pessoas vitimadas*.

As palavras “festa”, “casa”, “república”, “universidade”, “câmpus”, “aula” e “atlética” caracterizam locais onde podem ocorrer as violências, sendo, portanto, incluídas ao tema *Caracterização de locais e eventos*.

As palavras – mais precisamente verbos de ação – “forçou”, “dizia”/”disse”, “transou”, “falou”/”falando”, “beijar”, “dormir”, “deixou”, “mandou”, “tentou”, “conversando”, “conversou”, “parar”, “drogar”, “contar”, “assediar” e “persegue” contribuíram para o maior acesso às informações sobre como ocorrem as violências e, a partir de suas características, foi possível classificá-las. Ao mesmo tempo, palavras como “namoraram”/”namoro”, “ficávamos”, “amigo”, “relacionamento” e “conheço”, na medida em que relacionam-se ao fato de vítima e abusador poderem ter um relacionamento íntimo, também constituem este segundo tema a ser investigado: *Classificação e caracterização dos tipos de violência*.

De outra parte, palavras como “abusador”, “agressor”, “professor”, “macho”, “meninos”, “machistas” e “desconstruídos” são características dadas ao masculino e se tornaram fonte para a criação do tema *Descrição do perfil do perpetrador da violência*.

#### **4.1. Caracterização das pessoas vitimadas**

É possível dizer, a partir da análise dos dados, que o perfil primordial da mulher vítima de violência na universidade é o da aluna, jovem adulta, caloura (estudante ingressante no meio universitário).

Conceição e Leão (2020) apoiadas em Silvia Ramos (2017) confirmam os dados, ao afirmarem maior número de relatos de violência em seus estudos por jovens solteiras, entre 16 e 24 anos.

Cabe ainda destacar alguns padrões de vulnerabilidade descritos pelas próprias alunas: juventude como contexto de imaturidade; estado de embriaguez; estado de desamparo diante do deslocamento para ambientes novos e exigentes, e com vínculos sociais mais frágeis; vivência de relacionamentos amorosos abusivos.

A pesquisa chegou à caracterização da vítima como aluna em fase de jovem adulta não apenas pela faixa etária em que as pessoas entram nas universidades brasileiras, mas também porque, nos quadros de “nuvem de palavras” (Figuras 1, 2, 3 e 4), sobressaem-se os termos “mulheres”, “mina” e “meninas”, e esses dois últimos, no Brasil, podem ser considerados uma espécie de gíria que significa menina jovem. Além disso, como sugerem os agrupamentos de palavras que se destacam nas denúncias que constituem este estudo, nessas denúncias, a grande maioria das alunas tidas como vítimas encontra-se na fase de transição de menina para mulher, ou seja, na fase entendida pelos estudiosos do desenvolvimento humano como a do “jovem adulto”, e que, na atualidade brasileira, representa a transição também do ensino médio ao meio universitário (a partir dos 18 anos).

A respeito da fase do desenvolvimento tratada como “jovem adulto”, Papalia, Olds e Feldman (2006) afirmam que, nela, os indivíduos se encontram cognitivamente e fisicamente no auge do seu desenvolvimento e tal aspecto contribui para a criação de traços e estilos de personalidade mais estáveis, o que permite, ainda, a crença, por parte de alguns, na possibilidade de tomadas de decisões mais assertivas quanto à escolha do estilo de vida a seguir na vida adulta. Por isso, espera-se que os jovens adultos se sintam mais aptos a sair da casa dos pais para estudar, buscar o futuro profissional, criar novos tipos de relacionamentos íntimos e contribuir expressivamente para a sociedade em que vivem.

No entanto, as mesmas autoras afirmam que questões sobre igualdade de oportunidades interferem na conquista desses objetivos à medida que a afetam significativamente. Nem todos os sujeitos passam pelo processo de desenvolvimento da mesma maneira, a exemplo do que

demonstram as pesquisas que comprovam as desvantagens nos estudos e oportunidades de trabalho vivenciadas por afro-americanos, hispânicos e mulheres em comparação com os jovens homens brancos. A falta de modelo de estilo conjugal, ou de senso de afiliação, que instala modelos futuros de intimidade, também é um aspecto que, de acordo com Papalia, Olds e Feldman (2006), propicia a desintegração da criação de relacionamentos saudáveis esperados para essa faixa etária.

Para Sennett (1999), a vida dos jovens adultos do capitalismo caracteriza-se por uma natureza da narrativa de vida vista como “flexível”, ou seja, uma dinâmica pautada em incertezas e mudanças constantes, geradas principalmente pelo foco no mercado de trabalho. Nesse contexto, encontram-se, por exemplo, os jovens universitários, que abdicam da vida em família e em suas terras natais ao migrarem para a cidade do *campus* universitário escolhido, pelo breve período de tempo instituído pelo curso escolhido.

O pesquisador assegura que o presente regime representado pelo ato de correr riscos e vivenciar incertezas em um curto período de tempo pode impedir tanto a criação de vínculos de afinidade a longo prazo como mudanças de senso de caráter, propiciando, nos jovens adultos, também um sentimento de esvaziamento moral, social, cultural e político.

A violência pode surgir, portanto, de conflitos como falta de oportunidade e impasses no desenvolvimento humano, e até mesmo como consequência da mobilidade, que pode gerar menor compromisso com o outro.

Estudos como o de Ruzany *et al.* (2002) enfatizam que as mulheres brasileiras adolescentes e jovens realmente fazem parte das estatísticas que afirmam um número assustador de casos de violência contra a mulher; número de casos que também abarca o meio acadêmico universitário. Sendo assim, as autoras concluíram que a soma “aspecto mulher” e “baixa idade” é constituinte de fator significativo à vulnerabilidade.

Ruzany *et al.* (2002) colaboram com os dados do instituto Datafolha, que confirmam essa perspectiva ao revelarem que o assédio é mais grave entre mulheres adolescentes e jovens pretas, de 16 a 24 anos. Mais especificamente, as jovens mencionaram que vivenciaram, em sua maioria, comentários desrespeitosos ao andar na rua, assédio físico em transporte público e ainda foram agarradas ou beijadas sem o seu consentimento.

Os relatos abaixo também corroboram esses dados:

“Já embebedou duas calouras além de tentar me estuprar na salinha de estudos da República. Só não fui estuprada por que um menino que estava passando percebeu e mandou ele abrir a porta. [...]”. (comunicação pessoal)

“Inferioriza as minas que fazem exatas, com piadas de que o lugar delas não é ali. Seu lugar que não é ai”. (comunicação pessoal)

“É professor da química e fala com as alunas olhando diretamente para os peitos, para a aula pra ver alguma mulher passar e ainda é cheio de piadas machistas”. (comunicação pessoal)

“As alunas da enfermagem não são fetiches! Não passamos na federal pra sermos vistas como objeto sexual de vocês só por causa da escolha do nosso curso! ‘Maria Doutor é o caralho!’”. (comunicação pessoal)

Quanto ao sujeito vítima, no caso, as “alunas”, as referências ao seu nível de instrução não estão presentes nas Figuras 1, 2, 3 e 4 (quadros de “nuvem de palavras”). Contudo, em uma leitura mais profunda, aparecem nos nomes dos cursos de graduação que as discentes afirmam cursar e, em menor número, em cursos de pós-graduação (mestrado e doutorado). Concernente aos cursos, Zorelli, Faudes, Osis, Duarte e Souza (2012), em sua pesquisa com estudantes do estado de São Paulo, confirmam essa perspectiva. Os pesquisadores afirmam, ainda, que existem diferenças significativas entre os cursos de humanas e exatas, mas não foi possível investigá-las na presente pesquisa por falta de dados mais específicos.

É comum, nos relatos das alunas, o questionamento: “Por que as meninas aceitam?”. Por meio da leitura exaustiva das denúncias, verifica-se, com frequência, os relatos do medo e

da vergonha que as vítimas sentem de se pronunciarem, seja em razão do sentimento de exclusão das relações universitárias, seja por conta da exposição e do possível julgamento sexista (muitas colegas se colocam no lugar de repetir o discurso de hierarquia masculina, inclusive com o intuito de encontrar, nos mesmos homens, apoio, cuidado e aceitação). O exemplo a seguir contribui para a hipótese sugerida do sentimento de vulnerabilidade social e psíquica:

“Quando eu era caloura, tinha um veterano que me chamava para o quarto dele, falava pra eu sentar na cama dele e fechava a porta enquanto eu estava lá. Eu por ser caloura, tive vergonha e medo de recusar ou ter uma ação negativa em relação a ele e apenas aceitei a situação. Quando pude, no caso um amigo veio falar comigo, sai correndo do quarto e fui embora da república”. (comunicação pessoal)

“[...] Um dia em uma festa, uma amiga e eu vimos ele com uma moça, ela parecia estar curtindo muito a música eletrônica e o momento, pelo menos foi a mentira que eu contei pra mim mesma, com medo de admitir que aqueça menina estava sendo abusada. Minha amiga queria fazer alguma coisa, mas sozinha ela tinha medo, eu fiquei com medo. Ele beijava a moça, segurava a mão dela, colocava dentro da calça dele, e ela não parecia nem perceber o que estava acontecendo. Se eu pudesse voltar no tempo ajudaria aquela moça, fui fraca e me arrependo. [...]”. (comunicação pessoal)

“[...] chegando lá, eu estava com muito sono e ainda bêbada, ele ofereceu sua cama e eu aceitei (achando que ia dormir). Assim que me deitei, ele começou as investidas, eu tentava recusar, pedia pra parar mas ele não parou. Fui estuprada. Tive vergonha, por estar bêbada, e não contei a ninguém. Demorei até para perceber que de fato tinha sido um estupro, foi necessário muita desconstrução e informação pra ter estalo ‘pera então eu fui estuprada’”. (comunicação pessoal)

Concernente às reações diante da violência vivenciada, Safiotti (2001) acredita que todas as mulheres podem desenvolver diferentes formas e capacidades de ação contrária ao ato violento, no entanto, justifica por que permanecem vítimas:

Ora, se a ordem patriarcal de gênero é imposta, não requerendo sequer legitimação, segundo Bourdieu, as mulheres são efetivamente vítimas deste estado-de-coisas. A posição afirmada neste artigo implica a crença na necessidade de legitimação social, processo realizado pela quase totalidade dos membros da sociedade brasileira e de praticamente todas as demais existentes no momento atual. (p.121).

Em outras palavras, Safiotti (2001) propõe que o meio social pautado no patriarcado e em categorias de sexo impõe um destino de vítima ao gênero feminino, ou seja, faz com que as mulheres sejam consideradas passivas ou cúmplices do agressor. Entretanto, para a autora, diferente de destino, tal discurso, na verdade, tem a função de impedir a resignificação das relações de poder.

Cabe, aqui, então questionar se o grande número do uso do termo “passar pano” não estaria ligado a essa imposição social de vítima ao feminino, isso porque “passar pano”, como gíria jovem, significa acobertar ou omitir algo negativo, como é possível observar nos seguintes relatos:

“Muitas amigas falam o quanto ele é inconveniente e desnecessário em comentários e atitudes, mas ele é amigo dos paquitos do curso, então a galera passa pano”. (comunicação pessoal)

“Apesar da fama da rep dele ser horrível, ainda tenho amighos na casa e fiquei perto deles por um tempo. Ele tentou ficar comigo e com varias amigas falando coisas escrotas de uma maneira super opressora. Os amigos viram e tiraram ele de perto de mim, mas depois vi ele fazendo isso com outras meninas e elas muitas vezes respondendo com empurrões. Culpar que o cara tá entupido de droga é fácil, mas sabemos que se o cara faz isso é por que tem isso dentro dele. Como os amiguinhos permitem isso? Vcs tiraram ele de perto de mim, mas e as outras? Não falam nada por medo do cara ser veterano? Ou pelo hábito de passar pano?”. (comunicação pessoal)

Apesar das páginas se apresentarem a partir da ideia de escuta a “Todas as mulheres” que se encontram no meio universitário, inicialmente, acredita-se que é importante considerar um fato que chama atenção: a inexistência de relatos realizados especificamente por professoras ou funcionárias.

A esse respeito, importa esclarecer que esta pesquisa não supõe que essas mulheres não sofram algum tipo de violência, visto que as próprias alunas mencionam tanto ter observado diferença na forma como homens tratam uns aos outros e como tratam as mulheres no ambiente

universitário, quanto ter presenciado situações de constrangimento. Além disso, autores como d'Oliveira (2019) confirmam, em seus estudos, que essas situações realmente acontecem.

Tal fato faz com que surja a hipótese de que o *Facebook* talvez seja mais utilizado por jovens e, por isso, professoras e funcionárias mais velhas não o acessam, ou, ainda, de que estas possam ter medo de serem identificadas, motivo pelo qual não utilizam a rede social como espaço de denúncia. Alguns dos relatos de alunas que ratificam a existência de situações de violência contra funcionárias e professoras são:

“Ele é da USP e se acha um máximo, interrompe professora e aluna mulher e é supassumo do “omi-ex-plicalismo” e o protótipo perfeito de “esquerdo-macho” bosta. Não consegue calar a boca quando uma mulher esta falando e tenho certeza que não interrompe professores machos quando eles falam. Melhore, Mano. Cale a boca nas aulas, deixe a professora falar, e só fique em silêncio. Suas “colocações” incomodam e denotam misoginia nojenta”. (comunicação pessoal)

“Ele é professor e acha que porque foi preso político na ditadura pode assediar normalmente alunas, funcionárias e professoras que divergem ideologicamente dele. Já tentou reprovar uma professora em concurso de progressão, já impediu professora de mudar de unidade, brigou com uma mulher transexual, já falou que um professor gay não era homem e grita com mulheres na frente de todos, dizendo que é educativo o constrangimento [...]”. (comunicação pessoal)

“Funcionário Idoso, da em cima de diversas funcionárias pelas redes sociais, e pessoalmente fica olhando o corpo das mulheres passando com uma cara nojenta”. (comunicação pessoal)

“É da USP e fala de boca cheia que ‘mulher é tudo aproveitadora’ e que tal professora só está onde está por ser casada com outro professor da instituição”. (comunicação pessoal)

“Ele é da USP e disse que a professora deu nota baixa pra todos por que ela precisa de um homem e um bom pau”. (comunicação verbal)

Nesses relatos, no que concerne à prática docente exercida por mulheres (professora), nota-se a descrição da forma desigualitária de distribuição do poder entre os gêneros dentro das universidades, onde a sensação de impotência vem a gerar a violência. Safiotti (1999) apoiada

em Safiotti e Almeida (1995), sobre o conflito da distribuição dos poderes entre homens e mulheres, confirma:

O poder apresenta duas faces: a da potência e impotência. As mulheres são associadas para conviver com a impotência; os homens, sempre vinculados à força – são preparados para o exercício do poder. Convivem mal com a impotência. Acredita-se ser no momento de vivência da impotência que os homens praticam atos violentos, estabelecendo relações deste [...] perdido o status, o homem se sente atingido em sua própria virilidade. (p.87).

Como vítimas, existem relatos que mulheres usuárias do atendimento de saúde médico das universidades USP e UNESP podem também ser vítimas dos alunos homens residentes, perspectiva que precisaria ser aprofundando em algum estudo mais específico. Os relatos corroboram com essa perspectiva:

“Eles são da USP alunos da Med (RP) e falam tudo o que veem nas pacientes, brigam para atender as que referem ser ‘gostosas’ e ainda contam se o órgão genital da paciente era bonito ou feio” (comunicação pessoal)

“É da med diz que quer ser ginecologista para olhar pras genitais femininas o dia todo, fazer exame de toque com o pau e que só atenderá mulher ‘gostosa’. ‘Quando for gorda eu nem atendo’”. (comunicação pessoal)

“Ele tira fotos ítimas de pacientes que chegam desacordadas no hospital. Ele é de São Paulo. Ele se formou em Medicina”. (comunicação pessoal).

“Ele é da residência da cirurgia e vazou fotos ítimas minhas tiradas sem consentimento, nunca soube como reagir [...]” (comunicação pessoal).

Já mencionamos que os movimentos feministas foram uma revolução para a inclusão das mulheres em leis, posições e funções sociais que incluíram a possibilidade de inseri-las no Ensino Superior. O pró-feminismo nas universidades se faz presente desde então, através de alguns movimentos, que, simultaneamente, também se tornaram alvo de violência dentro das universidades. Nos relatos a seguir, as alunas expressam a reação contrária de um dos alunos a um movimento realizado na USP que pedia maiores direitos às mulheres e o fim dos casos de estupro na universidade, utilizando, para isso, absorventes pintados de vermelho:

“Ele é da USP e ‘estudou muito para passar no vestibular e se deparar com calcinha menstruada no corredor’. Eu também estudei muito para passar na USP e tenho que lidar diariamente com casos de estupro em festas universitários”. (comunicação pessoal)

“Ele é da USP e não sabe lidar com uma instalação artística de calcinhas manchadas de ‘sangue’. Tem nojinho! Reclama mais que ta pouco, fofo”. (comunicação pessoal)

E por fim, é possível citar relatos que comprovem que a própria página “*Ele é da...*”, sofre retaliações dos alunos homens, inclusive através de ameaças realizadas diretamente as administradoras das páginas:

“O que venho aqui contar é grave e sério. Tenho alguns colegas que deboçam da página e outros que disseram q se soubessem quem eram as adms estuprariam fácil pra vcs aprenderem seu lugar no mundo. Eu achei um absurdo qdo ouvi mas vindo de quem era eu não me surpreendi, eu preferi desabafar isso depois de ver o segredo q jogaram na pagina dos segredos. Eles não são apenas um, são vários. A gente pisou no calo deles não é mesmo.” (comunicação pessoal)

“Tava mostrando a página para uma amiga quando um colega de sala chegou por trás da gente e riu da página dizendo que era coisa de mulher histórica. Ele saiu rindo da página e da gente por estar falando dela. Fiquei muito chateada pq achava ele compreensivo e desconstruído”. (comunicação pessoal)

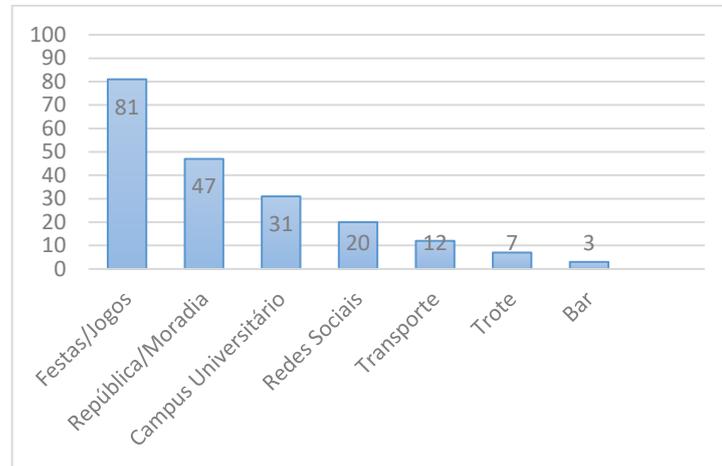
“Ele é da USP após exporem relatos dele na página, começou a me ameaçar inclusive mandando fotos do pênis dizendo que seria a última vez que eu levaria rolada e pra eu ficar esperta quando sair da USP.” (comunicação pessoal)

Na próxima seção, será discutida a temática relacionada ao local de propagação da violência contra a mulher nas universidades paulistas.

#### **4.2. Caracterização de locais e eventos**

Outro aspecto destacado nos quadros de “nuvem de palavras”, como já dito, são as referências diretas a locais de propagação da violência e as palavras “festas”, “casa”/”república”

são as que mais se destacam nesse sentido. Além dessas palavras, no Gráfico 1, foram incluídos outros locais que, embora menos mencionados, não são menos significativos:



*Gráfico 1.* Lugares e eventos onde ocorre a violência contra as mulheres que frequentam universidades paulistas.

O gráfico, portanto, demonstra que 81% das denúncias que apresentam referência à lugares e eventos onde ocorrem a violência corresponde as festas e jogos, enquanto 47% (quase a metade) em repúblicas ou moradias. Sendo contabilizados ainda, 31% no campus universitário, que incluiria, sala de aula, refeitório, corredores e demais áreas comuns. As redes sociais apresentadas em 20% das denúncias relatadas foram: Facebook e Whatsapp, enquanto, como transporte (12%) foram: taxi, carro particular, trem e ônibus circular. Os menos mencionados, mas não menos importantes, foram os trotes, 7% do número total e bares, 3%.

Conceição e Leão (2020), explicam os altos números de ocorrências em festas e repúblicas estão relacionadas principalmente aos trotes, considerando que os trotes inicialmente eram considerados mais agressivos, no entanto, foram proibidos no âmbito das dependências da Universidade, passando a ocorrer nas repúblicas, ou seja, na maioria das vezes ambos caminham juntos.

D'Oliveira (2019) ratifica os dados apresentados no Gráfico 1 ao informar que os locais de perpetração da violência incluem trotes, festas, salas de aula e repúblicas. Porém inclui ainda clubes esportivos e viagens a trabalho.

Zotareli *et al.* (2012), em seu estudo com alunos das universidades paulistas, confirmam que a maioria dos perpetradores de violência mora em residências universitárias, em comparação com os alunos que moram com a família. Por ser um local de grande acesso pelos universitários, tal aspecto parece justificar a localização da república e a moradia universitária como o segundo maior local de perpetração de violência. Além do mais, no que tange às festas, muitas delas são realizadas nas próprias repúblicas, portanto, reforçando o quanto o ambiente é de risco para as universitárias.

No que tange as festas e aos jogos, Valls *et all* (2007) afirmam a necessidade de destaque para essas experiências no meio universitário, isso por que o elevado número de agressões e outros tipos de violência, principalmente ligadas a sexual (beijos e relações sexuais sem consentimento) encontram-se nesse contexto. Em uma leitura exaustiva dos casos, percebeu-se a repetição de casos que confirmavam a utilização de drogas ou bebidas como forma de acesso às meninas durante as festas, o que inclui também os casos de ocorrência de abusos em carro particular ou táxi, como mostram os exemplos a seguir:

“É veterano e me ofereceu uma bebida e um beck, viu que eu estava inconsciente e mesmo assim praticou sexo comigo. Ainda diz que não é estupro por que não me forçou a nada”. (comunicação pessoal)

“Em toda festa, uma república conhecida costuma colocar ‘boa noite cinderala’ nas bebidas das moças que eles consideram ‘bonitas’”. (comunicação pessoal)

“Tenta em todas as oportunidades embriagar as meninas de sua sala (colocando álcool em nossos copos, oferecendo vodika quando estamos mal fingindo que é água), quando estamos sóbrias fala que estamos muito chatas e quando, por ventura, ficamos bêbadas ele elogia nosso comportamento”. (comunicação pessoal)

“Além de considerar normal drogar bebida de meninas e fazer piada sobre isso depois de denunciado, já tentou agarrar uma colega minha a força e fez comentários sobre a cor ‘da buceta’ das meninas”. (comunicação pessoal)

“É da USP e acha engraçado tentar te enfiar dentro de um carro após uma festa bebida por que: “quer te comer todinha”, e, enquanto você grita desesperadamente “não” e tanta se soltar dele, os amigos dele não fazem nada e dão risada.” (comunicação pessoal)

De acordo com o Código Penal Brasileiro, art. 215, o ato sexual sem consentimento ou com incapaz, seja por falta de condição mental ou por uso de entorpecentes, é considerado estupro e nomeado violação sexual mediante fraude ou estelionato.

Quanto ao ambiente definido como campus universitário, está relacionado principalmente à sala de aula, banheiro, atlética e o bandeirão (refeitório), e tem como sua maioria dos casos a perpetração da violência moral, que se destacam em relação a falas machistas. Como nos exemplos a seguir:

“Ele faz piadas machistas durante a aula e recrimina a Universidade pública gratuita. Ele é professor.” (comunicação pessoal)

“Se acha o máximo; interrompe professora e aluna mulher e é o suprasumo do ‘omni-ex-plicalismo’ e o protótipo perfeito de ‘esquerdo-macho’ bosta.[...]” (comunicação pessoal)

“Ele tem slide com mulheres de peito de fora, virilha a mostra. Ele tem histórico de insinuações com alunas. Ele já perguntou sobre o ciclo menstrual de uma aluna. Ele é professor”. (comunicação pessoal)

“Ele é da USP e fizeram uma lista, na porta do banheiro masculino do Bandeirão da Med, das garotas com quem transaram com suas características físicas e em relação ao ‘sexo com elas’”. (comunicação pessoal)

Segundo Maito, Pinto, Severi e Vieira (2019), a USP tentou, por meio da criação da Secretaria da Mulher e da CPI dos trotes, em 2014, promover um espaço de averiguação, luta e cuidado em relação à mulher na instituição. No entanto, as autoras – e a própria pesquisa aqui apresentada – expõem os inúmeros exemplos que denotam que existe ainda falta de segurança, prevenção e punição dos casos de violência dentro das universidades.

As redes sociais foram consideradas local de perpetração de violência quando utilizadas para exposição de imagens e também forma de contato entre os envolvidos, como nos relatos a seguir:

“Acha normal encontrar comigo depois me mandar mensagem no facebook falando que eu estava bem gostosinha”. (comunicação pessoal)

“São os calouros de um curso que tem que cumprir uma série de metas quando entram na faculdade, e anos atrás uma delas era ficar com uma bixete (usando gravata) enquanto outro tirava foto para postar no grupo do facebook. Lamentável!”. (comunicação pessoal)

“Moram numa república e acham engraçado abrir o whatsapp na tv para que todos vejam e mandar mensagens obscenas e nojentas para as meninas que eles se dizem amigos”. (comunicação pessoal).

“Professor to cansada das suas msgs no meu inbox. Para de ser escroto. As meninas te odeiam e todo mundo sabe do seu assédio com as meninas. Parece que não percebe que se ninguém te responde de primeira não é insistindo que iremos te responder”. (comunicação pessoal)

O trote<sup>14</sup> como prática social de perpetração da violência, já vem sendo estudado por outros autores. Marin, Araújo e Neto (2008) afirmam que a justificativa para a realização dos trotes está no fator integração entre os alunos, pertencentes a uma faixa etária em que os sujeitos buscam uniformidade em relação aos seus próximos, à semelhança de uma identificação em massa, para que sintam segurança e desenvolvam autoestima. Todavia, tal qual um jogo, o trote se torna violento quando nem todos os participantes reconhecem como adequadas e legítimas suas normas, responsáveis por deixar o “bixo” (calouro) à mercê da violência (desrespeitar, invadir o espaço do outro e humilhar), como mostram os relatos a seguir:

“É da USP e bancou o herói no post da menina que falava sobre a situação horrível que ela passou na festa do cara passando a mão na bunda dela. Esse mesmo herói

---

<sup>14</sup> Segundo Marin, Araújo e Neto (2008), os trotes acontecem desde a Idade Média e teria como função a manutenção da tradição e do ritual de passagem da adolescência para a vida adulta, ou seja, do Ensino Médio para o Ensino Superior. Segundo os autores, essa prática confere autoafirmação aos alunos e institui o conceito de hierarquização no contexto universitário.

tentou tirar minha blusa enquanto me dava trote. Também vi tentar beijar algumas meninas a força”. (comunicação pessoal)

“Ele é da USP e desmereceu o relato de diversas meninas do seu curso que se sentiam desconfortáveis com os trotes da faculdade dizendo que ‘adora ser objetificado’ (homem sofre bastante com a objetificação do seu corpo nessa sociedade opressora em que vivemos”. (comunicação pessoal)

“Se faz de desconstruído, politicamente engajado, mas aceita pegar mina gorda como trote. Nojo”. (comunicação pessoal)

“É meu veterano e disse que meu trote era dar um beijo nele. Quando eu disse que não, ele respondeu ‘mas você é minha bixete, não tem escolha’”. (comunicação pessoal)

Quanto à violência nos trotes e à questão das relações de gênero, para Marin, Araújo e Neto (2008), os homens ponderam melhor do que as mulheres o trote enquanto ação integrativa, apesar de sugerirem a vivência de um trote mais violento. Tal fato, segundo as autoras, justifica-se em virtude do discurso social de virilidade que os obriga a serem fortes e competitivos, ao passo que as mulheres mostram maior constrangimento, sobretudo psicológico, relacionado ao poder hierárquico de autoridade x vulnerabilidade x força.

Na USP, de acordo com Maito, Pinto, Severi e Vieira (2019), a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), criada em 2014 para verificar as ilegalidades ocorridas em trotes, festas e cenário cotidiano acadêmico, evidenciou os inúmeros casos de violência no contexto universitário, principalmente no que concerne aos trotes. Por outro lado, a mesma CPI comprovou que há omissão, por parte das universidades, em relação às denúncias, o que pode ser confirmado também na continuidade de casos denunciados nas páginas “Ele é da...”.

Por fim, os casos representados no gráfico como “meios de transporte” incluem: carro particular, táxi e transporte público. Em todos, configura-se a tentativa ou o ato consumado de violência do tipo sexual. Além disso, chama a atenção a falta de informações e conceituações na literatura já produzida sobre o tema. Como ilustrado nos relatos à seguir:

“[...] Ele disse que ia me levar em casa porque eu fiquei um pouco bêbada e na volta ele me beijou no ônibus a força dizendo que tinha esperado eu ficar solteira por anos. [...]” (comunicação pessoal)

“Depois de irmos ao bar (eu, uma amiga e ele), voltamos para casa, porém só eu e ele fomos para a estação e enquanto esperávamos o trem, ele me puxava pra perto dele e falava ‘nossa vc tá bêbada né’ e eu me afastava, mas ele continuou me puxando e enquanto eu falava, ele foi e me beijou, mas eu sentia q não tinha forças pra me afastar ou empurrá-lo, pq eu estava bêbada e com medo e ele continuou... Quando entramos no trem, ele colocou a mão dentro do meu short e eu só queria gritar e me afastar, mas congelei e não consegui fazer nada, me senti sem forças pra me defender, pra me afastar, eu me senti impotente e com nojo de mim [...]” (comunicação pessoal)

“Ele é da USP e acha engraçado tentar te enfiar dentro do carro porque quer ‘te comer todinha’, e enquanto você grita desesperadamente ‘não’ e tenta se soltar dele, os amigos dele não fazem nada, só dão risada” (comunicação pessoal)

“Ele é da USP faz Direito e se oferece para dividir táxi no final da festa para menina embriagada par atentar convencer o taxista a deixar a menina na casa dele ainda que ela grite ao taxista que não quer ficar lá” (comunicação pessoal)

Por meio dos relatos supramencionados e o local de perpetração, foi possível constatar o quanto a violência encontra-se circundando o ambiente universitário. Na seção a seguir, será aprofundado ainda mais o tema, ao serem apresentadas as classificações dos diferentes tipos de violência contra a mulher que ocorrem em universidades paulistas.

#### **4.3. Classificação e caracterização dos tipos de violência.**

Quanto aos tipos de violência denunciados nas páginas “Ele é da...”, foi realizada uma leitura exaustiva dos relatos e optou-se por partir da classificação e caracterização desenvolvidas na Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres (2016), ou seja, a violência contra a mulher pode ser de tipo sexual, moral, psicológico, físico e/ou patrimonial.

De acordo com Safiotti (1999), os tipos de violência nunca ocorrem sozinhos, o que foi possível observar nas denúncias.

Com base nas palavras em destaque nos quadros de “nuvem de palavras”, como “transou”, “forçou”, “beijar” e “assédio”, é possível afirmar que o tipo de violência mais citado nos relatos é a violência sexual, que consiste em “constrangimento, intimidação, coação, ameaça ou uso da força para presenciar, manter ou participar de relação sexual não desejada”, segundo a Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres (2011, p. 9).

Alguns dos relatos a seguir, comprovam a prática:

“Em uma festa na rep dele ficou insistindo para eu transar com ele, e eu neguei. No final da festa, quando eu estava bêbada e sentada no chão, ele veio de novo insistir e, não se contentando, enfiou a mão nas minhas partes íntimas. Hoje percebo que fui abusada.” (comunicação pessoal)

“Era veterano me levou para casa depois de uma festa, começamos a transar mas ele estava tão bêbado que broxou com a camisinha. Então ele tirou e começou a me penetrar, mesmo eu dizendo que não. Hoje percebo que fui estuprada”. (comunicação pessoal)

Em muitos relatos é possível observar, como no relato anterior, que as garotas não conseguem realizar o reconhecimento, percepção e diferenciação correta entre ser abusada e ser estuprada.

Valls et al (2007), a esse respeito, afirmam ser possível encontrar, já nos primeiros trabalhos sobre violência contra a mulher, os tipos de violência vivenciados pelas mulheres nas universidades, com ênfase dada à violência sexual. Além disso, de acordo com os mesmos autores, nem todas as mulheres reconhecem as situações de violência sexual, principalmente quando incluem beijos sem consentimento ou relações sexuais indesejadas, resultando em uma subnotificação de casos relacionados a esse tema, haja vista que, em razão da falta de reconhecimento, não existe denúncia.

Valls, Puirget, Melgar e Garcia-Yeste (2016) também realizou uma pesquisa a respeito da vivência de violência de gênero no âmbito universitário, no entanto, no contexto espanhol. Nessa pesquisa, aplicou-se um questionário a 1083 estudantes do sexo feminino e masculino, sendo que 65% dos entrevistados reconheceram que sofreram algum tipo de violência. Um dado

que une a pesquisa de Valls, Puirget, Melgar e Garcia-Yeste (2016) a esta, é que aquela autora também constatou que a maioria dos estudantes identificam a violência sexual. Entretanto, as pesquisas se distinguem pelo fato de que os estudantes da universidade espanhola investigada consideram também a violência física e têm dificuldade de reconhecer a violência psicológica, ao passo que, no contexto das universidades paulistas, analisado nesta pesquisa, a violência psicológica é identificada como a terceira maior forma de violência sofrida pelas mulheres, apenas à violência moral.

Os relatos de universitárias das universidades paulistas inquiridas que ilustram a violência sexual são inúmeros. Entre eles, existem exposições que vão desde o forçamento do beijo até a prática de sexo oral ou com penetração, que corresponde a abuso sexual<sup>15</sup> e estupro<sup>16</sup>. No entanto, há também relatos em que o agressor coloca a mão dentro da roupa ou a retira sem consentimento, passa a mão em partes do corpo da vítima, além de casos de masturbação e exibição das partes íntimas masculinas em ambiente público.

Existem ainda vários relatos de tipos de comportamentos que se enquadram no termo de assédio sexual, que, segundo Teles e Melo (2003), estaria mais comumente relacionado ao ambiente de trabalho, mas, como revelam as denúncias, estende-se ao contexto universitário. Os comportamentos concernentes a essa prática selecionados nas denúncias compreendem: puxão de cabelo ou de braço a fim de obrigar a garota a beijar o agressor ou ir a sua casa, perseguição, piadas de cunho sexual e olhares insinuantes.

Os relatos também demonstram que a violência sexual quase sempre está acompanhada de outros tipos de violência. Os homens podem recorrer a outras formas de constrangimento, como violência física ou psicológica, com a finalidade de conseguir o que estão buscando ou para punir as garotas quando suas propostas sexuais são recusadas por elas:

---

<sup>15</sup> Abuso sexual, no sentido amplo, categoriza atos de violação sexual em que não há consentimento da outra parte.

<sup>16</sup> O estupro é um tipo de abuso sexual em que o agressor utiliza violência física ou psicológica – ameaças – para satisfazer o seu prazer sexual.

“Me forçou a fazer oral nele durante uma festa na prainha. A gente não se conhecia, nos vimos, ficamos, mas quando eu tentei me afastar dele para curtir o resto da festa ele me agarrou pelo braço e me arrastou até uma escada atrás do prédio. Passamos por um casal que estava beijando por ali, mas eles não entenderam o que estava acontecendo e eu tive medo de pedir ajuda. Tentei bater no cara mas ele me deu um tapa na cara e forçou minha cabeça para baixo. Quase vomitei, ele me forçou a engolir. Me deixou largada no chão e ainda falou: ‘onde é que eu acho outras que nem você? Dando risada enquanto ia embora’”. (comunicação pessoal)

O que chama atenção é o número alto de relatos que expressam a violência por meio do ato sexual que impede o uso de métodos contraceptivos e de proteção contra ISTs, como é possível notar nas denúncias que seguem:

“Veterano me forçou a transar (sem camisinha) em uma festa nesse ano e disse que por ser veterano e engajado era melhor eu ficar calada que ninguém iria me ouvir”. (comunicação pessoal)

“Nas festas fica se masturbando na frente das manas. Em um churras, me violentou, fingiu que passava mal e me levou pra um lugar afastado e me violentou sem camisinha”. (comunicação pessoal)

Algumas garotas expõem, ainda, situações em que o parceiro retira o preservativo durante a relação sexual sem seu consentimento. Esses casos compreendem o chamado *Stealth*, crime enquadrado no artigo 215 do Código Penal Brasileiro (1964), com pena de reclusão de 2 a 6 anos, visto ser entendido como violação sexual “[...] mediante fraude ou outro meio que impeça ou dificulte a livre manifestação de vontade da vítima”.

A respeito das infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), consequências de relação sexual sem camisinha, diversas vítimas relatam a prática de “passar para frente” tais doenças, o que também faz parte do contexto de violência sexual:

“Esquerdo macho, fica transando sem camisinha com as minas pra passar doença de propósito, fica pelado em toda festa assediando todas”. (comunicação pessoal)

“Vive pagando de moço da natureza, mas se aproveita de calouras e moças babadas pra transar sem camisinha (e passar HPV pras manas)”. (comunicação pessoal)

“Fura camisinhas pra passar herpes pras manas”. (comunicação pessoal)

Foi possível reconhecer também que é prática comum entre os homens jovens a responsabilização ou culpabilização das parceiras sexuais no que concerne à proteção para não engravidar. Uma das consequências observadas é a realização do aborto como solução, evidenciada nos relatos a seguir:

“Nós ficamos em uma festa, levei ele pra minha casa mas acabei dormindo. No outro dia afirmou que a gente tinha transado e que eu deveria tomar pílula do dia seguinte. Passei muito tempo tentando me lembrar de alguma coisa e quando resolvi contar à outras pessoas tive que ouvir de uma ‘amiga’ que ele era muito bonzinho pra ter feito isso e que eu é que o estuprei”. (comunicação pessoal)

“[...] A gente mantinha um sexo casual descompromissado por que era combinado. [...] ele não gostava de usar camisinha. Um dia muito bêbados de vodika, transamos (não lembro de tudo). Passados três dias ele me mandou mensagem preocupado perguntando se eu tomava remédios e eu disse que não. Então ele disse ‘onde já se viu querer dar sem tomar remédios?’. Me tratou como irresponsável sozinha. Disse a ele pra ficar tranquilo pois eu me virava. Ele não me procurou por meses. Eu fiz o teste. Eu abortei [...]”. (comunicação pessoal)

“Ele é da medicina e faz parte do grupinho de caras que dizem pro-feministas e esquerdistas, mas obrigou com ameaças uma mina que tava grávida dele a abortar!”. (comunicação pessoal)

Outro aspecto que atrai atenção é a exposição do ato sexual com a vítima para colegas, seja avisando quando irá acontecer, seja por meio de fotos ou vídeos.

Os relatos a seguir contêm esse tipo de denúncia:

“Estávamos em uma festa e fiquei bêbada, ele me levou para um quarto para transar, mas antes avisou o coleguinha para que o mesmo fosse observá-lo em ‘ação’. Esse mesmo coleguinha convidou os amigos para espiar pelo vão existente. Fui ridicularizada pelo grupo de veteranos durante anos, entrei em depressão e quase desisti do curso”. (comunicação pessoal)

“Descobri através dessa página que [ele] mora em uma república que filma transas. Quando transamos no começo eu queria mas ele estava drogado e começou a ser agressivo. Eu comecei a chorar e rezar pra ele parar”. (comunicação pessoal)

Esses relatos denunciam outro tipo de violência, além dos já descritos e relacionados especificamente à violência contra a mulher, o de exposição do ato sexual, que, no Código Penal, enquadra-se na Lei 13.718 de 2018:

Art. 218-C. Oferecer, trocar, disponibilizar, transmitir, vender ou expor à venda, distribuir, publicar ou divulgar, por qualquer meio - inclusive por meio de comunicação de massa ou sistema de informática ou telemática -, fotografia, vídeo ou outro registro audiovisual que contenha cena de estupro ou de estupro de vulnerável ou que faça apologia ou induza a sua prática, ou, sem o consentimento da vítima, cena de sexo, nudez ou pornografia: Pena - reclusão, de 1 (um) a 5 (cinco) anos, se o fato não constitui crime mais grave.

Esse tipo de violência também é abarcado pela Lei Carolina Dieckmann (Lei 12.737 de 2012), pois em muitos relatos fica evidente que imagens íntimas (fotos, vídeos) são distribuídas nas redes sociais sem consentimento da mulher (aluna vitimada), principalmente *WhatsApp*, prática considerada crime cibernético no Brasil.

Segundo Caridade e Machado (2008) é raro, nos discursos socioeducativos, o debate sobre a coerção e a violência sexual nas relações amorosas (namoro, ficar), bem como sobre o erro em tolerar e legitimar os atos de abuso e violência. Contudo, existe grande prevalência no número de casos, sobretudo no meio universitário, em que o perpetrador é conhecido da vítima e mantém algum tipo de relação íntima com ela.

Conceição e Leão (2020), confirmam que a violência nos relacionamentos afetivos comuns entre jovens adultos, como namoro, noivado, amizade e relacionamentos breves, chamados de “ficar”, são recorrentes. Apoiados em Murta, Santos, Martins, Oliveira (2013) as autoras afirmam que a origem da violência apoiada em relacionamentos íntimos está em fatores sociais, culturais, familiares e pessoais e tem como consequência: “afastamento da vítima de seu ciclo de amigos, isolamento familiar, desistência de projetos pessoais, ansiedade, depressão

e insegurança. Geralmente mais de uma mulher é vítima de violência dentro do mesmo ciclo de amigos, demonstrando a crença de que a violência no relacionamento é aceitável” (CONCEIÇÃO, LEÃO, 2020 p 468).

O segundo tipo de violência mais citado nas denúncias estudadas, foi a violência moral, que consiste em qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria (Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres, 2011). D’Oliveira (2019) também destaca esse tipo de violência, asseverando, com base em dados do Escritório USP Mulheres, que a porcentagem de violência moral contra as mulheres na instituição encontra-se em 20%.

Nos relatos, as vítimas não especificam e/ou nomeiam esse tipo de violência, mas a maioria dos casos apresentaram acusações de traição, emissão de juízo moral sobre a conduta da mulher, críticas mentirosas, exposição de vida íntima, desvalorização das jovens em razão do seu modo de vestir, desvalorização do “ser mulher”, como exemplificam os relatos ora transcritos:

“Ele é da USP e falou no bar que achava que eu era ‘quietinha’, mas minha roupa não condizia com isso. Também me chamou de safada por ter namorado um rapaz da medicina”. (comunicação pessoal)

“Ele é da USP e tem um grupo com um album para cada morador com os ‘troféus’ de cada um. No final do semestre ele e seus amigos fazem um balanço de quem ficou com as ‘melhores’”. (comunicação pessoal)

“Eles são alguns professores. É difícil passar muitas aulas sem demonstração da clássica arrogância acadêmica. Divergências levantadas dentro de sala não são tratadas com debate (em que os dois lados falem e sejam ouvidos com respeito), com didática e argumentação, mas sim com o famoso monólogo e coisas como ‘você não sabe do que tá falando’, ‘vai ler’, ‘vivência a gente deixa fora da sala de aula’, silenciando e diminuindo as estudantes, isso quando essas coisas ainda não são ditas gritando, por que, afinal, o seu poder está em risco dentro de sala de aula, tem que mostrar quem é o teacher. É pra intimidar mesmo. [...] (comunicação pessoal)

“Se apresenta como bom moço, gay, justiceiro social, mas diz que todas as mulheres são nojentas, que deveriam apanhar para pararem de ser putas e que felizmente a única vagina que teve contato foi a da mãe quando nasceu. Olha para minhas amigas e faz comentários como ‘coisinha’, ‘piranha’, etc”. (comunicação pessoal)

“Passou os últimos dois anos infernizando minha vida. Dizia que eu era gorda como um hipopótomo e feia como o diabo, e por isso nasci para sofrer. Comprava comida na lanchonete para jogar em mim. Organizou uma aposta com garotos da atlética pra ver quem conseguia montar em mim mais tempo. Espalhou fotos minhas para as meninas com que ficava para encorajá-las a fazer dieta. Me fez não só largar o curso como tentar suicídio. Perdi minha oportunidade de cursar engenharia”. (comunicação pessoal)

Tais atos, podem ser considerados formas de gashlight, ou seja, distorção e coação, que cria uma situação de terror psicológico na vítima.

No último relato, como em tantos outros, foi possível constatar a situação de gordofobia, ou seja, situação ou forma de discriminação de corpos considerados acima do peso. Segundo Araújo *et al.* (2018), os padrões de beleza exigidos e reforçados como adequados na atualidade brasileira são impostos nas mídias e redes sociais por meio de discursos que valorizam os corpos considerados magros. No entanto, pesquisas citadas pelos autores confirmam que tais padrões não condizem com a realidade de uma população, em sua maioria, nos níveis de sobrepeso ou obesidade.

Araújo *et al.* (2018) afirmam que a gordofobia estigmatiza o obeso como alguém que ofende os padrões estéticos, tornando-os, conseqüentemente, marginalizados em diversos aspectos: profissional, relacionamentos amorosos, entre outros, como é possível constatar no relato a seguir:

“Diz que como ‘comeu’ uma mina gorda dessa página ele deveria estar imune de ser acusado de machismo”. (comunicação pessoal)

“Ele é da USP e acha ‘engraçado’ fazer os bixos, como trote, beijar minas gordas. Seus babacas tamo de olho!” (comunicação pessoal)

“Ele é da USP e acha legal pegar menina gorda só pra fazer graça e dar risadas depois” (comunicação pessoal)

A gordofobia, portanto, diz respeito apenas um dos tipos de preconceitos vivenciados nas universidades. Através dos dados pode-se afirmar que a vivência de preconceito que se

sobressai nas universidades que participam deste estudo está relacionada a sexismo e misoginia, ou seja, o preconceito com o próprio fato de as vítimas serem mulheres:

“[...] Vive soltando comentários machistas, sobre meninas do campos que usam shorts jeans. Quando um short curto suado por uma gordinha só diz que está horrível, numa magra é pq é vadia e depois fica de mimimi reclamando de assédio”. (comunicação pessoal)

“É estrangeiro e acredita que mulher tem que ser submissa e satisfazer o homem em todas as suas vontades. Quantas vezes ele quiser (ela querendo ou não). Ele acredita em estereótipos de beleza (magra, depilada, branca, unha feita, enfeitada e maquiada”. (comunicação pessoal)

Além disso, os relatos também revelam vivências de homofobia e racismo:

“Gosta de fazer piadas preconceituosas de todos os tipos, homofóbica, machista e gordofóbica na república onde mora”. (comunicação pessoal)

“É da USP e diz em alto e bom som que a faculdade era melhor quando tinha menos gay, ‘pseudo lésbicas’, e negros. Usa até vídeos de um certo político para justificar suas falas”. (comunicação pessoal)

“Já pintou caloura negra de branco, já fez piada lesbofóbica e costuma pedir para que mulheres que confrontem chupem seu pau. Não vamos nos esquecer”. (comunicação pessoal)

“Ele se faz de politizado, mas humilha as meninas da faculdade dizendo que elas são pretas demais, e que elas parecem um carvão. Ele julga o caráter das meninas pela cor e acha que negras são fáceis.” (comunicação pessoal)

“Paga de esquerdinha, mas no fundo é homofóbico e racista, acha que tem o direito de tratar as mulheres negras diferentes com tom mais sexual” (comunicação pessoal)

O terceiro tipo de violência identificada nos relatos foi a violência psicológica, definida como qualquer conduta que cause dano emocional, diminuição de autoestima, prejuízos e perturbações no desenvolvimento feminino, degradação ou controle das ações, crenças e decisões da vítima (Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres, 2011). Essa violência aproxima-se muito da violência moral e também não é reconhecida como tal pelas vítimas nas denúncias, corroborando a tese de alguns pesquisadores da área de que muitas mulheres não conseguem reconhecer direta e imediatamente esse tipo de violência e juntamente

com a violência psicológica, traz os relacionamentos amorosos abusivos como foco desses tipos de violência.

Apesar do não reconhecimento, Rosa *et al.* (2018) confirmam que a violência impingida por parceiro íntimo<sup>17</sup> é um problema de saúde pública em nível mundial. Quanto às queixas de violência contra a mulher dentro das relações íntimas, Gregori (1992) esclarece que

A queixa é a narrativa em que a pessoa que é objeto de algum infortúnio constrói discursivamente a sua posição enquanto vítima. Narrativa peculiar: expõe e, paradoxalmente alimenta, incita, reintera algumas condições que fazem operar a violência. A queixa é uma construção descritiva. O narrador apresenta os fatos compondo os personagens: o eu vitimado e o outro culpado. Os fatos descritos cumprem um papel singular de reforçar a versão do narrador de que existe uma relação dual (cujos personagens estão em lugares contrários. (p.185).

Para a autora, as queixas femininas estão sempre muito relacionadas ao sentimento de aprisionamento das mulheres ao poder masculino e à falta de liberdade, que as transformam, por fim, em competidoras pelo prêmio de maior padecente diante do sofrimento que cada uma vivenciou, em especial nos relacionamentos amorosos, na qualidade não somente de responsáveis por suas desgraças, mas também de suscetíveis a essas experiências. A sociedade ocidental, nesse sentido, consolida o ponto de vista de que a escolha de um parceiro íntimo prende a identidade da mulher a ele, pois o homem é visto como quem complementa e define a conduta de sua parceira, enquanto a mesma deve ainda justificar e redesenhar a imagem do parceiro.

Silva (2014), pautado sobretudo em Bauman (2004), parte da perspectiva de que nossa cultura ocidental atual é baseada no consumismo, no uso imediato das coisas e na satisfação instantânea para trazer o conceito de “fast love”, entendido como relações amorosas de futuro

---

<sup>17</sup> Independentemente de fazer parte de uma relação caracterizada como união estável ou não, o parceiro íntimo exerce o papel de companheiro ou ex-companheiro de vida e de relação sexual (Rosa *et al.* 2018, p.69).

incerto, sem vontade de cuidar, de preservar tanto a relação quanto o parceiro. Tal comportamento pode ser considerado, então, fonte dos relacionamentos abusivos.

Smeha e Oliveira (2013) concordam com essa perspectiva ao asseverarem que mesmo que os jovens afirmem procurar por confiança e respeito, além de beleza, os relacionamentos atuais são baseados em individualidade, liberdade, igualdade de gêneros e superficialidade, princípios que constituem relações consideradas efêmeras.

Para as autoras, a igualdade de gênero nos relacionamentos é buscada pelo feminino e, ao mesmo tempo, criticada pelo masculino, que muitas vezes a utilizam como justificativa para suas ações agressivas:

Na opinião dos homens, as mulheres não deveriam se comportar como se fossem “homens”, vivendo relações de curta duração e trocando frequentemente de parceiros. Por sua vez, as mulheres salientam que os homens não querem relações que envolvam fidelidade e compromisso. Com isso, o estudo revela conflito e desigualdade em relação às expectativas alicerçadas nas diferenças de gênero. (p.43).

Como características principais da violência psicológica, nessa classificação, foram considerados relatos de: ameaças, humilhação, manipulação, chantagem, exploração e violência constante. Os relatos abaixo confirmam essa prática:

“Após relatos dele na página, começou a me ameaçar inclusive mandando fotos do pênis dizendo que seria a ultima vez que eu levaria rolada e pra eu ficar esperta quando sair da usp”. (comunicação pessoal)

“Pelo fato de ser bi vivia dizendo que eu era um lixo e que o máximo que eu conseguiria seria ter AIDS nessa vida, se não fosse por essa pessoa. [...]”. (comunicação pessoal)

“Foi aluno da Educa, jogou inter e fez parte da atlética. O queridinho de todo mundo um poço de carisma, coloca as minas uma contra as outras e caga no psicológico de todas elas e depois faz de santinho falando que a mina é louca. Tá na hora da mascara cair”. (comunicação pessoal)

“Me tratava muito bem quando me conheceu, mas começou a julgar meu caráter e fazer comentários maldosos por causa da minha sexualidade. Muitas palavras de baixo calão, comparação com outras mulheres, não conseguia conversar comigo pessoalmente.

Descontava sua frustração em mim, e todas as vezes que tentava conversar com ele, me pedia para parar, pois estava enchendo o saco. Assédio psicológico e sexual fazendo inúmeras insinuações e comentários sexistas, de conotação sexual e me desvalorizava [...]”. (comunicação pessoal)

Para Safiotti (1999), a violência psicológica está sempre presente, como já dito, uma vez que a quebra de integridade e a obrigação de suportar o destino de gênero já é representante de um tipo de agressão. Entretanto, a violência psicológica nem sempre é percebida pela mulher. Na maioria das vezes, ela se justifica e se culpa pela violência, como resultado de ações a exemplo do *gashlight* que, segundo Salgado (2016), corresponde a um processo de manipulação e controle feminino por meio da desqualificação e distorção da percepção da vítima em relação à culpa. Como apresentado de forma extremamente detalhada e incomoda no exemplo:

“Ele é do curso de ciências sociais, mora em república, namoramos durante um ano e o relacionamento acabou em 2017. Ele fazia comentários desconfortáveis sobre meu corpo de maneira “fofa”, então tudo bem, porque mesmo que fosse desconfortável, era só um elogio. Em qualquer situação social ele me deixava constrangida e deixava os outros constrangidos com comentários e brincadeiras. Todas as ex namoradas (que inclusive ele traiu) eram vilãs e loucas e queriam quemá-lo para a faculdade inteira. Inclusive, uma tentou me ajudar mais de uma vez, mas quando tentou não adiantou em nada pois eu já tinha sido convencida de que ela queria me fazer mal e fazer mal a ele.. [...] Me afastei de todas as minhas amigas, me tornei uma pessoa insegura, uma pessoa ansiosa, uma pessoa com crises depressivas por conta do relacionamento. Me acostumei tanto com o conflito que ainda vejo reflexos disso no meu comportamento hoje em dia. Que viram ele me trair foram pelo menos 3 pessoas, mas eu não acreditava, ele sempre conseguia me levar na conversa, ele é muito bom em convencer, em insistir e forçar a barra. Eu não podia ter amigos homens, ele excluía pessoas que ele não gostava do meu facebook. Ele usava minhas experiências passadas, de quando eu ainda nem sabia que ele existia, contra mim, e dizia que tinha o direito de fazer tudo que eu já havia feito mesmo estando comigo. Como eu já tive relações com uma mulher, ele tentou me convencer de que era meu dever como namorada fazer um ménage com ele mais outra mulher porque era algo que ele sempre quis fazer durante a faculdade. Ele incomodava meus familiares, minhas amigas. Até hoje incomoda garotas da República que morei quando encontro elas. Eu enxergava tudo errado e não conseguia me livrar do relacionamento, até que ele admitiu que me traiu, foi quando consegui me libertar [...]” (comunicação pessoal)

Para Conceição, Leão (2020) “os abusos psicológicos são utilizados de maneira estratégica pelos homens, sendo dispositivos para assegurar a autoridade, bem como a supremacia masculina” (p. 472). Sendo que nos relacionamentos amorosos as autoras consideram que isso se intensifica pela ideia da violência ser uma forma de resolução de conflitos ou representantes do amor do parceiro.

O Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos (2019) afirma que não houve denúncias de violência psicológica no ano 2019, o que seria impossível ocorrer, a não ser, como dito anteriormente, pela desinformação sobre o que é esse tipo de violência.

Quanto à violência física, ela é entendida como qualquer conduta que ofenda a integridade ou saúde corporal da mulher. Melhor dizendo, durante as atitudes violentas, o autor utiliza-se de força física de forma intencional e não acidental a fim de ferir a vítima. Neste estudo, foram encontrados relatos de: espancamento; empurrões; sufocamento; chute; tortura; e ação de atirar objetos, sacudir ou apertar os braços. Essa prática é observada nos seguintes relatos:

“Embebedava as meninas mais novas para tentar conseguir sexo. Como se não bastasse, mantinha relacionamento abusivo e agredia a namorada”. (comunicação pessoal)

“[...] Pagava de desconstruído, mas era só mais uma desculpa para esconder todo histórico de agressões físicas [...]”. (comunicação pessoal)

“Loirinho, fortinho, filhinho de papai e mora em rep. Já ficou com várias amigas minhas. Já soube de casos de discussão em público que puxa as meninas pelo braço e aumenta o tom de voz. Não admite ser contrariado, imagina só... é conhecido por já ter feito várias micro agressões a várias minas. Não é como se isso mudasse a reputação dele nem por um segundo!”. (comunicação pessoal)

“[...] Certa vez a mordeu no rosto no meio de uma festa sendo necessário seus amigos para leva-lo para longe [...]”. (comunicação pessoal)

“Sou lesbica. Quando vi uma amiga minha (da qual tive um caso) chorando em uma festa fui falar com ela. O paquerinha dela, esquerdomacho, veio tirar satisfações por ciúmes e me bateu na frente de todo mundo! Ele me bateu muito, estava no chão, até que alguns meninos o seguraram”. (comunicação pessoal)

Não foram encontrados, na página “Ele é da...”, relatos de denúncia de tráfico de mulheres, que, segundo a Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres (2011), é entendido como

[...] o recrutamento, o transporte, a transferência, o alojamento ou o acolhimento de pessoas, recorrendo à ameaça ou uso da força ou a outras formas de coação, ao rapto, à fraude, ao engano, ao abuso de autoridade ou à situação de vulnerabilidade ou à entrega ou aceitação de pagamentos ou benefícios para fins de exploração. (p.10).

Entretanto, é de extrema importância a confirmação dessa perspectiva em outras pesquisas, já que, nos estudos que referenciam o tráfico de mulheres, afirma-se que o maior número de casos de aliciamento ou do próprio tráfico é realizado por jovens.

A menção direta à violência patrimonial, que corresponde a qualquer atitude do outro que destrua, quebre ou controle os bens materiais pessoais ou dinheiro, também não apareceu nos relatos. Contudo, em alguns, é possível identificar que embora as vítimas, no ato de violência em si, não tenham reconhecido que seus bens estavam sendo controlados, posteriormente, percebendo, tal situação, mostraram-se constrangidas, oprimidas ou assustadas.

Valls, Puigert, Melgar e García-Yeste (2016), em sua pesquisa, indica um baixo índice de denúncias registradas na universidade espanhola pesquisada. A justificativa dada pela autora poderia colaborar com o entendimento do que se passa também com as estudantes brasileiras: i) preferem contar apenas para pessoas conhecidas ou esconder a situação por medo ou desconhecimento; ii) as vítimas não encontram algum tipo de serviço que atenda à população vítima de violência.

Propondo o estudo do Nó “ajuda” e visando à melhor compreensão da segunda justificativa apontada por Valls, Puigert, Melgar e Garcia-Yeste (2016), esta pesquisa buscou identificar, então, em meio às denúncias brasileiras, se as vítimas procuram e encontram algum tipo de acolhimento fora do contexto das páginas do *Facebook*. Foi possível constatar que,

normalmente, a ocorrência do pedido de ajuda é realizada no ato da ação da violência ou após a própria tentativa de defesa. Na maioria das vezes, a ajuda vem de outras mulheres, amigas ou jovens que se encontram próximas à situação, mas também, há relatos de ajuda de homens, se estes forem amigos da vítima.

“Eu comecei a chutar e bater nele por que ele tinha trancado a porta do carro pra eu não sair, até que apareceu uma menina e me ajudou a sair do carro”. (comunicação pessoal)

“Só pararam quando um amigo meu chegou e impediu”. (comunicação pessoal)

Da mesma maneira, é possível encontrar relatos em que as vítimas se apresentam indefesas, como também afirmam Conceição, Leão (2020). Através dos dados da presente pesquisa, chega-se a consideração também de que muitas vezes, são até mesmo criticadas, como se o relato da possível situação de violência fosse algo normal ou “exagero” da parte delas:

“Quando contei para minhas amigas, dissera, que era exagero e não deram atenção”. (comunicação pessoal)

“Passei muito tempo tentando me lembrar de alguma coisa e quando resolvi contar à outras pessoas tive que ouvir de uma ‘amiga’ que ele era muito bonzinho pra ter feito isso e que eu é que o estuprei”. (comunicação pessoal)

Ao fazer referência a esses casos em que o relato de violência é minimizado pelo ouvinte, utiliza-se muito, como já dito anteriormente, a expressão “passar pano”, linguagem informal (gíria) associada a omissão, acobertamento, negação da gravidade de um acontecimento com vistas a fingir que não aconteceu ou defender o agressor.

Existe apenas um relato de ação quanto à uma violência denunciada na página “Ele é da Unifesp”:

“Vitória das Minas.

O primeiro caso de assédio sexual denunciado acabou em punição do agressor. É só o primeiro, de muitos que não são denunciados. Minas não tenham medo de denunciar! E para os machistas, os abusadores de meninas bêbadas, os bêbados drogados que perdem

o controle: pensem duas vezes em tudo que vocês fazem, tem sim consequências.” (comunicação pessoal)

Porém a falta de ação da universidade também foi mencionada em uma das denúncias:

“Resumindo a página: ele é um bosta e a Unifesp não faz Nada!”. (comunicação pessoal)

A esse respeito, segundo Safiotti (1999), a sensação de impunidade dos atos de violência contra a mulher é presente em todos os meios em que elas vivem, incluindo as delegacias contra a mulher, que deveriam ser responsáveis pelo acolhimento das denúncias. Especificamente no contexto universitário, Valls *et al* (2007) apoia-se em Hensley (2003) que afirma que, diante da violência, muitas jovens optam pelo silêncio, por não acreditarem serem levadas a sério (falta de espaço, autonomia, independência para as lutas) ou por não haver reconhecimento do problema e/ou realização de ação inibitória desses atos de violência pela própria universidade.

Possivelmente, tal situação colabore com dados como os do Instituto Avon (2015), que confirmam que o medo feminino da vivência de violência impera entre as estudantes universitárias. Esse medo, tanto pode ser de uma possível vivência (42%), quanto de reviverem situações das quais foram expostas (77%). O mesmo Instituto (2015) chegou a informações de que 36% das entrevistadas confirmaram deixar de realizar alguma atividade devido ao medo, o que foi inferido nas denúncias dos grupos do *Facebook* “Ele é da...”, como ilustram os relatos seguir:

“Numa festa da rep que ele morava não aceitou um não e um amigo me abraçar [...] Depois disso, fiquei muito tempo sem ir em festas, aliás, evito até hoje!”. (comunicação pessoal)

“[...] Esse tipo de arrogância, manifestação de elitismo e caráter aristocrático do nosso corpo acadêmico, é parte da explicação do afastamento desses acadêmicos do conjunto do povo. Explica também a frustração de muita gente com o ambiente universitário. Esse comportamento só desestimula e afasta”. (comunicação pessoal)

“[...] por um mês, eu fui dormir tremendo, por que ele gritava comigo por pelo menos duas horas ao telefone. Minha auto-estima ficou péssima, por que ele desfazia das coisas que eu gostava. Terminei com a ajuda da minha mãe[...]”. (comunicação pessoal)

“[...] Me fez não só largar o curso, como tentar suicídio. Perdi minha oportunidade de cursar Engenharia”. (comunicação pessoal)

“[...] Tenho medo dele aparecer do nada toda noite e não consigo mais ter paz na minha mente”. (comunicação pessoal)

Apesar de não aparecer em destaque nas Nuvens de Palavras (Figura 1, 2, 3 e 4), a leitura exaustiva das denúncias possibilitou chegar à alguns dos impactos à saúde informados pelas jovens pós-vivência da violência: síndrome de ansiedade, transtorno de estresse pós-traumático, depressão, transtornos de identidade, autoflagelação e suicídio, dados que vão ao encontro da pesquisa de D'Oliveira (2019). Valls *et al* (2007) inclui ainda a desistência dos cursos, impacto que afeta diretamente a vida profissional das estudantes e docentes.

#### **4.4. Descrição do perfil do perpetrador da violência.**

De acordo com os estudos de Linhares e Laurenti (2018), existe uma tentativa de dominação masculina no ambiente universitário e os relatos abarcados por esta pesquisa demonstram que a violência contra a mulher nas universidades paulistas está em consonância com esse ponto de vista, comprovando-o, inclusive. Em vista disso, o Gráfico 2, apresenta uma leitura minuciosa das 557 denúncias e o resgate de 116 que procuram compreender quais as características o perpetrador da violência:

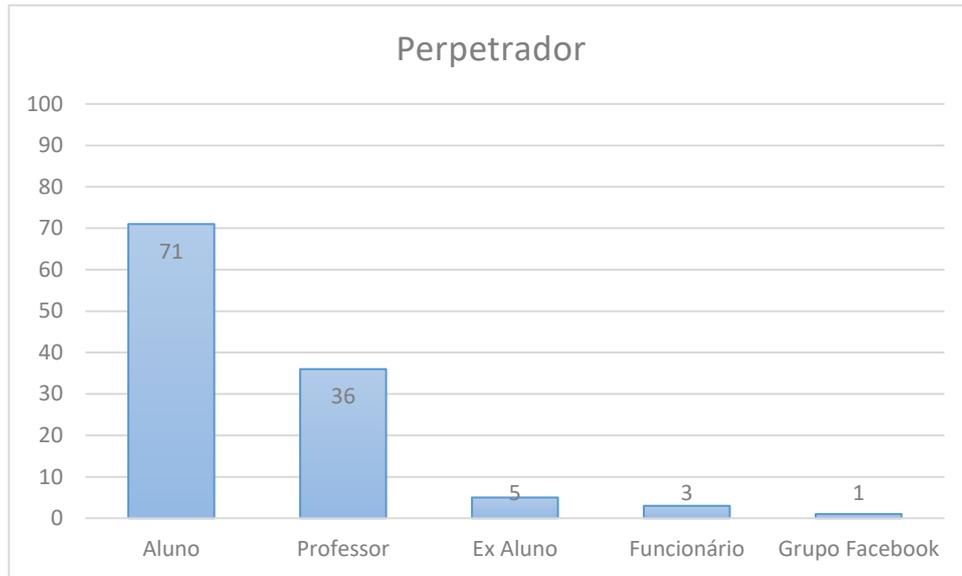


Gráfico 2. Especificação do perpetrador da violência contra a mulher nas universidades paulistas.

Entre os sujeitos mencionados nos relatos como impositores de situações de violência, sobressaem os classificados pelas denunciante como alunos, como demonstra o gráfico 2, 71 denúncias foram realizadas em razão desse perfil. Em sua maioria afirma os alunos considerados cis-heteros, no entanto, existem relatos de casos de violência impostas por alunos homossexuais:

“É homossexual e se diz desconstruído, mas trata as mulheres como cadela e acha nojento atender uma paciente” (comunicação pessoal)

“Ele é da USP e só porque é gay acha que não é misógino. Ele agrediu uma mulher em uma festa e está impune” (comunicação pessoal)

“Ele é da USP, é gay, de esquerda luta pela causa LGBT, mas diz que homem é muito melhor que mulher, zombando do corpo das meninas e ainda acha que mulher tem que dar pra todo mundo porque ‘pau faz bem pra elas’. Ser gay não te dá o direito de ser misógino” (comunicação pessoal)

Os alunos classificados pelas jovens como veteranos também fazem parte do perfil, como já dito anteriormente, do perpetrador da violência. Concernente ao aluno veterano, Bandeira (2017) destaca que o trote funciona como imposição de hierarquia de veteranos sobre os calouros e que essa subdivisão não somente atrapalha a convivência saudável entre os

estudantes, como também, e principalmente, contribui para que ocorra violência contra a mulher. Essa relação de hierarquia pode ser observada nos relatos a seguir:

“Na minha primeira festa como bixete, disse levantando a voz e bravo que se eu não subisse em um palco e abaixasse sem dobrar os joelhos e pegar um objeto no chão, com a bunda virada para uma plateia cheia de homens gritando, eu teria que sair da festa naquele instante e nunca seria aceita na vida social da faculdade”. (comunicação pessoal)

“Me disse que devia beijá-lo, por que eu era caloura e ele veterano e que era assim que as coisas funcionavam na USP”. (comunicação pessoal)

“É veterano antigo, aproxima-se de calouras no intuito de pegá-las, quando elas negam, são perseguidas e ridicularizadas por ele”. (comunicação pessoal)

Conceição, Leão (2020) confirmam esse perfil com os dados de sua pesquisa:

Destaca-se a pouca idade dos agressores, 60% possuíam entre 20, 25 anos, 20% entre 17-20 anos e 20% entre 30-35 anos, 60% dos agressores são estudantes da mesma universidade das participantes e 40% não são universitários, corroborando com afirmativa de que essas agressões estão ligadas ao ambiente universitário. Evidencia-se que todos os agressores estudantes universitários são veteranos em relação as suas vítimas, o que corrobora a relação de poder existente entre veteranos e calouros. (pp 470-471)

Ainda cabe destacar o ato de expor na Internet (portanto, publicamente) fotos ou vídeos íntimos do(a) parceiro(a), independentemente dele(a) ter se deixado fotografar ou filmar em um espaço privado ou não, sem o seu consentimento, mais conhecido atualmente como “vazar nudes”. Chamado de pornografia de vingança, esse crime está enquadrado no artigo 218-C do Código Penal Brasileiro, que prevê pena de reclusão de um a cinco anos para quem o pratica.

Abaixo, foram selecionados relatos que, por meio de verbos como “ficar”, “ficávamos”, “fiquei” (usados no sentido de encontros amorosos casuais) e substantivos como “namorado” e

“amigo”, provam que existe relação entre a violência contra mulheres na faixa etária que inclui a maioria das estudantes universitárias e os relacionamentos amorosos abusivos. A esse respeito, Valls *et al.* (2007) citam diversos autores da área que consideram que a maior parte dos atos de violência são praticados por pessoas conhecidas da vítima. Como exemplos:

“Era meu amigo, até que começamos a sair. Um dia peguei ele tirando uma foto minha durante o sexo, sem meu consentimento. Depois do ocorrido, alguns amigos me disseram que ele costuma mostrar fotos pros amigos das mulheres que dorme e aparentemente nunca foi reprimido por essa atitude escrota”. (comunicação pessoal)

“É meu amigo e me encochou enquanto eu estava no banheiro, disse que era brincadeira. Mas eu sei que não era! Não é a primeira vez que faz isso”. (comunicação pessoal)

“Já vazou nudes da ex namorada. Ela entrou em depressão por isso”. (comunicação pessoal)

“Como se não bastasse ter batido na ex-namorada, quando questionado sobre o ocorrido, retrucou com ameaças”. (comunicação pessoal)

“Namoramos por mais de 2 anos, durante o namoro brigava comigo, por conta das roupas que eu usava, dizia que eu colocava shorts e saias para me mostrar para os amigos dele, tinha o prazer de me diminuir, falava que meu trabalho não era digno. Sempre teve ciúmes desnecessário. Terminou comigo porque dizia que eu flertava com os amigos dele, hoje paga de rasta fraude, cheio de positividade”. (comunicação pessoal)

“Estávamos em uma festa e ficamos. Como ele estava bêbado e não tinha como voltar para casa ofereci minha casa para ele dormir. Chegando lá, deixei bem claro que não queria nada, que deveríamos dormir. Viro para o lado e começo a sentir algo nas minhas costas. Ele estava se masturbando e esfregando o pau em mim. Pedi para ele parar diversas vezes e ele deu um de macho ofendido. Mande ele embora da minha casa. Me ligou várias vezes da rua, me xingando e perguntando como eu podia ter feito aquilo com ele”. (comunicação pessoal)

Nos relatos anteriores, é possível diagnosticar a utilização, pelos alunos homens, da estratégia do uso de álcool e drogas, tanto para deixar as mulheres vulneráveis, como para justificar um estado de inconsciência dos jovens, tornando o álcool e as drogas responsáveis por levá-los à ação violenta.

Outra estratégia de aproximação dos jovens em relação as mulheres vítimas de violência dentro da universidade, está na utilização de um discurso e apresentação de um perfil masculino

desconstrução de padrões sociais, pró-revolução, ligados aos principais movimentos sociais pró-minorias (feminismo, LGBTQI+, de esquerda) que não se comprovam na realidade. A maioria das jovens consideram que existe a utilização da imagem de “bom moço”, para convencer a todos de que este jovem não seria capaz de realizar atos violentos:

“Ele é da UNESP Araraquara e, a primeira vista parece um menino doce, gentil e educado. Todos ao redor gostam dele, tem muitos amigos e amigas, é uma pessoa querida. Ele nunca fez nada comigo, mas acho que não se pode dizer o mesmo com as meninas que já ficou... já ouvi ele numa roda de amigos falando de forma bem escrota sobre as meninas que já ficou, trandando-as como simples objetos. E já ouvi algumas histórias que sempre tenta ‘algo mais’ com as meninas e insiste bastante mesmo quando estas já deixaram bem claro que não estão afim de nada [...]” (comunicação pessoal)

“Ele é da UNESP, cursa economia, é cantor e fala pros amigos que o objetivo de tocas nas festas são as pepecas que vai conseguir depois. É todo desconstruído, simpático demais, amigo de todo mundo, mas fala esse tipo de merda como se fosse super engraçado.” (comunicação pessoal)

“Ele é da UNESP S. J. dos C., um professor. Feminista, esquedomacho, parça dos alunos, um fofo com as alunas. Me chamou para sair e eu aceitei, pois ele era tão desconstruído, é claro que ele não seria escroto. Fomos a um bar e eu tomava um drink, quando no meio da conversa perguntou se eu ficava bêbada fácil. Respondi que não e ele disse ‘Não tem problema, se precisar eu te dou mais bebida pra você ficar facinha!’. NO momento não percebi o que ele quis dizer, não conseguia ver maldade num cara tão ‘gente boa’. Depois fiquei sabendo de outros casos dele passando dos limites com as alunas[...] (comunicação pessoal)

“D.A.D. é o típico cidadão acima de qualquer suspeita. É de esquerda, engajado, amigo das minas do movimento feminista. Admirado na academia. Reputação impecável. Um cara boa praça de sorriso fácil que vendia seus artesanatos no campus. Mas ele não sabe lidar com rejeição. Difama ex namoradas há anos, fazendo questão de alertar a todos do convívio comum com suas ex sobre como ele é um pobre coitado que sofre na mão de mulheres desprezíveis [...] sempre teve vocação para pedofilia. Hoje, anos depois, tem como passatempo exercer sua superioridade hierárquica como professor assediando menores de idade [...]” (comunicação pessoal)

“Macho desconstruído. Usa saia. Barba. Branco. Até dá oficina sobre feminismo. O homem mais descontruído que vocês respeitam, mas abusou de mim quando eu era caloura e estava bêbada. Já vi se aproveitando de meninas embriagadas” (comunicação pessoal)

“Ele é da USP se apresenta como bom moço, gay, justiceiro social, mas diz que todas as mulheres são nojentas, que deveriam apanhar para pararem de ser putas e que felizmente a única vagina que teve contato foi a da mãe quando nasceu. Olha pras minhas amigas e faz comentários como ‘coisinha’, ‘piranha’, etc” (comunicação pessoal)

“Ele é da USP famoso e requisitado nos movimentos sociais, estilo paz e luz, super desconstruído, mas fica tentando me beijar mesmo eu já tendo verbalizado claramente

que não queria, pois namorava e sabia que isso afetaria uma grande amiga” (comunicação pessoal)

Em relação aos cursos realizados pelos alunos perpetradores da violência, os 5 (cinco) mais mencionados foram: i) Na UNESP foram Ciências Sociais (32%), Engenharia Civil (16%), Biologia (13%), Letras (10%) e Farmácia (6%). ; ii) Na UNIFESP foram: Medicina (21%), Economia (18%), Serviço Social (15%), Ciência Agrárias e Educação Física (ambas 13%); iii) Na USP foram: Medicina (47%), Direito e Psicologia (ambos 17%), Biologia (11%), Administração e Letras (ambos 8%).

É possível observar nos dados acima, a prevalência dos cursos ditos tradicionais das universidades, ou seja, os cursos mais concorridos. Chamando a atenção principalmente para o curso de medicina, que aparece como primeiro em número de denúncias nas duas universidades, USP e UNIFESP. A violência perpetrada por alunos da medicina podem ser representadas de duas formas, a partir dos alunos de residência, como já informado anteriormente da violência contra as pacientes, como nos exemplos:

“Eles são da USP alunos da Med (RP) e falam tudo o que veem nas pacientes, brigam para atender as que referem ser ‘gostasas’ e ainda contam se o órgão genital da paciente era bonito ou feio” (comunicação pessoal)

“É da med diz que quer ser ginecologista para olhar pras genitais femininas o dia todo, fazer exame de toque com o pau e que só atenderá mulher ‘gostosa’. ‘Quando for gorda eu nem atendo’”. (comunicação pessoal)

“Ele tira fotos ítimas de pacientes que chegam desacordadas no hospital. Ele é de São Paulo. Ele se formou em Medicina”. (comunicação pessoal).

“Ele é da residência da cirurgia e vazou fotos ítimas minhas tiradas sem consentimento, nunca soube como reagir [...]” (comunicação pessoal).

E dos próprios alunos em relação à outras alunas, como nos casos a seguir:

“Ele é da USP e faz Medicina, depois de e ir para a casa dele mas não querer transar ele me fez sentir que o meu ‘não querer’ era errado e que eu devia ‘me soltar mais’ por que seria mais legal” (comunicação pessoal)

“Ele é da USP faz medicina, e acha que por esse motivo toda mina deve acietar ficar com ele e fica indignado quando não aceitam” (comunicação pessoal)

“É da Med e tentou argumentar que eu deveria ficar com ele pq como sou da nutri, o ensinaria na prática a “comer algo gostoso direito” (comunicação pessoal)

“D.S. é o suprassumo dos ‘panos quentes’ da UNIFESP. Ele já estuprou pelo menos uma bêbada (que eu saiba), já drogou diversas meninas e é residente do hospital São Paulo.” (comunicação pessoal)

Em uma busca exaustiva por literatura que pudesse apresentar prevalências, ações educativas ou punitivas em torno do tema, a pesquisa mostrou uma lacuna grande, já que nas principais bases de dados, Scielo e Capes, não existem artigos que abordem o tema.

Voltando ao destaque ao risco por relação abusiva pautada em hierarquização, Linhares e Laurenti (2018) destacam a relação mais especificamente entre professor e aluna, em que há privilégio acadêmico em troca do domínio das mulheres, no caso, alunas, para outros fins específicos. Em pesquisa apresentada pelos mesmos autores, realizada em universidades americanas, dentre 400 mulheres entrevistadas, 20% relataram terem sido assediadas por seus professores nas universidades em que estudavam ou estudaram. Tal aspecto deve ser considerado como um problema se no código de ética da universidade mesmo inferir que esse tipo de relacionamento for proibido.

No gráfico 2, apresenta-se 36 denúncias do total de 116, que referem-se à esse tipo de perpetrador como segundo maior.

Essa prática pode ser observada nos relatos a seguir:

“É professor, paga de progressista e fica mandando mensagem de madrugada, tentando seduzir as alunas”. (comunicação pessoal)

“É professor da química e fala com as alunas olhando diretamente para os peitos, para a aula para ver alguma mulher passar e ainda é cheio das piadas machistas”. (comunicação pessoal)

Quanto aos relatos que mencionam professores, é importante ressaltar algumas denúncias que precisariam ser melhor investigadas, mas que sugerem a possibilidade de prática

de violência com menores de idade. Seguem alguns relatos que chamam a atenção para essa questão:

“É professor em cursinho popular e usa disso pra seduzir, pegar e aliciar alunas”. (comunicação pessoal)

“É da medicina, e usa de sua posição como professor e ‘médico’ para aliciar alunas dos cursinhos que trabalha, a maioria sendo menor de idade. Falso dissimulado, e mentiroso, ilude as garotas e pede segredo para não atrapalhar sua vida profissional”. (comunicação pessoal)

“Uma delas só tinha quinze anos e ele mais de trinta e ele estava ciente disso e mesmo assim investiu, isso recentemente. Ele foi extremamente insistente e invasivo com a garota, a deixando traumatizada”. (comunicação pessoal)

As jovens denunciadas das páginas chamam esses atos de pedofilia, no entanto, no Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), o artigo 241-D, que tipifica a pedofilia como o ato de “aliciar, assediar, instigar ou constranger, por qualquer meio de comunicação, criança, com o fim de com ela praticar ato libidinoso”, considera que apenas sujeitos de até 14 anos de idade são vítimas desse crime.

Portanto, como mostram os relatos investigados, os homens denunciados se apoiam na perspectiva de hierarquia, seja por serem homens em uma sociedade construída no patriarcado, seja pela função que exercem na instituição, no caso dos professores e da hierarquia de entrada na universidade, que corresponde ao termo “veterano”. Safiotti *et al.* (2001) explicam esse ponto de vista ao afirmarem que, “como o poder masculino atravessa todas as relações sociais, transforma-se em algo objetivo, traduzindo-se em estruturas hierarquizadas, em objeto, e senso comum” (p.119).

A esse respeito, Valls *et al.* (2007) citam alguns estudos canadenses em universidades que chegaram à conclusão de que tal perspectiva é consequência de um discurso reforçado em instituições que priorizam a misoginia, ou seja, comportamentos e práticas institucionais baseadas no controle masculino sobre o feminino, sempre a partir de atos de força, coerção,

abuso ou licenciamento. Os mesmos autores esclarecem que, em seus estudos, encontraram estereótipos sexistas existentes nas universidades que podem levar as mulheres à crença de que elas podem ser as responsáveis pela situação.

Também é importante sublinhar que as repúblicas masculinas são locais que acabam contribuindo para a disseminação da violência, seja pelas festas seja pelos discursos de seus moradores/frequentadores. Aparentemente, partir de um senso de coletividade esses espaços instigam, nos jovens homens, seja a ação em grupo, seja a justificativa para tais ações, além do cuidado com os colegas de moradia, práticas que acabam fortalecendo os atos de violência.

Os hinos e cancioneros de alguns cursos e universidades foram relatados como contendo letras e dizeres machistas e sexistas, que podem diagnosticar também atitudes misóginas e violentas dentro das universidades:

“Ele é da USP nesse cancionero, havia uma letra com dizeres sexuais ofendendo a mulher negra, pois uma das citações era assim: ‘eu como puta loira, como morena bunduda, mas não como negra de buceta fedorenta, nem que ela seja lavada em água benta...’” (comunicação pessoal)

“ Ele é da USP, e é uma bateria que narra um estupro em seu principal hino” (comunicação pessoal)

Por fim, existem diversos relatos nas páginas “Ele é da...” de situações em que as vítimas ou seus acompanhantes questionam o perpetrador da violência sobre o reconhecimento de que ele está cometendo um crime, que sua atitude é representativa de algum tipo de violência, e a resposta obtida é o desconhecimento desses sujeitos de que a sua prática é criminosa.

A pesquisa do Instituto Avon (2015) também considera esse dado, afirmando que os estudantes homens entrevistados não reconheceram várias formas de violência, a exemplo, principalmente, da submissão de estudantes a atividades como leilões e desfiles, da relação sexual com garotas alcoolizadas e do repasse de fotos e vídeos sem autorização. Os entrevistados admitiram considerar tais comportamentos como algo natural no meio universitário. Sobre a naturalização dessas práticas por homens universitários jovens,

D'Oliveira (2019) esclarece que existe entre os universitários a cultura do “forçar um pouquinho” e “[...] no indefinido ‘pouquinho’, cabe ideia desde falas insistentes à coerção física”, ou seja, trata-se de um comportamento pautado por uma comunicação dissimulada, que “[...] estimula atitudes coercitivas, com a exclusão da colocação clara e explícita dos desejos nas relações afetivo sexuais e sua possibilidade de aceitação e rejeição. Esse mascaramento também incentiva e encobre a própria hierarquia das atuais relações afetivo-sexuais” (p.3).

Os capítulos apresentados expuseram a compreensão das autoras sobre a caracterização da violência contra a mulher instaurada de forma massiva no âmbito universitário e denunciadas por alunas nas páginas do facebook: “Ele é da...”. Foi possível constatar que a partir da imersão nos relatos questões como o perfil das vítimas, perfil do perpetrador, ambientes e eventos nos quais se desenvolvem a violência, ficam melhor delimitados e podem ser referência para a conscientização das vítimas, sociedade, instituição e programas que garantem o direito ao cuidado as mulheres.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve o objetivo de investigar denúncias publicadas na rede social *Facebook* acerca do tema violência contra as mulheres nas universidades paulistas USP, UNESP e UNIFESP, o que permitiu a identificação das ações vivenciadas pelas participantes, objetivo inicial do trabalho, e, ainda, a caracterização de algumas consequências das violências vividas e expostas pelas alunas que participaram das páginas.

No que concerne ao perfil da vítima de violência, conclui-se que, em sua maioria, a vítima pode ser considerada a aluna caloura (estudante ingressante no meio universitário), jovem adulta. Quanto ao perfil do perpetrador, trata-se principalmente de homem jovem de maioria heterossexual dos cursos mais concorridos das universidades, aluno veterano e conhecido da vítima, mas podem ser também professores e funcionários da instituição.

Com essa experiência ponderou-se que o *Facebook*, por ter se tornado um ambiente de encontro entre jovens, vem permitindo o senso de coletividade (identificar na fala do outro o que se vive que gera sentimento de proteção), o debate, a tentativa de compreensão e a exposição da força da violência de gênero nessa faixa etária e no contexto universitário.

Supõe-se que a exposição de tais experiências torna-se oculta em outros contextos devido ao não reconhecimento da experiência pela vítima no ato da violência, dos meios e mecanismos utilizados pelos homens para realizar a violência, mas também, à falta de (re)conhecimento de formas de combate dentro das instituições de ensino superior (IES), medo de represálias e o não acolhimento das demandas pelos próprios colegas universitários que encontram-se por vezes apoiados em um discurso sexista. Desse modo, é possível crer que a página se tornou uma rede de apoio, onde as jovens acreditam somente ser possível a mudança de paradigma a partir da ação das próprias vítimas.

Em outras palavras, as jovens podem ter um sentimento ambíguo concernente à denúncia e à punição dos abusadores pela própria instituição ao não sentirem que lhes é oferecido espaço, autonomia e independência para lutar, ou serviços e políticas de apoio, como já ocorre em países como EUA e Espanha.

Isto posto, considera-se que as redes sociais podem se tornar importantes fontes de identificação de comportamentos e práticas culturais, contendo informações relevantes sobre como se dão as relações sociais atuais, que precisam ser impostas à formalidade da pesquisa científica, já que as diversas consequências patológicas do desamparo institucional citadas nas páginas “Ele é da...” (abandono da formação, depressão, ansiedade, entre outras) são extremamente significativas. Considerando-se ainda por todos os tipos de instituições universitárias de ações de prevenção (primária, secundária e terciária) deste fenômeno, sendo ainda de muita relevância a conscientização da comunidade universitária, bem como um todo, acerca deste tema.

Sobre a cultura da violência de gênero na realidade dos universitários, a análise dos dados da presente pesquisa revelou que as contingências de dominação masculina que se apoiam em relações de poder e privilégio, crenças e atitudes sexistas, levando à violência, estão presentes nas universidades e nos meios que a circundam (festas, repúblicas), e são escancaradas em diversas modalidades (física, psicológica, moral, sexual).

Acredita-se que a descrição dos diversos tipos de violência, bem como dos tipos de agressores e cenários apresentados na presente pesquisa, podem contribuir para o esclarecimento e contextualização dos casos, fonte para pesquisas futuras que se comprometam com a criação de estratégias de prevenção, cuidado com a vítima e responsabilização dos agressores. Tais estratégias incluiriam: i) experiência na adoção e execução de políticas de enfrentamento e averiguação de situações de violência contra a mulher nas universidades; e ii) programas de conscientização, formação e educação nas repúblicas masculinas.

Os altos índices de dados que tipificam a violência sexual como principal tipo de violência contra a mulher demonstram que, apesar de ações como as da Secretaria da Mulher da USP e das pesquisas já existentes que destacam esse problema, ainda assim não foi possível ter um retorno positivo, ou seja, de melhora no combate a essa prática. As questões relacionadas à transmissão de ISTs e ao aborto precoce são consequências graves que as denúncias estudadas vêm relatando e que, com certeza, precisam ser abolidas por meio de conscientização dos homens e punição dos criminosos.

A violência impingida por parceiro íntimo nessa faixa etária, considerada como de iniciação das relações de intimidade em uma sociedade andocêntrica e adultocêntrica, destacou-se como um fenômeno frequente, que gera vulnerabilidade entre as jovens no período de estudos universitários. As relações abusivas apresentaram-se em elevada magnitude e gravidade – sobretudo a violência psicológica, em que se destaca o *gashlight*, e a violência sexual, com ênfase no estupro e no abuso sexual –, evidenciando que no interior das relações íntimas também se perpetua a violência, mediante construção sociocultural das categorias de gênero que naturalizam e legitimam o poder do masculino sobre o feminino, o estereótipo do masculino como ativo, agressivo e dominante. Por esse motivo, apresenta-se a necessidade de pesquisas que ampliem o entendimento sobre essas relações e proponham referências para autodefesa em resposta às agressões sofridas.

Considera-se que a distribuição de poder e a formação de estruturas de hierarquia criadas pela nossa sociedade interferem diretamente na violência contra a mulher dentro das universidades. No entanto, destaca-se que essa violência não está restrita à dominação masculina, pois se estende às relações entre categorias, como a de professor e aluna, veterano e caloura. Desse modo, tal aspecto acentua a necessidade do trabalho em torno do tema em projetos que incluam sobretudo as repúblicas masculinas.



## REFERÊNCIAS

- Araújo, L. S. ; Coutinho, M. da P. de L. C.; Alberto, M. de F. F.; Santos, A. M.D.; Pinto, A. V. de L. (2018) Discriminação baseada no peso: representações sociais de internautas sobre a gordofobia. *Psicologia em Estudo*, Maringá: vol 23.
- Bandeira, L. M. (2017). Trotes Assédios e violência sexual no campi universitário no Brasil. *Gênero*, Niterói: 17 (02): 49-79.
- Bardain, L. (2010) *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edicas 70.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Beltrão, K. I. & Alves, J. E. D. (2009) A reversão do Hiato de Gênero na educação brasileira no século XX. *Cadernos de Pesquisa* 39(136): 125-156 Disponível em: <<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/277>>. Acesso em: 17 nov 2019.
- Bedin, R. C. & Ribeiro, P. R. M. (2013) Notas preliminares sobre historiografia da educação sexual brasileira: apontamentos de uma cronologia descritiva. Atitudes e comportamentos sexuais no Brasil nos documentos da inquisição do século XVI XVII. *Doxa*. Araraquara, 17 (1 e 2): 1-330.
- Beauvoir, S. de. (1967). *O segundo sexo*. A experiência vivida (Vol. 2). 2.ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro.
- Bourdieu, P. (2002). *Uma imagem ampliada*. In: A dominação Masculina. Trad. Maria Helena Khünner. (11ª ed). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 16-67.
- Brancaglioni, B. de C. A., Fonseca, R. M. G. S. (2016) Violência por parceiro íntimo na adolescência: uma análise de gênero e geração. *Ver Bras Enferm*. 69(5): 890-898
- Brasil. (1988-1998) Constituição da República Federativa do Brasil de 1998. Brasília, DF: Presidência da República. Recuperado em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)

Brasil. Lei Federal n. 8.069, de 13 de julho de 1990. ECA \_ Estatuto da Criança e do Adolescente.

Brasil. *Lei Maria da Penha*. Lei N.º11.340, de 7 de agosto de 2006. Recuperado em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)

Brasil. *Lei do Minuto Seguinte*. Lei n° 12.845, de 1° de agosto de 2013. Recuperado em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2013/lei/112845.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112845.htm)

Brasil. *Lei Joana Maranhão*. Lei n° 12.650, de 17 de maio de 2012. Recuperado em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/112650.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112650.htm)

Brasil. *Lei Carolina Dieckmann*. Lei n° 12.737, de 30 de novembro de 2012. Recuperado em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/112737.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112737.htm)

Brasil. Lei n° 13.718, de 24 de setembro de 2018. Recuperado em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2018/lei/L13718.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/L13718.htm)

Caridade, S. & Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: Da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica*, 4 (XXIV): 485-493.

Caridade, S., Machado, C. (2008). Violência Sexual no namoro: relevância da prevenção. *Psicologia Edições Colibri*, 22 (1): 77-104.

Casique Casique, Leticia; Ferreira Furegato, Antonia Regina. (2006). Violência contra mulheres: reflexões teóricas *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 14 (6)

Conceição, A. C. F.; Leão, A. M. C. (2020) A violência em relacionamentos afetivos: a realidade de uma universidade pública paulista. Eromi Izabel Hummel; Ricardo Desidério da Silva (org.). *Educação, sexualidade e diversidade: diálogo, compromisso e educação pública em tempos de resistência*, Londrina: Unespar: 460-478

Correia, P. M. A. R. & Moreira, M. F. R. (2014). Novas formas de comunicação: história do Facebook - Uma história necessariamente breve. *Alceu* - n.28: 168-186.

Del Priore, M. (2004). *História das mulheres no Brasil*. (7 Ed.) São Paulo: Contexto.

- D'Oliveira, A. F. (2019). Invisibilidade e banalização da violência contra as mulheres na universidade: reconhecer para mudar. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 23, e190650.
- Drumont, M. P. (1980). *Elementos para uma análise do machismo*. Perspectivas. São Paulo. 3: 81-85.
- Feitosa, L. M. G. C. (2008). Gênero e sexualidade no Mundo Romano: a Antiguidade em nossos dias. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 48/49: 119-135.
- Garton, S. (2009). *História da Sexualidade: da antiguidade a revolução sexual*. (1 ed.) Lisboa: Editora Estampa.
- Gil, A. C. (2007). *Como elaborar projetos de pesquisa* (4ª Ed). São Paulo: Atlas.
- Guimarães, M. C. & Pedroza, R. L. S. (2015). Violência contra a mulher: problematizando definições teóricas, filosóficas e jurídicas. *Psicologia & Sociedade*, 27(2): 256-266.
- Gregori, M. F. (1992) *Cenas e queixas: um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista*. São Paulo. Paz na Terra.
- Hirata, H. et al. (2009). *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Editora Unesp.
- Instituto Noos. (2010). *Prevenção e atenção a violência intrafamiliar e de gênero: apoio às lideranças comunitárias*. Rio de Janeiro: Instituto Noos 26-37.
- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – IMEP. (2018). *Resumo técnico do Censo da Educação Superior de 2018 [recurso eletrônico]* Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira.
- Johnson, Allan. (2010) *The Blackwell Dictionary of Sociology: A User's Guide to Sociological Language*. Importado: Blackwell Science.
- Marin, J. C., Araújo, D. C. da S., Neto, J. E. (2008). O trote em uma faculdade de Medicina: uma análise de seus Excessos e Influência Socioeconômicas. *Rev. Brasileira de Educação Médica* 32 (4): 474-48

*Mapa da Violência 2019*. IPEA.

Recuperado em: <http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/13/infografico-atlas-2019>

Morigi, V. J. & Pavan, C. (2004). Tecnologias de informação e comunicação: novas sociabilidades nas bibliotecas universitárias. *Ci. Inf.* 33, (1): 117-125.

Linhares, Y. & Laurenti, C. (2018). Uma análise de relatos verbais de alunas sobre situações de assédio sexual no contexto universitário. *Revista Perspectivas* 09 (02): 234-247.

Lavoretti, W. (2009). *Violência e discriminação contra a mulher: tratados internacionais de proteção e o direito penal brasileiro*. Campinas: Millennium Editora.

Leão, A. M. C. (2017). Prefácio – As vozes pela inclusão na defesa dos direitos humanos. *In.:* Silva, R. D.; Hummel, E. I.; Oliveira Junior, I. B. (Org) *Educação, Sexualidade e diversidades: políticas públicas educacionais: avanços ou retrocesso?* Londrina: Syntagma 18-22

Louro, G. L. (1997). *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Maito, D. C., Panúncio-Pinto, M. P., Severi F. C. & Vieira, E. M. (2019). Construção de diretrizes para orientar ações institucionais em casos de violência de gênero na universidade. *Interface*, Botucatu, 23.

Moresco, M. C. & Lagnor, C. (2017). Corpos em (in)conformidade: as ações políticas feministas nas mobilizações estudantis. *Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos)*, Florianópolis ISSN 2179-510X.

MURTA, Sheila Giardini; SANTOS, Bruna Roberta Pereira dos; MARTINS, Camila Perna Santos & OLIVEIRA, Brisa de. (2013) Prevenção primária à violência no namoro: Uma revisão de literatura. *Contextos Clínicos*, 6(2): 117-131.

Pinto, C. R. J. (2010). Ferminismo, História e Poder. *Ver. Social. Polít.*, Curitiba, 18 (36): 15-23.

- Prioste, C. (2016). *O adolescente e a Internet: laços e embaraços no mundo virtual*. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, Fapesp 147-166.
- Ramos, P. A. C.; Bernardo, M. De F. C. (2019). *No que acreditamos e o que fazemos: a violência sexual nas relações amorosas em jovens universitários*. Dissertação de Mestrado (Escola de Ciências Sociais: Área Psicologia). Universidade de Évora.
- RAMOS, Sílvia. (2017) Violência invisível e visível: a vitimização de mulheres no Brasil. Brasil: *Fórum brasileiro de segurança pública*. Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2017/03/relatorio-pesquisa-vs4.pdf>. Acesso em 2/10/2019.
- Rosa, D. O. A. *et al.* (2016) Violência provocada pelo parceiro íntimo entre usuárias da Atenção Primária à Saúde: prevalência e fatores associados. *Saúde debate*, 42 (4): 67-80
- Rosa, R. *et al.* (2010). Violência: conceito e vivência entre acadêmicos da área da saúde. *Interface - Comunic., Saude, Educ.*, 14 (32): 81-90.
- Safiotti, H. I. B. (1999). Já se mete a colher em briga de marido e mulher. *São Paulo em perspectiva*. São Paulo, 82-91.
- Safiotti, H. I. B., Almeida, S. S. D. (2001). Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. *Cadernos pagu* (16): 115-136
- Salgado, G. M. (2016) As mulheres no campo do direito: retratos de um machismo à brasileira. *Revista da Faculdade de Direito-UFU*, 44 (2).
- Sanches, M. A. & Simão-Silva, D.P. (Orgs..) (2007). *Violência familiar: múltiplas faces e muitas marcas*. Curitiba: CRV 109-120.
- Sennett, R. (1999) *A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record.
- Santi, L. N., Nakano, M. A. S. & Lettiere, A. (2010). Percepção de mulheres em situação de violência sobre o suporte e apoio recebido em seu contexto social. *Texto Contexto Enferm*, Florianópolis; 19(3): 417-24.

Scott, J.W. "Gender: a useful category of historical analysis" (1988). In: HEIBRUN, C.G. e MILLER, N.K. (orgs.). *Gender and the politics of history*. Nova Iorque, Columbia University Press 28-50.

Secretaria de Políticas para as Mulheres / Presidência da República. (2011). *Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres*. Ideal Gráfica e Editora, Brasília; 1(46).

Silva, R. D. Sexualidade e modernidade: uma reflexão sobre os relacionamentos instantâneos na atual conjuntura de um mundo moderno. (2014) *RBSH*, 25(2): 95-100)

Smeha, L. N., Oliveira, M. V de. (2013) Os relacionamentos amorosos na contemporaneidade sob a ótica dos adultos jovens. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, 15(2): 33-45

*Sobre UNESP: Histórico*. (2018). Paulo Rocha (responsável)

Recuperado em: <https://www2.unesp.br/portal#!/sobre-a-unesp/historico/>.

Strauss, A., & Corbin, J. (2008). *Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada*. (Tradução Luciane de oliveira da Rocha). (2. ed.), Porto Alegre: Artmed 288.

Teles, M A de A. (1993). *Breve história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense.

Teles, M. A. de A. & Melo, M. de (2003) *O que é violência contra a mulher*. São Paulo: Brasiliense.

*UNIFESP Institucional Apresentação* (2014)

Recuperado em: <https://www.unifesp.br/institucional/institucionalsub/apresentacao>.

*USP Institucional*. (2019)

Recuperado em: <https://www5.usp.br/>.

Valls *et al.* (2007) ¿Violencia de género también en las universidades? Investigaciones al respecto. *Revista de Investigación Educativa*, 25 (1): 219-231.

Valls, R., Puigert, L., Melgar, P. & García-Yeste. (2016). Breaking the Silence at Spanish Universities. *Violence Against Women*, 1-21.

Venturini, A. C. (2017). *A presença das mulheres nas universidades brasileiras: um panorama de desigualdade*. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis.

Waiselfisz, J. J. (2015). Mapa da violência 2015. Homicídios de Mulheres no Brasil. Brasília  
Recuperado em: <[http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2012/mapa2012\\_mulher.pdf](http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2012/mapa2012_mulher.pdf)>.

Zoratelli, V., Faundes, A, Oisis, M. J. D., Duarte, G., A., Sousa, M. H. de. (2012). Violência de Gênero e sexual entre alunos de uma universidade brasileira. *Rev. Bras. Saúde e Mat. Inf.*, 12 (1): 37-46

**ANEXOS**

## ANEXO A. Ele é da UNESP Araraquara

**Ele é da UNESP Araraquara**  
21 de maio · 🌐

33 - "Ele é da unesp, não faço a mínima ideia do curso, se é de rep ou qualquer outra coisa dele. Estava numa festa e passei por um grupo de meninos, ele puxou meu cabelo e meu braço, colocou a mão na minha n e me beijou. os amigos dele fizeram "aeae" e eu só fugi. Aconteceu duas vezes na mesma festa e eu não lembro se falei "não" ou neguei de qualq forma, mas eu claramente estava incomodada e ele forçou o beijo me puxando. Não fui no crefa por que achei que não era nada, mas deveria t ido."

👍👎👏 46 1 coment

**Ele é da UNESP Araraquara**  
21 de maio · 🌐

32 - "Ele é da Unesp Araraquara, do curso de farmácia-bioquímica e se é religioso, porém quando tem a oportunidade de abusar alguma mina bêb (seja tentando beijar ou até mesmo abusar sexualmente) não perde a chance."

👍👎👏 45 2 coment

**Ele é da UNESP Araraquara**  
18 de maio · 🌐

31 - "Ele é da rep dos anjos, e em uma festa que teve na rep, eu fiquei muito bêbada e ele me levou pro quarto, e trancou a porta, depois disso me lembro de nada. Apenas no dia seguinte acordei e perguntei se havíamos feito algo ele disse que sim, e que não era pra eu reclamar porque eu não falei pra ele parar. Peguei minhas coisas e fui embora em estado de choque. Não sei se é melhor ou não eu não me recordar do q aconteceu de fato, mas me deixa extremamente com medo de ir festas, fato de que saber que se eu beber um pouco mais corro o risco de ser estuprada, e ainda sair como errada pois a culpa foi porque eu estava bêbada. SE A MENINA NÃO ESTA EM CONDIÇÕES DE DIZER SE QU OU NÃO, SE AFASTE SEUS NOJENTOS!"

👍👎👏 146 13 comentários 5 compartilhame

**Ele é da UNESP Araraquara**  
16 de maio · 🌐

30 - "Ele é da UNESP Ciências Sociais, se diz gay mas sempre procura mina pra beijar e quando foi comigo ele pediu um selinho, aceitei e ele forçou beijo de língua, além disso tocou todas minhas "partes íntimas" e mesmo eu tentando sair ele me segurou e continuou me assediando"

👍👎👏 44 6 comentá

**Ele é da UNESP Araraquara**  
16 de maio · 🌐

29 - "Ele é aquele cara do papo legal, da camisa, sempre bem posto e despojado... ele tem uns assuntos diferentes, ele diz ser todo "desconstruído" mas possui dentro dele as raízes mais podres, a raiz da intolerância em qualquer instância. Ele se diz Lula livre e toda a esquedalhada, tem fetiche por marx e companhia mas na hora da luta, silencia mulher, bate boca com mulher pq pra ele, mulher tem que ser submissa, mesmo que a mulher tenta local de fala, ele é o certo, afinal el homem. Ele cerca uma mina, agarra outra, força outra, fala besteiras pra outra, ele pode tudo, ele é homem. Pra ele lésbica só é lésbica pq não conheceu um homem como ele. Se você se oferece pra fazer trabalho acadêmico, você tá oferecendo mais que o intelecto, ele já se sente íntim de seu corpo. Pra ele, homem tem que ser homem, ser macho e ter post Tem que ser homem, igual a ele"

👍👎👏 37

**Ele é da UNESP Araraquara**  
16 de maio · 🌐

28 - "Ele é do segundo ano de Sociais e mora em uma rep q tem nome de cadeia. Fica locão e começa agarrar e tentar beijar as manas. A rep passa pano pra ele e até as amigas q se dizem feministas. Já tentou me agarrar e minhas amigas também. Ficar locão não é desculpa."

👍👎👏 34

**Ele é da UNESP Araraquara**  
8 de maio · 🌐

27 - "Ele é do curso de ciências sociais, mora em república, namoramos durante um ano e o relacionamento acabou em 2017. Ele fazia comentários desconfortáveis sobre meu corpo de maneira "fofa", então tudo bem, porque mesmo que fosse desconfortável, era só um elogio. Em qualquer situação social ele me deixava constrangida e deixava os outros constrangidos com comentários e brincadeiras. Todas as ex namoradas (que inclusive ele traiu) eram vilãs e loucas e queriam queimá-lo pra faculdade inteira. Inclusive, uma tentou me ajudar mais de uma vez, mas quando tentou não adiantou em nada pois eu já tinha sido convencida de que ela queria me fazer mal e fazer mal a ele... nunca pude agradecer, então caso esteja lendo, eu agradeço as tentativas. Me afastei de todas as minhas amigas, me tornei uma pessoa insegura, uma pessoa ansiosa, uma pessoa com crises depressivas por conta do relacionamento. Me acostumei tanto com o conflito que ainda vejo reflexos disso no meu comportamento hoje em dia. Que viram ele me trair foram pelo menos 3 pessoas, mas eu não acreditava, ele sempre conseguia me levar na conversa, ele é muito bom em convencer, em insistir, em forçar a barra. Eu não podia ter amigos homens, ele excluía pessoas que ele não gostava do meu Facebook. Ele usava minhas experiências passadas, de quando eu ainda nem sabia que ele existia, contra mim, e dizia que tinha o direito de fazer tudo que eu já havia feito mesmo estando comigo. Como eu já tive relações com uma mulher, ele tentou me convencer de que era meu dever como namorada fazer um ménage com ele mais outra mulher porque era algo que ele sempre quis fazer durante a faculdade. Ele incomodava meus familiares, minhas amigas. Até hoje incomoda as garotas da República que morei quando encontra elas. Eu enxergava tudo de errado e não conseguia me livrar do relacionamento, até que ele admitiu que me traiu, foi quando consegui me libertar. Eu acredito em cuidarmos umas das outras, então vamos cuidar umas das outras! Tomem cuidado com esses moleques, tomem cuidado nas festas, tomem cuidado nos clubes e nos sambas 😊"

👍👎👏 80 2 comentários 3 compartilhamentos

**Ele é da UNESP Araraquara**  
8 de maio · 🌐

26 - "Ele é ingressante de sociais, mas é mais velho. Nunca fez nada efetivamente (que a gente saiba e até agora), mas além de passar um pano fodido pra macho escroto, menosprezando as denúncias de assédio, ele força uma intimidade nojenta com meninas 20 anos mais novas que ele. Seja comentários no instagram, mensagens no whatsapp ou pessoalmente, várias meninas já disseram se sentir desconfortáveis na presença dele. Os esquerdomachos vão dominar o mundo."

👍👎👏 37

**Ele é da UNESP Araraquara**  
8 de maio · 🌐

25 - "Ele é de farmácia, de uma rep famosinha, todo mundo ama. No início do ano passado transou comigo enquanto eu dormia, quando eu acordei agiu com naturalidade e eu estou tentando lidar com isso até hoje."

👍👎👏 92

**Ele é da UNESP Araraquara**

7 de maio · 🌐

24 - "Ele é de ciências sociais, ingressante, chama as garotas pra casa d pra f1 mas fica irritado quando elas negam transar com ele. É extremamente insistente, não usa camisinha e não para mesmo quando você diz que está machucando muito."

👍👎👤 71

5 comentários 1 compartilhamento

**Ele é da UNESP Araraquara**

4 de maio · 🌐

23 - "Ele é ingressante de ciências sociais do noturno, já tentou me beijar força e beijar mais outras 6 minas que eu conheço, uma na minha frente inclusive. Eu disse que não e quando eu tentei sair segurou meu braço, assim como fez com as outras minas. Detalhe: Esse cara se diz andrôgito desconstruído pra passar pano no grande machista que é."

👍👎👤 57

6 comentários

**Ele é da UNESP Araraquara**

4 de maio · 🌐

22 - "Ele faz ciências sociais, quinto ano. Quando namorávamos, fazia ci que eu me sentisse culpada por todas as brigas, dizia que eu não queria fazer as coisas com ele porque eu queria ficar outros caras. Quando brigávamos, não me respeitava e sempre queria me forçar a ficar discutii (inclusive, entrou na República onde eu morava e ficou forçando a barra que eu conversasse com ele, tive que me trancar no banheiro pois ningu tirou ele de la, mesmo eu pedindo ajuda). Sempre apelava pra pressão psicológica quando eu não queria transar, inclusive, relacionava a minha falta de vontade ao meu ex. Quando terminamos, ele invadiu meu Facebook, leu todas as minhas conversas e veio "tirar satisfação" por eu estar conversando com outros caras. Depois de ter que pedir pra mãe de dar um jeito nas ações do filho, o mesmo me bloqueou no Facebook. Dia atrás, ainda teve a cara de pau de me desbloquear e ainda enviar uma solicitação de amizade... às manas, um recado: ele não é ousado, ele é macho tóxico."

👍👎👤 65

1 comentário

**Ele é da UNESP Araraquara**

18 de março · 🌐

21 - "Eles são alguns professores das Ciências Sociais. É difícil passar muitas aulas sem demonstração da clássica arrogância acadêmica. Divergências levantadas dentro de sala não são tratadas com debate (en que OS DOIS lados falem e sejam ouvidos com respeito), com didática e argumentação, mas sim com o famoso monólogo e coisas como "você não sabe do que você tá falando", "vai ler", "vivência a gente deixa fora da sala de aula", silenciando e diminuindo os/as estudantes, isso quando essas coisas ainda não são ditas gritando, porque, afinal, o seu poder está em risco dentro da sala de aula, tem que mostrar quem é o "teacher". É pra intimidar mesmo. Ensinar sem oprimir? Impossível, tem que mostrar, afin e reafirmar que a sala de aula é dele, que quem tem o conhecimento é ele quem manda ali não é ninguém além dele. CONSIDERAR que talvez estejam errados sobre algo? Abrir a cabeça um pouco? Ai é a morte. Esse tipo de arrogância, manifestação de elitismo e caráter aristocrático do no corpo acadêmico, é parte da explicação do afastamento desses acadêmicos do conjunto do povo. Explica também a frustração de muita gente com o ambiente universitário. Esse comportamento só desestimula e afasta."

👍👎👤 11

**Ele é da UNESP Araraquara**

18 de janeiro · 🌐

20 - "ELA é da Sociais e abusou de mim depois de uma festa. Ela queria transar, eu não queria. Fui chamado de broxa e viado. Fui embora de su rep. e no dia seguinte ela mandou msg pedindo desculpa. Três dias depois uma amiga me conta que ela está espalhando aos 4 cantos com gargalhadas que broxei com ela."

👍👎👤 8

**Ele é da UNESP Araraquara**

30 de dezembro de 2018 · 🌐

19 - "Ele é da Letras 2016, estuprou um colega de turma e até hoje vocês passam pano pra ele"

👍👎👤 17

**Ele é da UNESP Araraquara**

30 de dezembro de 2018 · 🌐

18 - "Ele é da Unesp Araraquara, faz adm pública e mora numa rep que bebe muita 'ceva'. Já tirou a camisinha enquanto transávamos uma vez e já abusou de uma menina que conheço, apesar de contar outra história e sempre dizer que a menina é maluca."

**Ele é da UNESP Araraquara**

21 de dezembro de 2018 · 🌐

17 - "Ele é da Engenharia de Bioprocessos, da Fúria e todo mundo adora ele, mas nas festa leva as meninas pra casa e tenta abusar delas mesmo elas falando não!"

👍👎👤 28

12 comentários

**Ele é da UNESP Araraquara**

19 de dezembro de 2018 · 🌐

16 - "Ele é da unesp: roubou duas reps, um centro acadêmico e agrediu minas. Cuidado pra não cairem num buraco!!"

👍👎👤 39

**Ele é da UNESP Araraquara**

21 de novembro de 2018 · 🌐

15 - "Ele é da UNESP Araraquara e faz Ciências Sociais. É uma pessoa muito arrogante e mimada, muitas vezes já ofendeu os outros ao seu redor. Já ouvi muitas piadinhas machistas dele, além de várias outras que eram preconceituosas ou que atingiam minorias; mas para ele estava tudo bem, são meras piadinhas. Ele namora uma menina e já vi várias vezes sendo grosso com ela e a tratando mal, sem motivo ou justificativa nenhuma (não era agressão física, mas). Sei que tem macho muito mais escroto, mas ainda assim, esse também é."

👍👎👤 13

**Ele é da UNESP Araraquara**

20 de novembro de 2018 · 🌐

14 - "Ele me levou de uma festa para casa dele, eu bêbada não sei como fui parar lá, só fiquei sabendo que era a casa dele quando acordei pelada na sua cama."

👍👎👤 29

**Ele é da UNESP Araraquara**

20 de novembro de 2018 · 🌐

13 - "Ele era da Unesp Araraquara e veio pro Inter. Apesar da fama da rep dele ser horrível, ainda tenho amigos na casa e fiquei perto deles por um tempo. Ele tentou ficar comigo e com varias amigas falando coisas escritas de uma maneira super opressora. Os amigos viram e tiraram ele de perto de mim, mas depois vi ele fazendo isso com outras meninas e elas mts vezes respondendo com empurrões. Culpar que o cara tá entupido de droga é fácil, mas sabemos que se o cara faz isso é pq tem isso dentro dele. Como os amiguinhos permitem isso? Vcs tiraram ele de perto de mim, mas e as outras? Não falam nada por medo do cara ser veterano? Ou pelo hábito de passar pano?"

👍👎👤 24

**Ele é da UNESP Araraquara**

18 de novembro de 2018 · 🌐

12 - "Ele era da UNESP Araraquara, meu veterano da ciências sociais. A gente mantinha um sexo casual descompromissado porque era o combinado. Ele adorava pagar de poeta e conversar cmg durante o dia tr mandando letras de música. Ele não gostava de usar camisinha. Um dia, muito bêbados de vodka, transamos (não lembro de td). Passados três d ele me mandou mensagem preocupado perguntando se eu tomava remédios e eu disse que não. Então ele disse "onde já se viu querer dar sem tomar remédios?". Me tratou como irresponsável sozinha. Disse a el pra ficar tranquilo pois eu me virava. Ele não me procurou por meses. Eu um teste. Eu abortei. Meses depois ele e minha bff namoraram. Dois anc depois ele e outra amiga namoraram...seguem juntos. Poucas pessoas sabem porque não falo com mais ngm. Pra maioria isso é treta por mach Ainda possuo sororidade com elas, mas sigo consciente de quem ele é e quem elas foram...não acredito que ele vá melhorar. Coitadas das alunas que ainda terá e mandará poemas de Vinícius de Moraes.... mas se melhorou com certeza entenderá porque falo disso aqui. As duas minas, alem de serem amigas minhas, moraram comigo. Ambas me excluíram do face porque, segundo elas, com elas era diferente. Por eu que permitia os caras fazerem isso cmg... Cuidado com as migas mar nem tudo é o que parece."

👍👎👤 73

**Ele é da UNESP Araraquara**

16 de novembro de 2018 · 🌐

11 - "Ele é da UNESP Araraquara e não assumia a mina que tava, apes: de eu perguntar um trilhão de vezes a fim de não estragar o que poderia um relacionamento, então ficamos. Quando a, agora namorada, soube, t fez o desentendido e, claro, jogou a culpa em mim, fazendo com que a n simplesmente virasse a cara, além de levar junto todas as amigas, que, l acaso, se intitulam feministas mas que acreditam em fala de macho sem ouvir a versão da mina e óbvio, qnd ouvem, desconsideram. Hoje eles namoram, eu soube que o rolo era antigo e ele só queria me pegar na maciota mesmo. Toma vergonha e assume teus b.o!"

👍👎 18

2 comentis

**Ele é da UNESP Araraquara**

11 de novembro de 2018 · 🌐

10 - "ele é da unesp, cursa economia, é cantor e fala pros amigos que o objetivo de tocar nas festas são as "pepeças" que vai conseguir depois. é todo desconstruído, simpático demais, amigo de todo mundo, mas fala esse tipo de merda como se fosse super engraçado."

👍👎👤 48

**Ele é da UNESP Araraquara**

1 de outubro de 2018 · 🌐

9 - "ele é da Unesp Araraquara e tirou a camisinha durante o sexo, mesmo eu tendo deixado claro que não transaria sem camisinha, quando percebi e perguntei "nossa nem lembro de ter tirado"

---

Essa violência sexual é considerada crime em alguns países. No Brasil, embora não o seja, existem algumas medidas que podem ser tomadas "Embora acreditem que a prática não possa ser enquadrada como estupro, os especialistas afirmam que existem alternativas legais às mulheres que se sintam vítimas dessa situação.

Eles citam os artigos 130 (perigo de contato venéreo), 131 (perigo de contágio de moléstia grave) e 215 (violência sexual mediante fraude) do Código Penal brasileiro, uma vez que o sexo foi de forma desprotegida e não consensual.

Os especialistas dizem também ser possível entrar com uma ação cível, e não criminal, contra o acusado.

"Seria uma ação reparatória pelo dano causado, como, por exemplo, uma gravidez indesejada", assinala Leal Júnior, da Defensoria Pública do Rio Grande do Sul."

<https://www.bbc.com/portuguese/geral-39747446>**Ele é da UNESP Araraquara**

30 de setembro de 2018 · 🌐

8 - "Ele é da Unesp Araraquara e na primeira vez que saímos, sugeriu transar sem camisinha. Quando eu disse que não faria, ele começou a ficar agressivo e continuou insistindo para que fosse como ele queria. Por sorte consegui ir embora antes de algo pior."

👍👎👤 7

**Ele é da UNESP Araraquara**

29 de setembro de 2018 · 🌐

7 - "Ele é da Letras, paga de desconstruído mas beija meninas a força, ja morou em varias republicas (uma pior que a outra) e tem muita, muita fama de escroto! Espero que um dia aprenda que ninguém é objeto para ele ficar agarrando nas festas. Nojo, nojo e nojo!"

👍👎 10

**Ele é da UNESP Araraquara**

29 de setembro de 2018 · 🌐

6 - "Ele é da UNESP Araraquara e, à primeira vista, parece um menino doce, gentil e educado. Todos ao redor gostam dele, tem muitos amigos e amigas, é uma pessoa querida. Ele nunca fez nada comigo, mas acho que não se pode dizer o mesmo com as meninas que já ficou... Já ouvi ele numa roda de amigos falando de forma bem escrota sobre as meninas que já ficou, tratando-as como simples objetos. E já ouvi algumas histórias que sempre tenta "algo a mais" com as meninas e insiste bastante, mesmo quando estas já deixaram bem claro que não estão afim de nada. E quando falo em insistir me refiro a ser chato, tentar ficar passando a mão, manipular. Ah, e não são apenas boatos, de fato conheço uma menina que passou por isso com esse cara. Enfim, gostaria muito de falar o nome dessa pessoa, mas muitas pessoas sairiam o defendendo, visto que é bem popular. Espero que as meninas que já ficaram com ele e passaram por situações desagradáveis estejam bem e se sintam livres para desabafar aqui ou em outros lugares. Somos mulheres e estamos unidas contra o machismo!"

👍👎 4

**Ele é da UNESP Araraquara**

29 de setembro de 2018 · 🌐

5 - "Ele é da Unesp Araraquara e se faz de amiguinho de todas até transar com ela e virar as costas."

👍👎 5



### Ele é da UNESP Araraquara

29 de setembro de 2018 · 🌐

4 - "Ele é da Unesp Araraquara e engana as meninas dizendo que existe sentimento entre ele e a menina que ele ta conversando quando na real que vai comer uma menina de tarde e outra de noite. Ele engana uma garota dizendo que não sai com ninguém quando na verdade ta saindo sim."

👍 4



### Ele é da UNESP Araraquara

29 de setembro de 2018 · 🌐

3 - "Ele é da Unesp Araraquara e pega de desconstruído nas redes sociais falando de respeito quando na verdade ele fica pegando um monte de menina e chamando todas de loucas pelas costas"

👍 😡 4



### Ele é da UNESP Araraquara

26 de setembro de 2018 · 🌐

2 - "Mulheres também podem ser racistas e LGBTfóbicas".

---

Relatos de violências praticadas por mulheres serão igualmente publicados. Por isso não especificamos gênero com "estudantes" na publicação fixada.

👍 🗨️ 4



### Ele é da UNESP Araraquara

26 de setembro de 2018 · 🌐

1 - "Ele é da UNESP Araraquara, é machista e lesbofóbico, mas está sempre nas festas e integrações. Quando cheguei em Araraquara na minha primeira festa beijei esse rapaz e ficamos algumas outras poucas vezes, decidi parar porque me senti incomodada com atitudes dele que não me respeitavam, por exemplo sempre tentava forçar algo a mais principalmente quando estava bêbada demais aos seus olhos, não respeitava meus limites e sempre queria ir além do que eu permitia. Ele não gritou comigo e/ou não humilhou verbalmente quando não queria ficar mais com ele nas festas; de alvorada, mas todas as vezes que passava por ele era um puxão no braço, um tapa na bunda, encaradas que chegavam a dar medo principalmente quando estava sozinha e perdida das minhas amigas no meio da festa. Certas vezes quando esse indivíduo me via beijar alguma menina tentava entrar no meio, quando não parava e ficava observando até uma hora nós duas notamos ou até mesmo se aproximava e passava a mão por nossos corpos sem consentimento.

Essa pessoa é de república e pode ser seu conhecido, às vezes até seu amigo. Não tenho coragem de dizer o nome dessa pessoa, mas tem uma forte referência do apelido do mesmo no começo da história."

👍 😡 🗨️ 8

## ANEXO B. Ele é da UNESP Bauru

**Ele é da UNESP**  
10 de maio · 🌐

"Foi aluno da educa, jogou inter e fez parte da atlética. O queridinho de t mundo, um poço de carisma, coloca minas e minas uma contra as outras caga no psicológico de todas elas e depois se faz se santinho falando qu mina é louca. Ta na hora da mascara cair"

👍👎👏 45

1 coment

**Ele é da UNESP**  
25 de setembro às 11:40 · 🌐

"Ele é de Bauru e se formou em Física pela Unesp, mas ainda freque festas que rolam nas reps. Ele tirou a camisinha quando fomos trans; mesmo eu repetindo inúmeras vezes que não transaria sem camisint

👍👎👏 84

**Ele é da UNESP**  
10 de maio · 🌐

"tem um aluno de rtv que já assediou inúmeras minas só dentro do curso fica difamando as minas e é o primeiro que coloca a mascara de esquerdomacho"

👍👎👏 33

**Ele é da UNESP**  
10 de maio · 🌐

"Ja faz 2 anos que isso rolou. Era meu primeiro ano de faculdade e eu n fazia ideia de como era sofrer um tipo de assédio grave. Fui numa festa i libertação de civil em uma rep conhecida. Lá estava um cara que eu já ti ficado e tinha ido para a casa dele que é uma rep conhecida tbm, porém meio do caminho mudei de ideia e não queria mais ficar lá. Não transam mas ele queria muito e quando eu disse que queria ir embora ele ficou m segurando e passando a mão na minha bunda sem eu permitir. Fiquei assustada e com medo mas o convenci a me levar embora (como se fos normal ter que convencer alguém a fazer isso). Meses dps e sem nunca mais ter falado com ele, eis que eu estava nessa festa de libertação. Tav tudo show, eu não estava bebendo no dia e ele chegou em mim de novo meio do role. Beije ele. No final da festa o problema aconteceu: ele cheg em mim de novo mas eu estava sozinha, chegou dizendo que me levaria para a casa dele. Eu disse que não queria. Ele puxou meu braço e me le pra um muro num corredor onde não havia ngm e começou a me beijar forçaadamente. De repente começou a pegar meus peitos e colocar a mã no meu shorts, eu não parava de dizer para ele que ele precisava parar i eu não queria aquilo mas ele continuava. Eu fiquei desesperada e tirei c força as mãos dele de mim... Nessa hora ele me agarrou com as mãos p pescoço, me ergueu na parede e disse: cala a boca. Eu fiquei desesperada, no dia seguinte meu pescoço estava machucado Quando ele me soltou, cai e ele me puxou pelo braço, com uma mão ia r levando ao portão de saída da rep e com a outra ia me tateando para colocar a mão dentro do meu shorts de novo. Desesperada, eu comecei chorar. Os seguranças viram, outras pessoas viram e nada. Faltando 3 metros para chegarmos à porta da rep e sairmos, um amigo meu me viu desesperada e me salvou. Foi horrível. Até hoje tenho calafrios quando v ele. Pra piorar ainda teve uma mina que me conhecia mas continuou am dele mesmo dps de ter contado para ela. O apelido dele é de um personagem [...] mas de herói ele não tem é nada. Não quero nem pens: no que teria acontecido se eu não tivesse tido ajuda nesse dia... Quando o vejo no role feliz, se divertindo como se ele fosse um cara bacana, me nojo. Principalmente pq o role nunca é bom quando ele está por perto"

7B%22logging\_data%22%3A%7B%22page\_id%22%3A18580... menti

**Ele é da UNESP**  
9 de maio · 🌐

"Aluno de rtv da Unesp Bauru paga de santo e de bom moço, mas maltrata TODAS as meninas que tem algum tipo de relacionamento amoroso com ele"

👍👎👏 27

1 comentário

**Ele é da UNESP**  
8 de maio · 🌐

"Aluno de produção que mora em rep famosinha forçou uma mina a transar com ele"

👍👎👏 55

1 comentário

**Ele é da UNESP**  
7 de maio · 🌐

"O meu relato é de um ex-aluno de biologia da Unesp de Bauru, que agora virou bixo de Jornal da mesma faculdade. Prefiro não entrar em detalhes, e vou até dar uma leveza no assunto. Eu queria ficar com ele, fui pro apato dele, mas lá me senti desconfortável por n motivos e decidi mudar de ideia. Ele não, e me agarrou a força, e se não fosse uma colega nossa ele teria feito coisa pior. Cuidado manas de jornal, com quem vocês vão se relacionar.

Ainda sobre o relato anterior, ele nunca se desculpou e ainda tentou jogar a culpa em mim porque mudei de ideia. Homem cis é uma coisa..."

👍👎👏 58

1 comentário

**Ele é da UNESP**  
7 de maio · 🌐

[BAURU]

Um calouro de biologia (se não me engano) que mora na república \*\*\*\*\* (apelidado por \*\*\*), chegou em mim em uma festa de forma super incisiva, me deixou desconfortável e disse que "na noite anterior fiquei olhando muito pra ele" (e eu nem lembrava quem ele era). Da forma como ele disse e agiu, era como se isso significasse que seria obrigada a ficar com ele ali, o que foi absurdo pois eu não queria. Enfim, estiquei a conversa com ele e mudei de assunto, pois tinha ficado incomodada. Conversando, percebi que ele era mega infantil. E tive a certeza que não só não queria ficar com ele como eu FALEI pra ele que não queria. Então, ele saiu.

O problema é que ele não soube aceitar o não. E depois de um tempo ele voltou, me viu conversando com outros caras e ele fez questão de passar ao meu lado me falando coisas como "você tá errando", e eu ignorava. Não bastasse isso, depois ele veio até mim, me xingou, me ofendeu e como se não bastasse ficou procurando maneiras de me irritar... Ficou encostando em mim, me encarando e uma hora chupou o dedo dele e colocava na minha bebida e mexia... Ele fez isso mais de uma vez. Nisso, minha vontade era ter jogado a bebida na cara dele, mas fiquei com medo de qualquer reação. Eu só falei pra ele sair de perto de mim, disse que ele era babaca e ele afirmou com o maior orgulho que era mesmo. Comentei a situação péssima com os meus amigos e eles foram cobrá-lo do showzinho ridículo. E aí eu comecei a repensar que queria ter feito mais, falado mais, mas na hora fiquei sem saber o que fazer, sem reação com tamanha falta de noção e de respeito. Então, senti que precisava expor."

👍👎👏 141

17 comentários

**Ele é da UNESP**

7 de maio de 2018 · 🌐

[BAURU]

"Ontem na Cajusemkopo um moço passou atrás de mim e eu senti uma picada no braço, na hora eu falei pras minhas amigas que tinha sentido, mas como já não estava muito sóbria achei que fosse coisa da minha cabeça, acordei hoje de manhã e olhei no meu braço, realmente tem um picada, O CARA ME FUROU COM UMA AGULHA!  
Manas fiquem atentas!"



170

14 comentários 1 compartilhamento

**Ele é da UNESP**

3 de maio de 2018 · 🌐

"(Araraquara) ele me levou de uma festa para casa dele, eu bêbada não como fui parar lá, só fiquei sabendo que era a casa dele quando acordei pelada na sua cama."



87

8 compartilhamentos

**Ele é da UNESP**

3 de maio de 2018 · 🌐

"Casal super desconstruído, casados e em um relacionamento aberto, e formado, ela aluna da minha turma. Não estava bem um dia e ela me convida pra casa deles pra beber um pouco e afogar às magoas, ela não fica muito bem quando bebe vodka e desmaia, ele tenta me mostrar nudez dela eu digo que não estou a fim. Vou tentar dormir, ali mesmo na sala e tenta chamar ela pra ir pra cama, mas ela desmaiada não vai, ele coloca a mão dela no meu peito e começa a bater uma, eu abro os olhos e ele me pede pra ficar quieta. Não tive coragem de contar pra ela."



28

**Ele é da UNESP**

3 de maio de 2018 · 🌐

"Sou bixete de Jornal em Bauru e a primeira festa que eu fui foi o aniversário de uma república famosa aqui. Uma meia hora depois de ter chegado na festa, dois caras se aproximaram de mim e da minha prima, falando pra minha prima o quanto amava o outro, que tinha dado de presente de aniversário o convite da festa para ele. Aí do nada esse aniversariante começou a beijar meu rosto, e eu fui virando a cara. O an mandou ele beijar a minha boca e ele foi, eu não beijei de volta. Então o cara agarrou minha bunda, deu um beijo no meu pescoço e foi embora. Fiquei paralisada enquanto tudo acontecia, e depois só ficou o terror do que ele fez. Não sei se ele estuda na Unesp e apaguei o rosto dele da memória o que ele fez ainda machuca demais."



42

1 comentário

**Ele é da UNESP**

3 de maio de 2018 · 🌐

[Bauru] [RTV]

Muitas amigas falam o quanto ele é inconveniente e desnecessário em comentários e atitudes, mas ele é amigo dos paquitos do curso, então a galera passa pano.

Como veterano faz a linha do simpático, amigo, preocupado e depois act que a simpatia deve ser retribuída da forma que convém a ele. Veterano não é dono de bixete."



39

1 comentário

**Ele é da UNESP**

2 de maio de 2018 · 🌐

[BAURU] [REP FAMOSA]

"(Bauru) Ele mora em uma rep super famosa por dar festas em Bauru e um dia eu trabalhei em uma dessas festas, que ele me contratou pra um freela. Não conhecia ninguém e fui sozinha, precisava do dinheiro. Um momento, enquanto estava dentro de um comodo da casa, notei o cara me fitando de uma forma nojenta, achei que era coisa da minha cabeça no primeiro momento. Mas assustei, pois ele devia estar me olhando há um bom tempo, pq estava em silêncio me observando, e quando notei fiquei com medo e já pedi pra sair dali. Depois, ele falava cmg me agarrando pela cintura, e depois ele me 'prende' com os braços na escada da sua casa enquanto me pagava pelo trabalho. Eu estava TRABALHANDO e não tinha como gritar pra ele não fazer nenhuma daquelas coisas. Ainda, depois desse dia, recebi mensagens dele insinuando para sair comigo, as quais eu nunca respondi. Isso não impediu ele de me encontrar pessoalmente um dia e ele insinua de me contratar novamente para o mesmo trabalho, o qual eu desconversei, mesmo ele insistindo. Sempre que a primeira impressão é a pergunta "será que estou louca?", eu sei que não estou louca e que não é coisa da minha cabeça. Vão acompanhadas em todas as festas, meninas, elas nunca são tão inofensivas quanto parecem."



66

1 compartilhamento

**Ele é da UNESP**

2 de maio de 2018 · 🌐

[BAURU] [JORNALISMO]

"(Bauru) Cara escroto da FAAC que ilude mina por meses e depois a faz sentir uma idiota em público não é melhor que cara escroto de outras faculdades que é escroto de forma mais evidente. Agressões psicológicas e manipulação também te tornam um idiota e um abusador. Transar com a mina bebada e se fazer de desentendido depois te faz um escroto, não interessa que vc é de jornalismo: isso não te torna um desconstruído, te torna um cuzão que passa por desconstruído, o que é ainda MAIS abominável. Falar mal de cara abusador não te livra de ser outro. Reconhecer machismo não te torna não machista. Ter amigas não te torna um cara foda. Só mostra que vc é realmente sádico por saber exatamente os pontos fracos pra fazer uma mina acreditar que ela é louca no momento q vc chama-la de louca. E ficar com todas as amigas dela em seguida te torna um lixo de pessoa. Espero que evolua."



103

4 comentários 6 compartilhamentos

**Ele é da UNESP**

30 de abril de 2018 · 🌐

"[BAURU] ele é formado em Bio, chamado pelo seu apelido, as pessoas acreditam que ele é um cara calmo/do mato pelo seu semblante, porem causa com varias garotas ha tempos, e continua causando, passando a mao, tentando beijar à força..

Tem amigos que fazem/fizeram coisas similares também.

Queria acreditar que isso ficou no passado, porem ouço relatos recentes..."



46

**Ele é da UNESP**

30 de abril de 2018 · 🌐

"[Bauru] Ele faz engenharia civil. Loirinho, fortinho, filhinho de papai e mora em rep. Já ficou com várias amigas minhas. Já soube de casos de 'discussão' em público que puxa meninas pelo braço e aumenta o tom de voz. Não admite ser contrariado, imagina só... É conhecido por já ter feito várias 'micro' agressões a várias minas. Não é como se isso mudasse a reputação dele nem por um segundo! Rs "



63



**Ele é da UNESP**

28 de abril de 2018 · 🌐

[SAO JOSE DOS CAMPOS] [PROFESSOR]

"Ele é da Unesp São José dos Campos, um professor. Feminista, esquerdomacho, parça dos alunos, um "fofo" com as alunas. Me chamou para sair e eu aceitei, pois ele era tão desconstruído, é claro que ele não seria escroto né. Fomos num bar e eu tomava um drink, quando no meio conversa me perguntou se eu ficava bêbada fácil. Respondi que não, e ele disse: "Não tem problema, se precisar eu te dou mais bebida pra você ficar fácil!". No momento não percebi o que ele quis dizer, não conseguia maldade num cara tão "gente boa". Depois fiquei sabendo de outros casos dele passando dos limites com alunas. Dói escrever isso. Dói saber que demorei meses para perceber que se em algum momento eu não quisesse mais ficar com ele, ele poderia me embriagar, forçar algo, até mesmo dopar. Dói saber que ele continua dando aula e as meninas não fazem ideia de quem ele é de verdade. Dói saber que ele provavelmente assediou ou tentou assediar outras meninas e só Deus sabe quando vai parar. Dói saber que ele é muito querido e respeitado na Unesp e ninguém pode fazer nada contra ele."



166

36 comentários 18 compartilhamentos



**Ele é da UNESP**

28 de abril de 2018 · 🌐

"Quando era caloura, tinha um veterano que me chamava para o quarto dele, falava pra eu sentar na cama dele e fechava a porta enquanto eu estava lá. Eu, por ser caloura, tive vergonha e medo de recusar ou ter uma ação negativa em relação a ele e apenas aceitei a situação. Quando pude no caso um amigo veio falar comigo - sai correndo do quarto e fui embora da república."



13



**Ele é da UNESP**

28 de abril de 2018 · 🌐

[ARARAQUARA] [LETRAS]

"(araraquara) das letras. finge que é santo e paga de bom menino de igreja só que engana e manipula as moças. é machista, reprime as meninas (si mais de uma) que fica mas todo mundo acredita que é bonzinho porque super boa pessoa com os amigos e amigas. já tratou mina igual lixo e agora como se não tivesse feito isso por ser um escroto. não foi só com uma, espero que outras tenham cuidado."



17

1 comentário 1 compartilhamento



**Ele é da UNESP**

27 de junho de 2017 · 🌐

[BAURU]

"Ele é formado em Biologia, e agora faz mestrado. Faz piada machistas, reclama se a mulher sai com roupa muito curta/decotada. É adorado por muitas mulheres, mas para os amigos espalha que tal mina é a "marmitta fácil" dele, expondo-a ao ridículo e a chacota. Trata mulher igual lixo, quando se cansa dela pinta ela de louca para os amiguinhos. Mas ele é amor né? O cara mais gentil que já existiu e foi figura carismática da Naunteria."



54

1 compartilhamento



**Ele é da UNESP**

30 de dezembro de 2016 · 🌐

"[Bauru] Ele faz post sobre respeitar as mina no facebook, quando ouve historias de abuso ele diz "esses caras são uns escrotos", ele não faz nada do que prega. Sei de casos de meninas que ficaram com ele pq o mesmo ficou insistindo até a mina ceder. Sei também que ele tem completa noção do que faz e de que isso é abusivo. Tenho certeza que logo ele vai curtir essa pagina e falar para as pessoas ao redor dele que a pagina é ótima, ele vai ler isso e para se confortar vai dizer "não pode ser sobre mim", então ele vai dar um grr na publicação e achar que isso aqui não vai dar em nada já ninguém vai desconfiar do teatrinho dele e vai continuar fazendo o que faz."

Estou falando de um cara específico, mas existe mais de um com atitudes parecidas pela Unesp. Então se a carapuça servir, faça bom uso dela."



41



**Ele é da UNESP**

5 de outubro de 2018 · 🌐

"[Bauru] ele disse que foi a mina que transou com ele, porque tava muito bebado pra fazer alguma coisa ela levou ele pra casa ela que fez tudo. a segunda vez foi só porque ele queria provar pra que aguentava Não migas! Mulher não estupra macho."



8

1 compartilhamento



**Ele é da UNESP**

28 de setembro de 2018 · 🌐

"[Bauru] Alguns anos atrás fui a uma festa conheci esse cara, futuro engenheiro. Ficamos e cada um seguiu sua vida. Meses depois voltei à Bauru (pois não sou de lá) e encontrei esse cara de novo em uma festa. Eu estava muito bêbada, ficamos e acabamos indo para o apartamento dele. Chegando lá, eu estava com muito sono e ainda muito bêbada, ele ofereceu sua cama e eu aceitei (achando que ia dormir). Assim que me deitei, ele começou as investidas, eu tentava recusar, pedia pra parar mas ele não parou. Fui estuprada. Tive vergonha, por estar bêbada, e não contei a ninguém. Demorei até pra perceber que de fato tinha sido um estupro, foi necessária muita desconstrução e informação pra ter o estalo "pera, então eu fui estuprada". Espero que esse cara não tenha feito isso com mais nenhuma menina, e tenha aprendido o que um não significa."



39



**Ele é da UNESP**

27 de setembro de 2016 · 🌐

"[bauru] ele é da unesp, faz engenharia. nunca foi muito de ir em festas, me disse. nos encontramos em uma festa da "faac", e ele veio com aquele papo de como ele não gostava do curso de engenharia, de como ele na verdade se identificava mais com o pessoal de humanas, de como ele sempre acreditou nos ideais que o pessoal de esquerda defendia, de como ele respeitava as mulheres e o seu direito de ir e vir - e de como os colegas engenheiros dele não eram assim. Fomos pra casa, conversamos, parecia tudo bem e tudo muito lindo, até que ele começou a forçar coisas comigo e eu simplesmente não estava afim e eu NÃO era obrigada a nada. deixei claro desde o início que não queria, e ele procurava mil motivos, perguntou se eu namorava, se eu tinha algo com alguém, simplesmente não entrou na cabeça dele que eu NÃO QUERIA TRANSAR. Na hora eu só dava desculpas esfarrapadas, como moro sozinha não tinha ninguém para me ajudar, e eu fui apenas esquivando. no outro dia ele foi embora, não conversamos mais e um tempo depois fiquei sabendo que ele tinha falado coisas de mim para amigos dele. em uma outra festa 3 meses depois, no mesmo lugar que a gente se encontrou pela primeira vez, ele me viu ficou com outro cara e foi falar pra esse cara de como eu não ia "liberar" pra ele e nem adiantava insistir. Pra infelicidade dele eu estou com esse cara até hoje, e agora esse engenheiro está namorando com uma aluna da unesp também; desejo do fundo do meu coração que ele não seja um idiota com ela (o que eu duvido muito), e, caso ele esteja sendo, que ela tenha coragem de sair dessa. homem escroto assim não merece minas tão incríveis como nós."



52

1 comentário



**Ele é da UNESP**

28 de setembro de 2016 · 🌐

[BAURU]

"Ele é da unesp, tem cabelo castanho claro, franja um pouco caída na frente dos olhos. Sempre anda pela Unesp sozinho, a única vez que o vi numa festa, estava sozinho( não estava com amigos). Nunca vi andando acompanhado. Um dia, em uma festa, uma amiga e eu vimos ele com uma moça, ela parecia estar curtindo muito a música eletrônica e o momento, pelo menos foi a mentira que eu contei pra mim mesma, com medo de admitir que aquela menina estava sendo abusada. Minha amiga queria fazer alguma coisa, mas sozinha ela tinha medo, eu fiquei com medo. Ele beija a moça, segurava a mão dela, colocava dentro da calça dele, e ela não parecia nem perceber o que estava acontecendo. Se eu pudesse voltar no tempo ajudaria aquela moça, fui fraca e me arrependo. O que acalmou eu, minha amiga, é que um tempo depois, na festa, vimos o mesmo menino sozinho de novo ("ufa, ele não levou aquela moça pra nenhum lugar mais vazio pra estuprar ela" foi o que pensei). Vi ele andando, pra lá e pra cá o resto da festa, com aquele olhar semicerrado, como quem procura a próxima vítima. O mesmo olhar que vejo ele andando na unesp, todos os dias."



20

## ANEXO C. Ele é da UNIFESP

**Ele é da Unifesp**

27 de setembro às 15:49 · 🌐

"Me tratava super bem quando me conheceu, mas começou a me julgar meu caráter e fazer comentários maldosos por causa da minha sexualidade. Muitas palavras de baixo calão, comparação com outras mulheres, não conseguia conversar comigo pessoalmente. Descontava sua frustração em mim, e todas as vezes que tentava conversar com ele, me pedia para pois pois estava enchendo o saco.

Assédio psicológico e sexual, fazendo inúmeras insinuações e comentários sexistas, de conotação sexual e me desvalorizava, que com o passar do dia, vi que não era algo normal, mas que eu aderi pra relação não ficar chata.

Me tratou mal quando neguei sexo, e não pensou no meu bem estar e na minha saúde. Fazia brincadeiras envolvendo estupro e violência.

Me proporcionou lágrimas durante dias, o que me fez achar que havia estragado a relação, me sentindo culpada da perda de interesse dele, me sentindo estranha, suja, envergonhada e surtada."

Campus Osasco



80

**Ele é da Unifesp**

2 de julho · 🌐

Ele é aluno de história de 2018, namorava durante o primeiro ano, agora está em outro relacionamento, os relatos de abuso emocional em ambos períodos que ficou solteiro, era abusivo com outras mulheres no bar, as pessoas dizem que ele é maneiro, porém embebedava as meninas no bar para levar para cama. Sinto muito pela vida de todas mulheres que ele destruiu e ainda vai destruir.

P.E. cursa História no campus Garulhos



72

20 comentários

**Ele é da Unifesp**

9 de novembro de 2017 · 🌐

"Acho surpreendente que nenhum relato sobre isso tenha sido postado nos segredos ou exposto em qualquer outro lugar, visto que é um dos piores casos da Unifesp.

O maior exemplo do machismo na Universidade, performado em todas as suas vias, é concretizado numa das mais antigas e conhecidas repúblicas da EPPEN, que acabou fisicamente mas ainda existe "em espírito".

Ali tem acusações de tudo: assédio, estupro e até gravação de meninas sem autorização.

Cheios de amigos e panos passados aqui e ali, a última coisa citada, um vídeo de um dos participantes tendo relações com uma garota, SEM AUTORIZAÇÃO, vive sendo comentado de boca em boca mas nunca exposto como deveria ser.

Envolvidos no ato (na verdade CRIME) são 4, agora que sabem e se uniram pra esconder são mais de 10.

Acusações de assédio são inúmeras, da mais "insignificante" (se é que alguma pode ser) até as mais sérias.

Como é de se esperar e já foi citado na página de segredos, não se manifestam contra casos de assédio em suas festas e não possuem a menor cerimônia em permitir a entrada de agressores, ainda que sempre sejam dissimulados e se façam de preocupados.

Resumindo, a maior concentração de machistas da EPPEN que vivem encobrir a merda um do outro."

Eles são de Osasco.



55

1 comentário



9 de novembro de 2017 · 🌐

**[RACISMO]**

É atleta do futsal e passa boa parte do tempo no cco, lugar onde dissemina seu discurso de ódio contra os negros na faculdade, além de fazer inúmeros comentários misóginos. A maioria dos alunos sabem de sua má índole, inclusive os membros da atlética e os jogadores do time que o mesmo é idolatrado, porém é mais fácil passar o pano, do que o banir do time, né? Ninguém quer ficar de fora da roda do beck e perder as piadas preconceituosas que são motivo de risada de muitos."

Ele é de Osasco. Ele faz Ciências Atuariais.



41

1 comentário

**Ele é da Unifesp**

9 de novembro de 2017 · 🌐

"enqto uma amiga contava q um cara da Med levou ela pra casa depois de uma festa e tentou fazer sexo com ela desacordada a reação da maioria das meninas q tavam ouvindo foi 'eles sempre fazem isso' eleSS? sempre? n era so uma porra de uma exceção de macho escroto?!!!! e isso é tentativa de estupro vindo de futuros médicos! me deu muita vontade de denunciar, mas a vítima n quis então n fiz nada"

Eles são de São Paulo. Eles fazem Medicina.



98

1 compartilhamento

**Ele é da Unifesp**

9 de novembro de 2017 · 🌐

"R.A. é aparentemente gente boa, good vibes, fuma um beck, paz e amor. Só que agride ex-namoradas. Surgiu um relato há uns meses atrás de uma das exs e pena que não se espalhou pra que todas minas soubessem quem ele é. Nunca mais vi ele na universidade, acho que sumiu pra evitar ser cobrado por quem sabe. Me incomoda pensar que ele está vivendo sua vida normalmente, enquanto todos xs amigxs passam pano pra uma covardia dessas. Eu não posso me calar. AS MINA TÃO DE OLHO!"

Ele é de Guarulhos. Ele faz História.



34

**Ele é da Unifesp**

17 de outubro de 2017 · 🌐

"Já vi sendo machista com várias minas e fui vítima da sua misoginia no último happy hour. Ele é da pirateria e se julga superior, discriminando principalmente as minas e os bixos."

Ele é de Osasco.



40

5 comentários

**Ele é da Unifesp**

2 de junho de 2017 · 🌐

"L.C está na Unifesp a muitos anos, por mim já deveria ter sumido. Já agrediu uma namorada dentro do campus, já agrediu outras pessoas que tentaram segurá-lo no dia do acontecimento, e como a maioria era homem, ele os atacou falando mal de suas companheiras, chamando de vagabundas e por aí vai. Se aproxima de meninas mais novas que ele com papinho frouxo mas qdo se relaciona com algumas delas faz tortura psicológica, quando não, física. A universidade pouco fez em relação à isso. Na primeira agressão fizeram uma espécie de conciliação entre ele e a ex agredida. Um cara a cara. AFF! Já disse pra uma mulher que foi estuprada que com certeza ela havia gostado da agressão. Quando levou porrada saiu chorando que apanhou de um grupo de feminazis, chora mesmo babaca e pisa ligeiro! Não esquecemos e nem esqueceremos!"

Ele é de Guarulhos. Ele faz Filosofia.



88

12 comentários 1 compartilhamento

**Ele é da Unifesp**

2 de junho de 2017 · 🌐

"Esse mano se utiliza de possíveis problemas psicológicos para se aproximar de garotas e abusar delas psicologicamente. No dia da calour ele bebeu demais e desmaiou, se aproximou das meninas pedindo ajuda ficando amigos de muitas delas, inclusive eu. D.V a todo tempo dizia que queria se matar e sempre se aproximava das pessoas sugando-lhes toda sua energia. Muitos ainda passam pano pra esse maluco e ele ainda continua fazendo tortura psicológica com mulheres. Misógino, machista e abusador. E quem tem que sair da universidade? A mina, é claro!"

Ele é de Guarulhos.



32

3 coment

**Ele é da Unifesp**

22 de maio de 2017 · 🌐

"Não é uma denuncia, só um desabafo. Eu leio os relatos e tenho raiva, também tenho medo. É tanto relato de abuso sobre os estudantes de medicina, que tenho medo de me consultar com um médico homem. É t relato de professor assediando aluna, que tenho medo de simplesmente pegar o elevador com alguns. É tanto descontraído pró-feminista estuprando, drogando as mina, que tenho medo de me aproximar de qualquer um. É tanto sentimento de impotência! A Unifesp passa pano s Os alunos tb passam pano sim!!! Não sei qual o clima dos outros campus mas no de guarulhos parece que a gente vive numa áurea ilusória de campus descontraído por se tratar de um campus de humanas..... Tod mundo de esquerda, apóia feminismo, movimento negro, comunidade LGBT.... Ô caralho! Recentemente aconteceu uma denuncia de assédio um funcionário e eu vi mina com medo de manifestar apoio em público p aparentemente tem esquerdo macho reprimindo nossas respostas. Muit vezes, tenho medo de estudar na Unifesp."



73

1 compartilh

**Ele é da Unifesp**

22 de maio de 2017 · 🌐

"Eu confiava muito em F.P., quando terminei meu relacionamento de qua três anos foi para ele recorri em busca de um colo. A gente era amigo há dois anos já e achava que podia confiar nele e então saímos para beber depois da aula para que eu conseguisse extravasar um pouco o turbilhão coisas que estavam na minha mente. Ele disse que ia me levar em casa p eu fiquei um pouco bêbada e na volta ele me beijou no ônibus a força dizendo que tinha esperado eu ficar solteira por anos. Eu comecei a chor e pedi para ele me deixar em paz e tudo que ele repetia era que ele ia me fazer esquecer o que estava sofrendo. Quando cheguei na minha casa pe que ele fosse embora e a gente conversasse depois sobre tudo aquilo e e disse que tinha de cuidar de mim. Não sei o pq o cuidar na mente dele é fazer algo quando a gente pede para parar.

Depois de uma noite horrível ele foi embora como se nada tivesse acontecido e quando a gente se vê no campus ele fica dizendo que um di quer repetir "a dose" tenho medo dele aparecer do nada toda noite e não consigo mais ter paz na minha mente."

Ele é de Guarulhos. Ele faz Letras.



111

14 comentários 3 compartilhame

**Ele é da Unifesp** atualizou o próprio status.

14 de maio de 2017 · 🌐

"Depois de irmos ao bar (eu, uma amiga e ele), voltamos pra casa, porém só eu e ele fomos pra estação e enquanto esperávamos o trem, ele me puxava pra perto dele e falava "nossa, vc tá bem bêbada ne" e eu respondia q sim (na esperança de q ele visse o quanto eu estava mal e não fizesse nada comigo) e me afastava, mas ele continuou me puxando e enquanto eu falava, ele foi e me beijou, mas eu sentia q não tinha forças pra me afastar ou empurrá-lo, pq eu tava bêbada e com medo e ele continuou... Quando entramos no trem, ele colocou a mão dentro do meu short e eu só queria gritar e me afastar, mas eu congelei e não consegui fazer nada, eu me senti sem forças pra me defender, pra me afastar, eu me senti impotente e com nojo de mim.

Eu não consigo falar com ninguém sobre isso e eu só queria não ter q olhar pra cara dele. Eu odeio ele.

p.s: C.R. é calouro de história, falou q é bi e o nome dele no face tá só com o nome composto e sem sobrenome."

Ele é de Guarulhos. Ele faz História.



205

25 comentários 9 compartilhamentos

**Ele é da Unifesp**

17 de abril de 2017 · 🌐

"D. A. D. é o típico cidadão acima de qualquer suspeita. É de esquerda, engajado, amigo das minas do movimento feminista. Admirado na academia. Reputação impecável. Um cara boa praça de sorriso fácil que vendia seus artesanatos no Campus. Mas ele não sabe lidar com rejeição. Difama ex namoradas há anos, fazendo questão de alertar a todos do convívio comum com suas ex sobre como ele é um pobre coitado que sofre nas mãos de mulheres desprezíveis (exceto se isso acontecer dentro da universidade, afinal ele não pode correr o risco de queimar sua trajetória acadêmica, por mais que a ex dele da universidade tenha terminado garantindo que ele não passa de um babaca - e tenha sido desacreditada). Já namorou adolescente quando já passava dos 20 e achava isso normal. Sempre teve vocação pra pedofilia. Hoje, anos depois, tem como passatempo exercer sua superioridade hierárquica enquanto professor assediando menores de idade nas escolas onde trabalha. Uma delas só tinha quinze anos e ele mais de trinta e ele estava ciente disso e mesmo assim investiu, isso recentemente. Ele foi extremamente insistente e invasivo com a garota, a deixando traumatizada."

Ele é de Guarulhos. Ele é formado em Filosofia e atualmente está no mestrado.



50

1 comentário 3 compartilhamentos

**Ele é da Unifesp**

5 de abril de 2017 · 🌐

**"VITÓRIA DAS MINAS**

O primeiro caso de assédio sexual denunciado acabou em punição do agressor.

É só o primeiro, de muitos que não são denunciados.

Minas, não tenham medo de denunciar!

E para os machistas, os abusadores de meninas bebadas, os bebados/ drogados que perdem o controle: pensem duas vezes em tudo que vocês fazem, TEM SIM CONSEQUÊNCIAS"

São José dos Campos - BCT



94

7 comentários

**Ele é da Unifesp**

5 de abril de 2017 · 🌐

"As meninas da UNIFESP Baixada estão defendendo o agressor porque menino é popular, e é amigo delas. Se vcs entrarem nas páginas da Atlé da UNIFESP e da Comissão Dezoito verão notas de repúdio e esclarecimento respectivamente falando sobre o caso de agressão e o B que foi feito. O menino inclusive foi desligado da comissão de formatura pela agressão que ele cometeu. Para de defender que tá feio!!!"

Ele é da Baixada Santista. Ele faz Educação Física.

👍👎👤 28

**Ele é da Unifesp**

5 de abril de 2017 · 🌐

"G. B. se faz de santo e amigo das meninas e das gays mas no fundo ex gordofobia, homofobia e transfobia!"

Ele é de São José dos Campos. Ele faz Engenharia de Materiais.

👍👎👤 11

**Ele é da Unifesp**

5 de abril de 2017 · 🌐

"O nome dele é P. A. G.

Faz piadas machistas, ri e brinca com situação de estupro.

Ele acha engraçado e as pessoas são obrigadas a rir.

Além do mais, confirma presença no ato ""pelo fim da violência contra mulher e desmonte da previdência na Baixada Santista"" (seria irônico?) Espero que ele saiba onde está colocando os pés e inclusive seu ouvido, nosso ouvido não é pinico pra ouvir as piadinhas machistas que saem da boca dele.

É desconstruído, é anarquista mas...

Sobre suas risadas: Estupro não é legal pra estar em seu sorriso nas rod. do bar.

ESTE MOVIMENTO É UM MOVIMENTO DO DIA 8 DE MARÇO ORGANIZADO PELAS MULHERES, ESTAMOS LUTANDO SIM CONTR. O DESMONTE DA PREVIDÊNCIA E INCLUSIVE PELO DESMONTE DA TUA CONSCIENCIA!"

Ele é da Baixada Santista. Ele faz Serviço Social.

👍👎👤 16

**Ele é da Unifesp**

5 de março de 2017 · 🌐

Recebemos 3 relatos que parecem ser sobre o mesmo caso, então juntamos todos num post só

"Ele agrediu a namorada na festa da atlética, em público, pra todo mundo ver como ele é covarde"

"Ele deu um tapa na cara de uma estudante, isso mesmo, na festinha da atlética da Baixada Santista!

Ainda circula entre nós, além do mais está rodeado de machos violentadores.

Lutamos todos os dias contra os assédios psicológicos e morais de professores e estudantes homens. Já chega!!!

Ele é de EDUCA 10!"

"Ele é de Educação Física, ele agrediu fisicamente uma mulher em uma festa da UNIFESP"

Ele é da Baixada Santista. Ele faz Educação Física. Ele se chama I.D.

👍👎👤 60

31 comentá

**Ele é da Unifesp**

25 de fevereiro de 2017 · 🌐

"Ele é bonitinho, mas dá tapas na cara das minas na festa da atlética. Machistas não passarão!"

Ele é de Santos. Ele faz Educação Física (turma 2015).

👍👎👤 16

**Ele é da Unifesp**

13 de fevereiro de 2017 · 🌐

"Macho desconstruído. Usa saia. Barba. Branco. Até dá oficina sobre feminismo. O homem mais desconstruído que vocês respeitam, mas abusou de mim quando eu era caloura e estava bebada. Já vi se aproveitando de meninas embriagadas."

Ele é de Santos. Ele faz Psicologia.

👍👎👤 93

4 comentários 1 compartilhamento

**Ele é da Unifesp**

13 de fevereiro de 2017 · 🌐

"Vim repudiar o grupo dos bixos do POIS É POIS É. Um Bixo soltou "Então vou ser leve... Diga o nome de 3 bixetes: uma para matar, outra para casar e uma para estuprar."

Todo mundo sabe que grupo que tem maioria de veteranos não é para bixos, esse grupo sempre foi para o deleite de veterano escroto. Que brincam com seus novos cachorrinhos - os calouros - exibem, botam pra brigar, botam pra cruzar... é tanta futilidade que para quem acaba de chegar cultura de estupro vira piada.

Pode falar o que for, mas condescendência não!!! Chega de passar a mão na cabeça de macho escroto.

Diz aí São José uma fobia pra matar, um preconceito para bater e uma discriminação para eliminar."

Eles são de São José dos Campos.

👍👎👤 99

51 comentários 1 compartilhamento

**Ele é da Unifesp**

6 de fevereiro de 2017 · 🌐

"Zombou do meu caso de estupro duas vezes dizendo que como namorada era minha obrigação transar com o cara, tentou me drogar 3 vezes quando estávamos no bar e só não consegui porque as meninas viram. Paga de desconstruído nas redes sociais, mas nas rodinhas de amigos diminui o sofrimento e violência das minas."

Ele é de Guarulhos.

👍👎👤 109

14 comentários 3 compartilhamentos

**Ele é da Unifesp**

27 de dezembro de 2016 · 🌐

"O que eu venho aqui contar é grave e serio. Tenho alguns colegas que debocharam da pagina e outros que disseram q se soubessem quem eram as adms estupraria facil pra vcs aprenderem seu lugar no mundo. Eu achei um absurdo qdo ouvi mas vindo de quem era eu não me surpreendi, eu preferi desabafar isso depois de ver o segredo q jogaram na pagina dos segredos. Eles não são apenas um, são vários. A gente pisou no calo deles não é mesmo?"

Eles fazem Atuária/Economia. Eles são de Osasco.

👍👎👤 117

5 comentários

**Ele é da Unifesp**

27 de dezembro de 2016 · 🌐

"Vi esse relato na Segredos Unifesp.

Ninguém curtiu, nem comentou nada, fica difícil se há convivência social:

Um dia desses estava ouvindo uma conversa numa roda de rapazes, alguns até bem populares, me surpreendi com o assunto: Como as meninas do Doll, ouça-se LPC e CA, são fontes de sexo fácil, tudo bem que homens costumam conversar sobre isso na nossa sociedade machista, mas o que mais me surpreendeu, porque o machismo já não nos surpreende mais, foi ver que alguns deles são namorados de meninas justamente deste local. Fiquei com algumas questões na cabeça, nenhum X, muitos Gs, Tu tá maluco? Respeita, Ou moço, patente alta, dá aula, bigode grosso.

Diadema - Aprendendo a ser homem #segredosDiadema"

Eles fazem Bio, EQ, Farma, Química. Eles são de Diadema.

👍👎👤 26

**Ele é da Unifesp**

10 de novembro de 2016 · 🌐

"F.P. é meu amigo e me encochou enquanto eu estava no banheiro, disse que era brincadeira...Mas, eu sei que não era! Não é a primeira vez que faz isso."

Ele é de São José dos Campos. Ele faz BCT.

**Ele é da Unifesp**

31 de outubro de 2016 · 🌐

"D.S. é o supracumulo dos "panos quentes" da Unifesp. Ele já estuprou por menos uma bêbada (que eu saiba), já drogou diversas meninas e é residente no hospital São Paulo. Ele é da turma 78 da Medicina."

Ele é de São Paulo. Ele faz Medicina.



2 compartilhamentos

**Ele é da Unifesp** atualizou o próprio status.

2 de outubro de 2016 · 🌐

"Mandeí duas vezes o nome do cara que está recebendo mil segredos e que é um abusador, mas não publicam porque temem processo. Não me calarei até ele ser exposto! É um bixo da EQ, com apelido de Mineiro."

(Foi esclarecido via inbox que essa mensagem está se referindo ao fato página Segredos Unifesp se recusar a postar nomes, e não a gente.)

Ele é de Diadema. Ele faz Engenharia Química.

**Ele é da Unifesp**

28 de setembro de 2016 · 🌐

"Ele já foi citado em outro post da página, além de considerar normal dro bebida de meninas e fazer piada sobre isso depois de denunciado, já ter agarrar uma colega minha a força e faz comentários sobre a "cor da buc das meninas. Ele entrou recentemente para o time de futebol da faculda"

Ele é de Osasco. Ele faz Ciências Atuariais.



6 comentários

**Ele é da Unifesp**

27 de setembro de 2016 · 🌐

"tava mostrando a pagina p/ uma amiga quando um colega de sala chegou por trás da gente e riu da pagina dizendo que era coisa de mulher hister Ele saiu rindo da pagina e da gente por estar falando dela. Fiquei muito chateada pq achava ele compreensivo e desconstruido"

Ele é de Osasco. Ele faz Administração.

**Ele é da Unifesp**

27 de setembro de 2016 · 🌐

"O CATU realmente representa os alunos de atuária, principalmente sem machistas num é?"

Eles são de Osasco. Eles fazem Ciências Atuariais.

**Ele é da Unifesp**

22 de setembro de 2016 · 🌐

"tenho medo de participar das festas pq como ja fui abusada uma vez temo medo de que aconteça de novo. Sempre acho que vão me drogar, vão passar a mão em mim ou fazer algo de mal. "

Mensagem de Osasco. 😞

**Ele é da Unifesp**

19 de setembro de 2016 · 🌐

"ele é residente da cirurgia e vazou fotos íntimas minhas tiradas sem consentimento. nunca soube como reagir , tenho medo de fazer algo contra ele e as fotos se espalharem mais ainda,tirou o sossego da minha vida, me transtorna todos os dias, inclusive precisei de ajuda medica pra tentar superar, cada pessoa que vejo pelas ruas, na aula, no hospital, fico imaginando se ela viu as fotos , fiquei vários dias sem aparecer nas aulas, só voltei pq estava quase perdendo o ano"

Ele é de São Paulo. Ele faz Medicina.



5 compartilhamentos

**Ele é da Unifesp**

18 de setembro de 2016 · 🌐

"Esse menino da educa 10 força meninas a ficarem com ele nas festas, é homofóbico (desrespeita relações lésbicas, principalmente) e MORDE meninas que se recusam a ficar com ele. "

Ele é de Santos. Ele faz Educação Física.



6 comentários 1 compartilhamento

**Ele é da Unifesp**

17 de setembro de 2016 · 🌐

"ele é da MEDICINA e faz parte do grupinho de caras que se dizem profeministas e esquerdistas, mas OBRIGOU com ameaças uma mina que tava grávida dele a abortar!"

Ele é de São Paulo. Ele faz Medicina.

**Ele é da Unifesp**

15 de setembro de 2016 · 🌐

"W.M. é de esquerda, adora pagar uma de pró-feminista no facebook e passar uma imagem de poeta sensível e romântico. Mas na realidade, ele dá em cima de varias garotas, insistindo mesmo quando elas não querem. Como se não bastasse, insiste em nao usar camisinha, e pressiona as meninas a fazerem atos sexuais que elas não queiram. (Já empurrou ""suavemente"" minha cabeça para fazer oral nele)."

Ele é de Guarulhos. Ele faz Filosofia.



1 comentário

**Ele é da Unifesp**

14 de setembro de 2016 · 🌐

"Tenho um relato para fazer. Mas a pessoa que quero acusar já acabou tanto comigo dentro dessa faculdade que tenho medo até de fazer relato anônimo.

Estou destruída."

Ele é de São Paulo. Ele faz Medicina.



4 comentários

**Ele é da Unifesp**

14 de setembro de 2016 · 🌐

"Ele dá aula de Fisiologia, Farmacologia e vive fazendo comentários machistas, tais como: "Mulher não tem essa capacidade. O bom mesmo é quando você encontrar uma mulher com alma de homem."

Ele é de São José dos Campos. Ele é Professor.



**Ele é da Unifesp**

12 de setembro de 2016 · 🌐

Depois de recebermos vários relatos de um mesmo agressor, uma das vítimas nos procurou e deu a ideia de reunir todas as garotas que já fora prejudicadas por essa pessoa e conversar sobre a possibilidade de tomar alguma medida, ou até mesmo apenas compartilhar seus relatos pessoa com as outras vítimas.

No caso, o agressor que estamos falando é o famoso estuproador do carr Osasco que pelo visto tem uma lista de acusações e continua perseguindo outras garotas.

Então as meninas que enviaram seus relatos ou mesmo as que não enviaram mas foram assediadas por ele, por favor entrem em contato por inbox caso sintam-se confortáveis.



129

9 comentários 3 compartilhame

**Ele é da Unifesp**

12 de setembro de 2016 · 🌐

"Ele se aproveita de meninas bêbadas, depois ainda diz que se ela fez fi porque quis e se sente ofendido se falam que ele é um estuproador."

Ele é de São José dos Campos.



20

**Ele é da Unifesp**

12 de setembro de 2016 · 🌐

"Ele paga de inteligente que sabe sobre todas as matérias e faz 1000 comentários desnecessários na aula, mas usa todo o conhecimento que tem para falar que tem que castrar mulher com H2SO4 e fala que inclusive já fez isso em umas minas em Guaianazes. O apelido dele é um inseto."

Ele é de Diadema. Ele faz Biologia.



44

3 comentários 2 compartilhame

**Ele é da Unifesp**

12 de setembro de 2016 · 🌐

"Ele me chamou pra beber e eu aceitei o convite. Aproveitou que eu esta meio bêbada e foi pra minha casa. Mas não aceitou o não, afinal como u menina bêbada pode ter discernimento pra dizer que não quer sexo?! Pagava de desconstruído, mas era só mais uma desculpa para escondi todo o histórico de agressões físicas.

Tempos depois descobri que ele era sempre invasivo com várias menina nas festas. Espero que nada parecido tenha acontecido com elas..."

Ele era de Diadema. Ele fazia LPC.



40

1 comen

**Ele é da Unifesp**

11 de setembro de 2016 · 🌐

Recebemos hoje o seguinte print mostrando uma frase dita pela mesma pessoa citada num relato que postamos ontem.

Já que mesmo após a denúncia o indivíduo parece incapaz de aprender a lição, a gente explica: drogar a bebida dos outros é crime, não piada.

# ida nao e uma

"Diz que é normal drogar bebida de menina, adora piadinha machista, faz comentários nojentos de todas as meninas da faculdade (inclusive as que ele fica) e em cima de tudo isso acha ruim de ser repreendido por falar com estuproador. Mas é óbvio que finge ser boa pessoa, se faz de sonso quando é cobrado e os amigos passam a mão na

**Ele é da Unifesp**

11 de setembro de 2016 · 🌐

"Desde as primeiras semanas de aula percebi que um funcionário ""X"" me encarava muito. Com o passar do tempo ele começou a puxar assunto comigo (sempre quando eu me encontrava sozinha) e parava no corredor e encarava-me quando eu estava na sala.

Até que um dia fui pedir informações sobre os 'achados e perdidos' para outro funcionário ""Y"" e, vindo e vindo de longe, o funcionário ""X"" disse ao ""Y"": ""deixa comigo"". Quando o ""Y"" saiu, ele me perguntou: ""Você está procurando um namorado?". Sem falar que outras vezes ele me disse coisas do tipo: ""reparei que você sempre chega mais cedo, aonde você mora?" e ""nossa moça, você não está com frio?".

Ainda bem que não aconteceu mais nada e eu o vi pouquíssimas vezes no segundo semestre, mas fiquem atentxs."

Ele é de Osasco. Ele é funcionário.



39

1 comentário

**Ele é da Unifesp**

11 de setembro de 2016 · 🌐

"Ele já falou em rodinha de conversa com os mlks que acha OK abusar de mina bêbada. Ele confirmou isso abusando de uma mina que dormia bêbada numa república. Ele é cheio de mãos bobas, enquanto fala com você ""acidentalmente"" esbarra no seu peito, na sua perna, etc. Ele faz brincadeiras machistas nojentas. Ele é um bosta."

Ele é de Osasco.



66

**Ele é da Unifesp**

11 de setembro de 2016 · 🌐

"L. M de economia, obrigada por me assediar, me seguir nas dependências da faculdade e sentir nojo de mim mesma por já ter falado com você. Eu odeio e odeio tudo de mal que você já fez para as meninas. Encontrei muitas vítimas suas aqui na página pelos relatos. Espero que você nunca possa ser feliz, assim como todas as meninas que você já machucou um dia também não conseguem serem felizes por conta de tudo que você já fez contra elas."

Ele é de Osasco. Ele faz Economia.



56

1 comentário

**Ele é da Unifesp**

11 de setembro de 2016 · 🌐

"Aproveitou aquele momento em que eu tava bêbada pra ficar comigo, daí aquela forçada de barra a mais. Ajuda na organização das festas do CA dele, os ""desconstruídos"" são parças dele e agora anda com a namorada em toda festa da Facu. Mas se ela olha pro lado, não tem problema ficar com outra mina bêbada né?"

Ele é de Osasco. Ele faz Ciências Atuariais.



34

1 comentário

**Ele é da Unifesp**

11 de setembro de 2016 · 🌐

"Ele tem slide com mulheres de peito de fora, virilha a mostra. Ele tem histórico de insinuações com alunas. Ele já perguntou sobre o ciclo menstrual da aluna."

Ele é de Santos. Ele é Professor.



49

4 comentários

**Ele é da Unifesp**

11 de setembro de 2016 · 🌐

"to devastada, não tenho mais auto estima, mais segurança, me sinto muito nojo de mim mesma. As vezes acho que o problema tá em mim. E fui estuprada não consegui mais me relacionar depois disso e assim que cheguei na UNIFESP esse ano fiquei sabendo do cara que estuprou uma menina de outro campus e assedia mais outras tantas. Quando contei que já tinha sido estuprada pro meu namorado ele me largou pois disse que não era mais virgem e já tinha sido usada. Mas o cara que é estuprador sofre um terço do que eu sofro quando conto o que já vivi. Os amigos de ainda falam com ele. OS MENINOS DE ECONOMIA QUE BANCAM OS DESCONSTRUIDOS AINDA FALAM COM ELE. Eu não sei como não sentem nojo. Eu sinto raiva. Sinto odio de saber que ele acabou com a vida de uma garota assim como já acabaram com a minha. O cumprimentam mesmo jeito. Eles são homens p/ darem em cima de meninas e pedirem sexo mas não são homens para boicotarem homem escroto, machista, abusador. Eu sinto nojo, raiva, odio de vocês todos que passam pano p/ esse cara."

Ele é de Osasco. Ele faz Economia.



107

6 comentários 1 compartilhamento

**Ele é da Unifesp**

10 de setembro de 2016 · 🌐

"Ele é ""de esquerda"", ""socialista"" e ""militante"", mas usa do discurso amor livre para oprimir as mulheres com quem se relaciona, pratica mansplaining adoidado - adora fazer parecer que ele é mais revolucionário que vc - e tem um balde de agressões sexistas nas costas."

Ele é de Santos. Ele faz Serviço Social.



42

**Ele é da Unifesp**

10 de setembro de 2016 · 🌐

"Já pintou caloura negra de branco, já fez piada lesbofóbica e costuma pedir para que mulheres que o confrontam chupem seu pau. Não vamos nos esquecer!"

Ele é de Santos. Ele faz Educação Física.



85

**Ele é da Unifesp**

10 de setembro de 2016 · 🌐

"Diz que é normal drogar bebida de menina, adora piadinha machista, faz comentários nojentos de todas as meninas da faculdade (inclusive as que ele fica) e em cima de tudo isso acha ruim de ser repreendido por falar com estuprador. Mas é óbvio que finge ser boa pessoa, se faz de sonso quando é cobrado e os amigos passam a mão na cabeça."

Ele é de Osasco. Ele faz Ciências Atuariais.



54

3 comentários

**Ele é da Unifesp**

9 de setembro de 2016 · 🌐

"Saí de uma universidade particular (uninove) por causa de um cara que me perseguia achei que na unifesp seria diferente. Erro meu. Fui abusada em uma das festas que participei e não superei ainda. choro todos os dias lembrando disso e de como minha vida tá fracassada. Por favor me ajudem."

Ele é de Diadema. Ele faz Biologia.



92

8 comentários

**Ele é da Unifesp**

9 de setembro de 2016 · 🌐

"Professor, to cansada das suas msgs no meu inbox. Para de ser escroto. As meninas te odeiam e todo mundo sabe do seu assédio com as meninas. Parece que não percebe que se ninguém te responde de primeira não é insistindo que iremos te responder. SEU NOJENTO"

Ele é de Osasco. Ele é Professor.



71

**Ele é da Unifesp**

9 de setembro de 2016 · 🌐

"Ele faz piadas machistas durante a aula e recrimina a Universidade pública gratuita"

Ele é de São Paulo. Ele é Professor.



39

**Ele é da Unifesp**

9 de setembro de 2016 · 🌐

"Ele anda com camisa do Conectivo, mas no mictório fica apontando a câmera do celular para os caras que estão ao lado usando. Hipocrisia federa!"

Ele é de São José dos Campos. Ele faz BCT.



15

3 comentários

**Ele é da Unifesp**

9 de setembro de 2016 · 🌐

"Ele acha que só porque a menina ficou com ele uma vez tem que quer ficar sempre que ele quiser. Se acha no direito de assediado e tentar beijar força quando não tem ninguém olhando nas festas. Diz que respeita a relação dela com o namorado, mas sempre que teve oportunidade ficava assediando e mal sabe que menina merece respeito independente de namorado. Quando questionado pelas atitudes é porque ""estava louco mesmo"". M, se você se lembra, não estava tão louco assim e isso NUN foi e nunca será desculpa pro que você fez/faz. Já assediou outras. E os amigos? Os mesmos panos de sempre."

Ele é de São José dos Campos.

**Ele é da Unifesp**

9 de setembro de 2016 · 🌐

"As alunas de enfermagem não são fetiches!!! Não passamos na federal sermos vistas como objeto sexual de vocês só por causa da escolha do nosso curso!

#MariaDoctorÉoCarvalho "

Eles são de São Paulo. Eles fazem Medicina.



2 comentários 1 compartilhame

**Ele é da Unifesp**

9 de setembro de 2016 · 🌐

"Ele acha que bebida é desculpa para assédio e perseguição em uma festa que estivemos juntos."

Ele é de Santos. Ele faz Serviço Social.

**Ele é da Unifesp**

9 de setembro de 2016 · 🌐

"Todo mundo sabe do caso de estupro, mas continuam sendo amiguinho: dele. Ele me persegue. Toda vez que to na faculdade tenho que ficar aterrorizado porque sei que ele pode estar me seguindo, sei que se for ao banheiro ele pode estar me esperando na saída, quando vou embora ele vai atrás se e estiver sozinha. Já ouvi relato que ele perseguiu outras, mas acredito que comigo dura mais, a mais de um ano. Todo semestre que começa tudo vai de novo, é sempre igual.

Tenho sempre que estar com amigos homens porque é o único jeito de afastá-lo um pouco, não que ele saia dali, mas pelo menos ele não chega perto.

Já falei diversas vezes que não quero que ele fale comigo, coisa que ele insiste em fazer. Será que é tão difícil de entender?"

Ele é de Osasco. Ele faz Economia.



3 comentários 1 compartilhame

**Ele é da Unifesp**

8 de setembro de 2016 · 🌐

Guardamos o último post do dia para essa mensagem que recebemos hoje:

"Gente parabéns pela iniciativa, mas infelizmente vocês estão mexendo num terreno perigoso. Os segredos foram responsáveis por uma grande mobilização na baixada depois de denúncias graves de assédio, e aqui em poucos dias já tão aparecendo denúncias graves que são casos até de polícia. Isso mostra o quanto necessário é ter um canal assim, um local onde pessoas oprimidas e acuadas possam se manifestar de forma anônima e livremente sem medo de represálias. A realidade é que os abusos são mais frequentes do que se imagina e vocês estão mostrando isso, continuem assim, se tiverem força e resistirem vocês serão protagonistas de uma revolução, mas estão mexendo com gente perigosa. Preparem-se para serem perseguidos, retaliados academicamente e até ameaçados. Que Deus esteja com vocês e que o bem e a verdade sejam revelados e vençam."

Não temos muito o que dizer além de que estamos contentes que a página esteja cumprindo o seu objetivo, e também queremos agradecer a todas as pessoas que estão contribuindo para isso enviando relatos.

**Ele é da Unifesp**

8 de setembro de 2016 · 🌐

"ele é da baixada santista, estudante de serviço social e do movimento negro. Apesar de militar em varias causa já o vi fazendo piadas machistas e transfóbicas. Já o vi em um evento de SS pegar uma companheira pelo braço e querer arrasta-la com ele, já o vi falando para uma mulher negra que dela ele só a quer na cozinha. Apesar de algumas denúncias seus companheiros ainda passam aquele pano básico."

Ele é de Santos. Ele faz Serviço Social.



2 comentários

**Ele é da Unifesp**

8 de setembro de 2016 · 🌐

"Resumindo a página: ele é um bosta e a Unifesp não faz nada!"



1 comentário

**Ele é da Unifesp**

8 de setembro de 2016 · 🌐

"Ele se faz de politizado, mas humilha as meninas da faculdade dizendo que elas são pretas demais, e que elas parecem um carvão. Ele julga o caráter das meninas pela cor e acha que negras são fáceis. "

Ele é de Osasco. Ele faz Relações Internacionais.

**Ele é da Unifesp**

8 de setembro de 2016 · 🌐

"Ele banca o esquerdinha desconstruído, elogia as meninas feministas, e todos os movimentos feitos pelas minorias, é bem amigo dos garotos da faculdade, age como se fosse o cara mais legal do mundo com todos da UNIFESP. Mas quando acaba a aula dá em cima das alunas através do messenger, pede sexo, pede e envia nudes, e mesmo quando tu não responde ele continua mandando mensagem mesmo sem você respondê-lo, sempre falando da sua aparência e te chamando de "apelido carinhoso". Ele é casado. Ele é pai."

Ele é de Osasco. Ele é Professor.



9 comentários

**Ele é da Unifesp**

8 de setembro de 2016 · 🌐

"Ele é branco, alto, se faz de engraçado, mas não passa de um racista. E diz que não consegue se concentrar na aula, pois tem muito preto na sala. Ele quer que coloquem um "criolinho" para cuidar do estacionamento do campus. Ele fala tudo isso pros amigos do curso, e ninguém se importa."

Ele é de Osasco. Ele faz Economia.



54

5 comentá

**Ele é da Unifesp**

8 de setembro de 2016 · 🌐

"Ele abusa de meninas bêbadas, não aceita um "não" como resposta. Ai tem apoio dos amiguinhos, se autodeclara "imperador". "

Ele é de São Paulo. Ele faz Enfermagem.



43

3 comentá

**Ele é da Unifesp**

8 de setembro de 2016 · 🌐

"Ele é gordofóbico no inbox, mas paga de desconstruídão pq tá na roda c o beck e a breja. Ele jura que não arrasta as mina, mas quando é cobrad grita e fica super nervoso."

Ele é de Guarulhos. Ele faz Sociais.



28

**Ele é da Unifesp** atualizou o próprio status.

8 de setembro de 2016 · 🌐

"Cuidado nas festas, porque tem MUITA bebida que tem mais do que só bebida. Lindo obrigar as meninas, especialmente mais novas, a usarem suas drogas, né?"

Eles são de São Paulo.



42

**Ele é da Unifesp**

8 de setembro de 2016 · 🌐

"Ele se sente muito confortável em postar em um grupo com membros de atléica, atletas e ritmistas da bateria que o "os boiolas da bateria e do vo precisam ficar ligeiros". Ele é defendido por pessoas que dizem que um amigo pegou o celular dele e postou aquela mensagem, porque ele jamais seria LGBTfóbico, afinal ele é um "fofo" não é mesmo?!"

Ele é de São José dos Campos.



31

1 compartilhame

**Ele é da Unifesp** atualizou o próprio status.

8 de setembro de 2016 · 🌐

"Ele tira fotos íntimas de pacientes que chegam desacordadas no hospit: Ele é de São Paulo. Ele se formou em Medicina.



145

25 comentários 1 compartilhame

**Ele é da Unifesp**

8 de setembro de 2016 · 🌐

"Ele ja foi acusado de estupro, perseguiu outras garotas, ja chegou até a me seguir ao banheiro, quando saí da aula, pra tirar satisfação por eu estar ignorando suas "investidas" (vulgo assédio/perseguição), me puxando pelo braço. Ele faz isso com várias garotas. Assim que ele ve uma garota "nova" que ainda não o conhece, ele vai atras, persegue, assedia.

Mesmo sendo publico alguns casos de assédio/abuso, os garotos da unifesp continuam tratando ele como se nada tivesse acontecido. O cumprimentam normalmente, afinal, coitado dele, né. Afinal, não dá pra deixar o cara no vácuo só porque ele é um abusador escroto, não é, meninos?

A famosa "brotheragem". Dizem ser pró feministas, mas não têm peito nem pra excluir homem abusador da rodinha."

Eles são de Osasco. Eles são de Economia.



108

3 comentários 3 compartilhamentos

**Ele é da Unifesp**

7 de setembro de 2016 · 🌐

"Ele é acusado de estupro, não nega em nenhum momento a acusação e ainda anda sorrindo pra cima e pra baixo no prédio e nos happy hours..."

Ele é de Osasco. Ele faz Economia.



61

**Ele é da Unifesp**

7 de setembro de 2016 · 🌐

"Ele é branco e faz piada racista no meio da aula, costuma usar expressões do tipo "cabelo ruim/duro", "neguinho". A turma acha que tem de ter paciência porque "ele tá desconstruindo" rs."

Ele é de Santos. Ele faz Serviço Social.



52

1 comentário 1 compartilhamento

**Ele é da Unifesp**

7 de setembro de 2016 · 🌐

"Ele trai a namorada em uma festa em que ela está!"

Ele é de Osasco. Ele faz Administração.



37

**Ele é da Unifesp**

7 de setembro de 2016 · 🌐

"Ele é LGBT. E ele não aceita um não. Tenta se aproveitar todas as vezes que tem alguma festa."

Ele é de Osasco.



22

**Ele é da Unifesp**

7 de setembro de 2016 · 🌐

"A republica paga de esquerdinha mas so faz passar pano pra macho escroto, inclusive pros seus proprios integrantes. Tao tudo na fila pra ser protagonistas dos proximos escandalos machistas da eppen. Tamos aguardando."

Eles são de Osasco.



47

**Ele é da Unifesp**

7 de setembro de 2016 · 🌐

"Na primeira festa que participei, estava conversando com um veterano de filosofia, J.M., e ele me agarrou e começou a beijar meu pescoço. Senti nojo do canalha. Pelo menos, esse FOI da UNIFESP, já saiu dali"

Ele é de Guarulhos. Ele faz Filosofia.



25



**Ele é da Unifesp**

7 de setembro de 2016 · 🌐

"Paga de esquerdalha, mas no fundo é homofobico e racista, acha que tá o direito de tratar as mulheres negras diferente com tom mais sexual!"

👍👎👤 35



**Ele é da Unifesp**

7 de setembro de 2016 · 🌐

"L.C., agressor de duas mulheres do campus Guarulhos. Saiu impune em todas as sindicâncias e é protegido pelos esquerdo-machos que com ele convivem."

Ele é de Guarulhos. Ele faz Filosofia.

👍👎👤 38

3 comentá





Ele é da USP  
@eleedaUSP

[Página inicial](#)

[Sobre](#)

[Fotos](#)

[Publicações](#)

[Comunidade](#)

**ELES SÃO DA USP...**

Querem mostrar pra todos que são bons alunos e muito legais mas dão notas pros peitos, bundas e cabelos das meninas da faculdade.

**ELE É DA USP...**

"seria uma pena se eu corrigisse sua prova errado e você tivesse que ir na minha sala rever a correção"

**ELE É DA USP...**

E, em festa, violenta minas bêbadas e que estão dormindo, como eu. Num sofá, acordei super assustada com um homem com a mão por dentro da minha roupa.

**ELE É DA USP...**

e disse que, como "comeu uma mina gorda" dessa página, ele deveria estar imune de ser acusada de machismo.

**ELE É DA USP...**

e acha legal pegar menina gorda só pra fazer graça e dar risada depois.

**ELE É DA USP...**

e acha legal pegar menina gorda só pra fazer graça e dar risada depois.

**ELE É DA USP...**

e fica agressivo quando uma amiga diz 'não', pq 'amizade entre homem e mulher não existe'.

**ELE É DA USP...**

e cumprimenta todas as garotas roçando nelas, alisando a cintura com as mãos e com um beijo no rosto demorado

**ELE É DA USP...**

do tipo bom moço e atencioso, mas cortou contato e ficou bravo com uma menina por eles terem saído pra jantar e não terem transado.

**ELE É DA USP...**

e diz que as meninas da enfermagem são igual marmitta... é só pegar, esquentar e comer... Nojento!

**ELE É DA USP...**

e tem o costume de abusar das meninas em festas, fingindo passar mal para VIOLENTAR garotas que ajudarem ele a chegar em casa

**ELE É DA USP...**

foi escrachado por violentar a namorada e ameaçou todas as amigas dela.

**ELE É DA USP...**

após exporem relatos dele na página, começou a me ameaçar inclusive mandando fotos do penis dizendo que seria a ultima vez que eu levaria rolada e pra eu ficar esperta quando sair da USP...

**ELE É DA USP...**

é homossexual e se diz desconstruído, mas trata as mulheres como cadela e acha nojento atender uma paciente

**ELE É DA USP...**

E estuprou a ex namorada depois que eles terminaram porque ela não queria manter um relacionamento não monogâmico.

**ELE É DA USP...**

Ele é da usp e costumava ser meu amigo, mas após recusar ficar com ele nunca mais falou comigo. Não faz a minima falta, mas ô escrotice!

**ELE É DA USP...**

namoramos no colegial e desde lá já era um manipulador: o relacionamento foi abusivo e depois que ele terminou comigo, me ameaçou durante 6 meses dizendo que se não dissesse coisas boas dele, iria soltar fotos minhas na internet, até que finalmente soltou no final do colegial. Tive depressão e precisei de ajuda psicológica.

**ELE É DA USP...**

e nas festas fica se masturbando na frente das manas. Em um churras, me VIOLENTOU, fingiu que passava mal e me levou pra um lugar afastado e me VIOLENTOU SEM CAMISINHA.

**ELE É DA USP...**

Paga de desconstruído, pró-minorias, mas expõem minas na internet como troféu de macho

**ELE É DA USP...**

e **força** as meninas a fazerem oral nele nas festas

**ELE É DA USP...**

e vive me ameaçando por mostrar relatos dele na página, os amigos de curso passaram a me ameaçar e dizem que tenho que agradecer por ele ter transado comigo

**ELE É DA USP...**

e me violentou em uma festa. Além disso, vive pagando de moço da natureza, mas se aproveita de calouras e de moças bebadas nas festas pra transar sem camisinha (e passar a sua HPV pras manas)

**ELE É DA USP...**

Namoramos por mais de 2 anos, durante o namoro brigava comigo por conta das roupas que eu usava, dizia que eu colocava shorts e saias para me mostrar para os amigos dele (detalhe: era verão, tipo 30°), tinha o prazer de me diminuir, falou que meu trabalho não era digno (). Eu ganhava mais que ele. 2. Eu trabalhava como modelo e com fotos). Sempre teve ciúmes desnecessário. Terminou comigo porque dizia que eu "lertava" com os amigos dele (mentira). Hoje pago de rastreador, cheio de positividade.

**ELE É DA USP...**

é professor e disse em sala de aula: um estuprador de crianças merece prisão perpétua (que é pior que pena de morte)... Um estuprador de mulher... ahhhh ai tem que verificar, pq as vzs a mulher só resistiu no começo, mas no fim ela pode acabar gostando



Ele é da USP  
@eleedaUSP

- Página inicial
- Sobre
- Fotos
- Publicações
- Comunidade

### ELE É DA USP...

Fez chantagem emocional, me agrediu física e verbalmente, ameaçou expor fotos minhas que o mesmo furtou da minha casa. É esquerdomacho, faz parte de movimentos sociais e se faz de vítima porque terminei com ele

### ELE É DA USP...

e fura as camisinhas pra passar herpes pras manas alem de fotografar cenas do sexo e distribuir no whats

### ELE É DA USP...

Estava numa festa e me chamou pra beber com ele, começou a se despir e me obrigou a ver aquilo

### ELES SÃO DA USP...

moram numa república e acham engraçado abrir o whatsapp na TV para que todos vejam e mandar mensagens obscenas e nojentas para as meninas que eles se dizem amigos.

### ELE É DA USP...

E quando namorava comigo, sentia-se claramente irritado por eu não conseguir me adaptar ao hábito de fazer dieta e academia. Quando eu tomava cerveja, virava e cara e dizia "depois fica gorda e não se cuida." Porém, quando ELE decidia tomar uma cerveja, era por que ele precisava "relaxar por causa do cursinho." Ele dizia constantemente eu que eu era louca.

### ELE É DA USP...

e, no que se refere as denuncias que fizeram na página, dizia que ia "salsichar" as feminazis da página para elas serem felizes segundo ele....

### ELE É DA USP...

e, no que se refere as denuncias que fizeram na página, dizia que ia "salsichar" as feminazis da página para elas serem felizes segundo ele....

### ELE É DA USP...

Fez chantagem emocional, me agrediu física e verbalmente, ameaçou expor fotos minhas que o mesmo furtou da minha casa. É esquerdomacho, faz parte de movimentos sociais e se faz de vítima porque terminei com ele

### ELE É DA USP...

E quando namorava comigo, sentia-se claramente irritado por eu não conseguir me adaptar ao hábito de fazer dieta e academia. Quando eu tomava cerveja, virava e cara e dizia "depois fica gorda e não se cuida." Porém, quando ELE decidia tomar uma cerveja, era por que ele precisava "relaxar por causa do cursinho." Ele dizia constantemente eu que eu era louca.

### ELE É DA USP...

se faz de desconstruído, politicamente engajado, mas aceita pagar mina gorda como "trote". NOJO.

### ELE É DA USP...

e se diz super a favor da liberdade sexual, mas briga com a namorada no dia em que ela não quer transar

### ELE É DA USP...

e sempre se mostrou meu amigo, mas, por trás, inventou e espalhou para todos os homens do curso detalhes de minha vida sexual com meu ex, de quem se diz ser íntimo, mas não é.



Ele é da USP  
@eleedaUSP

- Página inicial
- Sobre
- Fotos
- Publicações
- Comunidade

### ELE É DA USP...

Funcionário idoso, da em cima de diversas funcionárias pelas redes sociais, e pessoalmente fica olhando o corpo das mulheres que passam com uma cara nojenta.

### ELE É DA USP...

o namora sua bizeta. Sempre tratava ela mal enquanto trabalhavam em alguns projetos juntos, chamando ela de burra quando ele não entendia algo. Recentemente, ela terminou com ele e chorou dizendo o quanto ele era bruto, enquanto ele ameaçava colocar fotos íntimas dela em grupos de Facebook, e pra fechar com chave de ouro, ela deixou claro que ele já bateu nela. O que mais me deixa triste é que uma semana após isso, ela voltou com ele.

### ELE É DA USP...

Diz que é de esquerda e que é feminista, mas adora ser grosso para pagar de fodão e passar por cima da opinião de mulheres nas discussões.

Sou lésbica. Quando vi uma amiga minha (da qual ja tive um caso) chorando em uma festa, fui falar com ela. O paguerinha dela, esquerdomach veio tirar satisfações por ciúmes e BATEU na frente de todo mundo! Ele bateu muito, estava no chão, até q alguns meninos o SEGURARAM.

### ELES SÃO DA USP...

Eles são da USP (não só), são um bando de babacas que ficam enchendo o saco das meninas nas festas e jogos, puxando o cabelo para obrigá-las a ficar com eles, puxando o braço, pulando na frente delas para beijá-las, insistindo para ir para a casa delas "apenas para dormir juntinho, sem fazer nada". Caras, PAREM! RESPEITEM AS MULHERES, aceitem que o mundo não gira em torno de vcs!!! Não é NÃO! Acho que dá pra sacar bem quando uma mulher quer e quando não quer ficar com vc.

### ELE É DA USP...

e sempre disse que sou uma das suas melhores amigas, que me considera e respeita, enquanto na verdade tirava fotos minhas escondidas (quando estava de short e me abaixava, por exemplo) para mandar pros outros homens do meu curso.

### ELE É DA USP...

e no meu ano de bizeta ficaram me enchendo o saco pra comprar o cervejo da aéro (que para meninas era só 2 reais). Falei que ia ver com minhas amigas e qualquer coisa voltava lá pra comprar. Um deles falou "vou me lembrar de você", então o outro disse "vou me lembrar do seu corpo". Dei as costas e fui embora enquanto ouvia as risadinhas dos amigos que tavam do lado.

### ELE É DA USP...

terminei com ele e ele me perseguiu. Até hoje diz que eu sou louca e que ele aguentou muitas coisas comigo e que eu tinha o dever de retribuir.

### ELE É DA USP...

Eu havia quebrado minha perna e estava impossibilitado de sair de casa, então, ele começou a lavar coisas para mim em casa. Como ERA de um curso de área da saúde, falou que iria me ajudar nos cuidados durante minha reabilitação, ate o dia que me forçou a ficar com ele. Graças a DEUS esse crápula saiu desse curso e pelo menos no hospital não vai assediar as mulheres que estão momentaneamente frágeis...

### ELE É DA USP...

é anarcomacho e tentou estuprar uma companheira do coletivo dizendo pra ela: se vc veio pro meu quarto tomar vinho é pq tá querendo. NOJENTO

### ELE É DA USP...

Não falava com garotas fora do padrão (consideradas feias ou gordas), foi extremamente homofóbico com meu amigo e tentou embebedar uma amiga em uma festa para abusar depois (conseguimos tirar ela de lá)

### ELE É DA USP...

Esfregou o pinto em mim em uma festa; foi à minha casa várias vezes dando em cima de mim e, quando reclamei e disse que não queria, me chamou de gorda e feia.



Ele é da USP  
@eleedaUSP

Página inicial

Sobre

Fotos

Publicações

Comunidade

**ELE É DA USP...**

terminei com ele e ele me perseguiu. Até hoje diz que eu sou louca e que ele aguentou muitas coisas comigo e que eu tinha o dever de retribuir.

**ELE É DA USP...**

é anarcomacho e tentou estuprar uma companheira do coletivo dizendo pra ela: se vc veio pro meu quarto tomar vinho é pq tá querendo. **NOJENTO**

**ELE É DA USP...**

e diz pros amigos que "já sabe que vai me beijar", mesmo sem saber se eu quero ou não.

**ELE É DA USP...**

Aluno que, ao se deparar com um varal de calcinhas menstruadas, disse aos "thers": só existem essas feminazis feitas de um namorado ou de alguém que pegue de jeito. Porém, como elas muito feias, ninguém estaria disposto a fazer tal sacrifício.

**ELES SÃO DA USP...**

e fizeram uma lista, na porta do banheiro masculino do BD da med, das garotas com quem transaram com suas características físicas e em relação ao "sexo com elas"

**ELES SÃO DA USP...**

e moram em república e já os vi perguntando pra um outro morador da república por que ele tratava as mulheres bem (?) e ficaram chamando o cara de "ótário", "virjão" e "escravoceta". O machismo tem mesmo muitas ferramentas para moldar o comportamento de mulheres e de homens também.

**ELE É DA USP...**

Sou homossexual e namorava outra garota, até que dois "amigos" resolveram me "ensinar" o que é ser mulher. Me fizeram tirar a blusa, me bateram e me violentaram no banco traseiro e sobre a tampa do porta-malas de um carro. Me disseram que se eu mantivesse segredo, continuaríamos "amigos". Nunca tinha feito sexo com um homem antes e isso me devastou.

**ELE É DA USP...**

é meu ex e me ameaçou meses depois que terminamos. Falou, si e diversas vezes, que iria me matar se tivesse a oportunidade. Isso acabou com minha vida. Vivo com medo.

**ELE É DA USP...**

e não sabe lidar com uma instalação artística de calcinhas manchadas de "sangue". **TEM NOJINHO!** reclama mais que tá pouco, fofo.

**ELE É DA USP...**

Ele era da mesma equipe que eu, e desde meu primeiro dia no projeto ficava dando um jeito de me tocar e de impor uma intimidade que não tínhamos. Quando me impus e cortei o que estava ao meu alcance (como empurrá-lo quando vinha me "abraçar"), simplesmente parou de se comunicar comigo, alegando pro nosso líder (e um dos melhores amigos dele) que eu não fazia mais as atividades pq não estava mais nem aí.

**ELE É DA USP...**

e estudei "muito pra passar no vestibular e se deparar com calcinha menstruada no corredor". Eu também estudei muito pra passar na USP e tenho que lidar diariamente com casos de estupro em festas universitárias.

**ELE É DA USP...**

vai em passeata contra o gol com cartaz de símbolo feminista. **MAS** já abusou de uma mina na época da ocupa

Curtiu Seguiu Compartilhar Enviar mensagem



Ele é da USP  
@eleedaUSP

Página inicial

Sobre

Fotos

Publicações

Comunidade

**ELE É DA USP...**

é todo engajado nos movimentos, esquerdomacho, diz que respeita as minas, mas na balada me puxou pelo braço e tentou me beijar a força. Moço, da uma segurada.

**ELE É DA USP...**

e falou no bar que achava que eu era "quietinha", mas minha roupa não condizia com isso. Também me chamou de safada por ter namorado um rapaz da medicina.

**ELE É DA USP...**

esquerdomacho, fica transando sem camisinha com as minas pra passar doença de proposito, fica pelado em toda festa assediando todxs

**ELE É DA USP...**

Toda vez que ele vem me cumprimentar tenho que escolher em que posição ficar pra ele passar menos a mão em mim.

**ELE É DA USP...**

E tem um grupo com um álbum pra cada morador com os "trofeus" de cada um. No final do semestre ele e seus amigos fazem um balanço de quem ficou com as "melhores".

**ELE É DA USP...**

Se gabava por estar em um relacionamento aberto, mas surtava e era violento com a namorada toda vez que ela beijava outra pessoa.

**ELE É DA USP...**

divide a casa com um estuprador e nunca o denunciou pq "foi só uma vez, o cara tava bebado...faz tempo já, um deslize..." e pq ele não quer estragar a vida do cara por um "deslize na faculdade"

**ELE É DA USP...**

E disse "te chamo atenção mesmo! seu amigo, me preocupo com vc" segundo ele ficar com tantos caras assim queima a minha imagem e não desvaloriza como mulher...

**ELE É DA USP...**

e paga de feminista desconstruindo, mas teve coragem de dizer na minha cara que "homem envelhece, mulher apodrece"

**ELE É DA USP...**

e me pagou pelo braço em uma festa e tentou me beijar à força. Tive que dar um chute nele pra me soltar, fui embora da festa e ele me perseguiu até a calçada gritando que eu era lésbica e que eu era feia demais pro dispensar um "cara como ele". Entrei em um táxi e o taxista teve que descer do carro e enfrentá-lo para ele parar. Fui pra casa chorando.

**ELE É DA USP...**

e acha que pode usar o seu "poder" de orientador para me assediar, fazendo comentários inoportunos e constrangedores, sabendo que não vou ter coragem de fazer nada contra isso para não criar uma situação chata. Sem contar o fato de que ele é casado e tem dois filhos.

**ELE É DA USP...**

enganava, mentia e tratava mal a namorada falava pelas costas que ela era louca, mas não contou para essas pessoas que ela era possessiva, sem caráter, estúpido e que a agredia (verbalmente e fisicamente). Ele passou anos achando que ela era o problema, porque segundo ele, precisava "se tratar". Hoje eles não estão juntos, e ele age por aí como se fosse o cara mais legal do mundo na frente dos outros. Mas não passa de um covarde.



Ele é da USP  
@eleedaUSP

Página inicial

Sobre

Fotos

Publicações

Comunidade

### ELE É DA USP...

(...) E o ÚNICO motivo pelo qual hoje eu escrevo é a mera possibilidade de atingir alguém com o meu rejeito. Seja mina que se sinta abusada, seja cara escrota que não respeita as mina, seja quem compactua com essa cultura machista e nem desconfia que por trás de um "casal perfeito", como muitos nos chamavam, pode existir alguém que esteja implorando pela sua ajuda.

### ELE É DA USP...

Me largou sozinha, sem blusa, bêbada numa festa. Meus amigos me encontraram e me levaram super preocupados pra casa. No dia seguinte eu perguntei pra ele o que tinha acontecido e ele: "Você não se lembra? Pareceu que estava gostando"

### ELE É DA USP...

se apresenta como bom moço, gay, justiciero social, mas diz que todas as mulheres são nojentas, que deveriam apertar pra pararem de ser putas e que felizmente a unica vagina que teve contato foi a da mae quando nasceu. Oiha pra minhas amigas e fez comentarios como coisinha, piranha, etc

### ELE É DA USP...

e diz que prefere menina que mora só com uma amiga pq "m de republica vc sabe como é"

### ELE É DA USP...

Atual doutorando, mostra-se desconstruído, descolado e feminista, mas quando tivemos um rolê ficou o tempo inteiro dizendo que eu era frágil e precisava dele. Tinha cilmas de tudo, dizia que eu era simpática demais, tentava fazer joguinhos para me provocar e me infantilizar na relação. Entre várias situações de abuso, tentou transar comigo enquanto eu dormia. Raajj, tentou e não conseguiu a espalhar para todo mundo que eu a havia seduzido, magado e o tinha beijado antes de terminar com o meu ex-amorado, por isso era uma mexicana infel. Nessa vida, coleco vários amigos contra mim, me prejudicou até no meu trabalho e continua por aí, pagando de intelectual equilibrado e se fazendo de vítima prezamiga descolada, culto que se dizem muito feministas.

### ELE É DA USP...

Todo emponderado, das ciências sociais, o típico feminista-barbudo-de-olhos-pseudo-hipster-famosinho-todo-amor, prega a revolução, se paga de amigo de todas as minas. O que ninguém sabe é que ele me abusou. Invadiu meu corpo. Me fez fazer coisas das quais tenho hoje de lembrar.

### ELE É DA USP...

Paga de desconstruído, feminista, de esquerda, etc. Mas força todas as namoradas a fazer ménage com outras minas. Enquanto "baça" a terceira companha, procure saber qual seria a mais submissa para fazer suas vontades sexuais. Quando as namoradas e as minas não querem participar do ménage, já são logo descartadas.

### ELE É DA USP...

é da república suspeita de ter meras escondidas. Tem fotos quando eu transei com um de caras da casa dele e ainda enviou para mim.

### ELE É DA USP...

Denomina-se esquerdo-macho, homem sensível e aliado das mulheres, mas xingou a colega da república de puta, lixo de pessoa, porca e atraso de vida em público depois que ela não quis mais ficar com ele. Quando fui recriminar sua atitude, ele culpabilizou a vítima e não assumiu o erro.

### ELE É DA USP...

E fala de boca cheia que "mulher é tudo aproveitadora" e que tal professora só está onde está por ser casada com outro professor do instituto.

### ELE É DA USP...

é da biologia e nas festas, ele adora ficar atormentando as calouras chamando elas para fazer uma "aula de anatomia" no quarto dele. Além de já ter ouvido absurdos como "vou te mostrar como eu disseco uma perereca" e "você não é um vagalume, mas o seu rabo ta piscando"

### ELE É DA USP...

Tentou ficar comigo a força, acha que só pq fiquei com outros caras da rep "não faz diferença ficar com ele também"



Ele é da USP  
@eleedaUSP

Página inicial

Sobre

Fotos

Publicações

Comunidade

### ELE É DA USP...

Ficávamos de vez em quando. Numa festa, me ignorou pra ficar com outras minas. No fim, veio me procurar, e perguntou se eu já tinha transado com alguém aquela noite, pra saber se eu tava "suja".

### ELE É DA USP...

Diz que é feminista, de esquerda, membro da UNE e defende o empoderamento e os direitos femininos. Mas chama a ex namorada de vagabunda, mulher de malandro e ainda bate nela, depois diz que é por causa da cocaina que ele cheira.

### ELE É DA USP...

E a ex namorada precisou fazer boletim de ocorrência contra ele por causa de ameaças e tentativa de agressão. Hoje ele fica exigindo uma segunda chance pq agora é um "homem diferente que viu o valor dela" e a culpa por não confiar nele.

### ELE É DA USP...

Manipulava várias meninas ao mesmo tempo, fazendo acreditar que eram únicas e especiais e enchendo as promessas e propostas vazias. Quando controlado por algum motivo, fazia gaslighting até não poder mais e se saía como o caetão injustiçado da história. Em um certo momento começou a mandar inúmeras fotos de seu pênis que eu dormindo, geralmente acompanhadas de "bom dia" ou "boa noite", sem que eu jamais tivesse pedido manipulação era tanta que foi muito difícil bloquear e nar esse momento de vez da minha vida, mas hoje vejo faz-lo foi a melhor coisa. Fica o recado: NUNQUA é obr a ficar vendo seu pênis sem ter pedido explicitamente isso. Isso é invasivo, nojento e machista.

### ELE É DA USP...

E, em uma festa na rep dele, ele me trançou no quarto e começou a me agarrar e me beijar a força mesmo eu pedindo pra ele parar. Eu estava muito bêbada pra conseguir afastar ele de mim e até hoje não me lembro de como consegui sair de lá.

### ELE É DA USP...

Ele e seus amiguinhos da mecânica apostavam nas festas quem pegava mais "gordinhas". Nós nos relacionamos escondidos por 5 meses, ele nunca quis me assumir. Eu suportei porque realmente gostava dele, até que um de seus amigos descobriu e ele terminou comigo, disse que essa foi a condição de seu amigo, caso contrário contaria para todo mundo sobre nós.

### ELE É DA USP...

É professor. Com o tempo, viramos amigos. Até que um dia recebo um inbox no Facebook com ele querendo me transformar numa espécie de b.a. sem eu ter dado abertura pra isso. Não foi o primeiro. Na USP, eu me sinto como carne de açugue, apenas recebe propostas de sexo casual muitas vezes de gente que nunca me deu bom dia pessoalmente. Talvez por eu usar roupas curtas às vezes, eu seja vista como uma puta que só quer dar, sendo que na verdade eu sou uma garota tímida.

### ELE É DA USP...

"Bonitinho" da poli com amiguinhos no círculo falando sobre suas aulas... eu entro e passo eles. Silêncio... "Bonitinho" solta a pérola: "bonita ela, deve fazer um curso fácil!!!!" O tã fofo pra ele que até desviou o olhar! Me bô, não tem "curso fácil", além de mais, não sou formada e fiz mestrad!!!! Acha que por isso não me dei ao trabalho de discutir com um legue que não respeitou a amiga dele que tirou o "curso difícil"... pena que ela tirou...

### ELE É DA USP...

Ele me fez acreditar que ninguém, e não ser ele, poderia me amar. Dizia que eu era a pior pessoa do mundo, mas que ele me aceitava. Quando eu ficava quente, ele dizia que era grave, que eu precisava de alguém como ele ao meu lado. Quando eu não tinha mais forças, não ficava, mesmo eu chorando. Ele me dizia que ia embora se eu não aguentava, era ele o único que eu aceitava que pudesse me conhecer. Depois de um tempo e de começar o tratamento da depressão finalmente paramos de nos falar. Mas ele me ameaçava via spotta, me mandava e-mail com as notícias, ele me ameaçava até em sala de aula. Hoje em dia, por mais que ele tenha se afastado eu tenho cilma da obsessão quando lembro dele, vejo algo que persegue ele. Tudo que eu mais quero é que ele nunca mais volte.

### ELE É DA USP...

Fui pra usp ver o dito show de física com a minha escola, qnd acabou, a minha turma ficou um pouco lá e eu fui no banheiro. Um dos apresentadores desse show me seguiu até o banheiro e estava vazio, disse que não tirava os olhos de mim na plateia e tentou me tocar. Com sorte vinham mais meninas pra banheiro e enquanto ele se escondia, eu fugi.

### ELE É DA USP...

Ele é professor e acha que porque foi preso político na ditadura, pode assediar moralmente alunas, funcionárias e professoras que divergem ideologicamente dele. Já tentou reprovar uma professora em concurso de progressão. Já impediu professora de mudar de unidade. Brigou com uma mulher transsexual, já falou que um professor gay não era homem e grita com mulheres na frente de todos, dizendo que é educativo o constrangimento. Paga de bom professor com alunos homens háreis. Está sempre junto com outro professor assediador e já empurrou uma aluna. É misógino, homofóbico e transfóbico.

### ELE É DA USP...

me forçou a fazer oral nele durante uma festa praibita. A gente não se conhecia, nos vimos, ficamos quando eu tentei me afastar dele pra curtir o resto da festa ele me agarrou pelo braço e me arrestrou a uma escada atrás do prédio. Passamos por um cara que estava se beijando por aí, mas eles não estavam o que estava acontecendo e eu tive medo de se ajudar. Tentei bater no cara mas ele me deu um tapa e me forçou a engolir. Me deixou ligada no celular e forçou minha cabeça pra baixo. Quase vomitei e me forçou a engolir. Me deixou ligada no celular e ainda falou "bom dia" e que eu acho outras que nem quando riscada enquanto ia embora.



Ele é da USP

@eleedaUSP

Página inicial

Sobre

Fotos

Publicações

Comunidade

## ELE É DA USP...

Já participou de saiaço e diz que apoia a luta das mulheres, mas na verdade não passa de um misógino abusador que faz um gaslighting tão forte com as minas que elas não tem coragem de denunciar.

## ELE É DA USP...

e me beijou à força numa festa, e depois tentou passar a mão nas minhas partes íntimas SEM o meu consentimento.

## ELE É DA USP...

Ele é namorado perfeito. Mas no final dos nossos três anos de namoro, minha cama era uma toalha sobre o chão, e meu travesseiro era uma caixa jeans dobrada. Minha casa já não era mais minha. Meu corpo e meus prazeres já não eram mais meus. Misteriosamente, tudo era culpa minha e todas as minhas ações eram escotchas "livremente" tomadas. Foi convencido de que meus amigos e minha família não queriam o meu bem, e que ele era o único que me amava de verdade. Todos os dias espero que seja o último em que penso nele, o último dia em que ele me assombra.

## ELE É DA USP...

Estava em uma festa numa rep que nem lembro mais o nome. Estava muito bêbada, mas ainda consciente. Dois caras começaram a puxar meu braço, tentando me "convencer" a ir pra rep deles. Só pararam quando um amigo meu chegou e impediu.

## ELE É DA USP...

ficamos numa festa e resolvemos ir pra minha casa. Ficamos mais um pouco lá e como já estava alta da bebida, dormi. Acordei com ele tentando me penetrar.

## ELE É DA USP...

e fica compartilhando feminismo no facebook, mas quando ele pediu pra ficar comigo e eu disse 'não', só parou de me forçar quando eu disse que tinha namorado.

## ELE É DA USP...

Vive pagando de músico good vibes, mas sempre encontrava oportunidades para dizer para ex que ela era errada na sua maneira de se vestir, tratar as pessoas, querer crescer na profissão. Certa vez a mordeu no rosto no meio de uma festa sendo necessário seus amigos para leva-lo para longe. Hoje em dia controla suas namoradas comparando-as com a ex e fica espalhando para todos que o problema é que ela que é louca.

## ELE É DA USP...

e chama mulher trans de "cosplay de mulher", e ainda temos que contemplar o fato que esse monogolão adorador de Ulstra e Bolsonaro vai ser médico!

## ELE É DA USP...

E ficava analisando as meninas desde a matrícula pra ver quais estavam mais assustadas. Depois coagia as mesmas a participar do miss bixete.

## ELE É DA USP...

e por eu ser gorda, apostou com as caras da rep que me "pegaria" na festa eu estava muito bêbada e nem pensei nisso, após ficarmos, eles ficaram meses fazendo piadinhas e rindo quando me enfiavam as mãos e contravam pela USP.

## ELE É DA USP...

Paga de esquerdo revolucionário diz que está "na resistência", mas outro dia queria justificar pedofilia porque "menoridade" é uma coisa do capitalismo e tem sociedades onde crianças já são consideradas adultas

## ELE É DA USP...

É um dos amigos mais queridos mas me falou que eu tava surta demais depois de um ex ter me ameaçado de morte. O pior é que até hoje ele não vê a gravidade real daquela ameaça.



Ele é da USP

@eleedaUSP

Página inicial

Sobre

Fotos

Publicações

Comunidade

## ELE É DA USP...

e dá aula em Lorena e diz que mulheres precisam do dobro do tempo que homens para conseguir resolver uma prova.

## ELE É DA USP...

ele é da usp, unicamp, do trapo, da família, da vida e tem uma necessidade enorme de comprovar sua masculinidade inexistente desmerecendo, ironizando e ridicularizando os relatos feitos aqui por mulheres que sofrem abusos TODOS OS DIAS! já passou a hora de macho escroto se tocar que NÃO NOS CALAREMOS e vai ter denúncia SIM! Aceitem que dói menos <3

## ELE É DA USP...

estuprou uma mina, e todos os amigos do coletivo político de esquerda que ele participa passaram pano pra ele.

## ELE É DA USP...

Saiu espalhando que eu era tão ruim de cama que me levar pro motel seria desperdício de tempo e dinheiro. A verdade é que ele não sabia onde enfiar a cara por ter gozado segundos depois que coloquei a mão lá embaixo.

## ELE É DA USP...

é também meu veterano, e no meu primeiro ano de faculdade ficava me perseguindo, me abraçando e pegando em mim sem meu consentimento. Hoje, depois de quatro anos, vejo ele fazendo a mesma coisa com outras bixetes.

## ELE É DA USP...

Nós ficamos uma vez e depois disso ele chegou em mim outras três vezes. Em todas essas ocasiões, eu recusei ficar com ele de novo e ele tentou forçar, apertou meu braço a ponto de deixar roxo e saiu falando pra todo mundo que eu sou biscate.

## ELE É DA USP...

É um dos caras mais populares do campus, lindo e morador de rep famosa. Pegou HPV durante uma traição e passou pra namorada. Continua transmitindo pra todas as meninas que fica pq mantém em sigilo até hj.

## ELE É DA USP...

É de esquerda, se diz feminista, cheio de amor, paz e luz no facebook, mas quando ficávamos, me dizia que eu não era uma "boa feminista" porque não praticava a liberdade sexual, já que não quis transar com ele. Além de ficar comigo e outra moça ao mesmo tempo, fazendo jures de amor, sem que nenhuma de nós soubéssemos quem ele realmente era.

## ELE É DA USP...

E acha que eu não posso ficar com quantos caras que eu quiser porque eu sou mulher e isso é ser puta, mas ele pode ficar com quantas meninas quiser porque ele é homem, então isso é ser fodão

## ELE É DA USP...

Tem um longo histórico de agressões com a namorada por ela usar roupas curtas e acusado de estuprar três garotas na moradora estudantil. Mas como é dos movimentos sociais, desconstruído, e está sempre nos corredores e nos tolés, tudo isso vai ser cobrado.

## ELE É DA USP...

Ele paga de namorado preocupado e desconstruído, mas continua a lidar com quem e para onde a namorada sai, fazendo sempre joguinhos psicológicos para que ela satisfaça as vontades dele. Ele é abusivo e egoísta.

## ELES SÃO DA USP...

Sai uma vez com algumas pessoas surtas e um deles me chamou pra ir casa dele. Eu recusei e eles saíram falando que era um absurdo eu não transar com o cara. Se toquem, saiam babacas. Eu jamais ficaria com um cara idiota como vocês são.



Ele é da USP  
@eleedaUSP

Página inicial

Sobre

Fotos

Publicações

Comunidade

### ELE É DA USP..

a aluna, colega minha de turma que tinha tido um filho meses antes, chegou ao professor no corredor e perguntou se o mesmo não poderia orientá-la em seu TCC. Eis que ele responde: até posso, mas você não vai engravidar de novo, né?!

dizia que nada no mundo dava mais horror pra ele que tração. Então, ele queria me forçar a não sair sozinha, dizendo que eu só podia tomar duas cápsulas quando saísse e escobria minhas roupas. Além disso, dizia que eu era muito simpática com as pessoas o que, assim, não iria conseguir dizer "não" para um cara que desse em cima de mim. Ele me comparava o tempo todo com o ex, dizendo que ela era maluca e ruim. Por um mês, eu fui dormir tremendo, porque ele gritava comigo por pelo menos duas horas ao telefone. Minha auto-estima ficou pessima, porque ele desistia das coisas que eu gostava. Terminei com o ajuda de minha mãe e, depois de uma semana, ele voltou com o ex.

### ELE É DA USP..

e depois de me pedir pra fazer "cabaninha" pra ele durante a peruada do ano passado, porque não tinha banheiro por perto, passou a mão no meu rosto, dizendo que "não era nada que eu nunca tinha pegado". Logo depois, tentou me beijar, dizendo que "eu não conseguia resistir", mesmo eu virando o rosto. Pequeno detalhe: ele namora.

### ELE É DA USP..

e me disse que eu devia beijá-lo, porque eu era caloura veterano e que era assim que as coisas funcionavam na USP.

### ELES SÃO DA USP..

e zoam os relatos expostos por essa página. Não acreditam que o que eles fazem colabore com o machismo, afinal as mulheres feias e gordas deveriam ficar felizes por eles "pegarem" elas.

### ELE É DA USP..

Não é da Medicina, mas usa o último andar casa de Arnaldo para forçar as meninas a praticarem sexo oral nele.

### ELES SÃO DA USP..

OS MORADORES DESTA REP LEVAM AS MENINAS PRA LÁ PRA FAZER TRABALHO, MAS LÁ FICAM INSISTINDO PARA QUE ELAS TRANSEM COM ELAS - BIZEM QUE É UM "RITUAL DE INICIAÇÃO". ELAS APOSTAM QUEM PEGA MAIS MENINA NAS FESTAS E NA REP. QUEM PEGA MENOS, É A "EMPREGADA DA SEMANA".

### ELE É DA USP..

e, em uma FEA Funk, veio me cutucar para dizer que o amigo dele me achava enjoenta, porque eu sou gorda. Era o segundo cara da festa que me chamava de gorda como xingamento na mesma noite. E depois dizem que "gordos não existem".

### ELE É DA USP..

e, num debate sobre militância, me disse que eu não deveria sentir raiva do meu abusador e sim dar um presente.

### ELE É DA USP..

-Esquerdomacho feminista- Me agredia física e verbalmente, me taxava de louca, fazia chantagem com minhas fotos e, claro, saiu como o coitado da história.

### ELE É DA USP..

transou comigo e me levou pra comer em 1 rodizio de pizza perto da USP. Foi embora sem pagar a conta e no dia seguinte saiu falando pra toda faculdade que eu era gorda e que a unica comida que eu levaria na vida era a marmita....

### ELE É DA USP..

é veterano e me ofereceu um bebida e um beck, viu que eu estava inconsciente e mesmo assim praticou sexo comigo. Ainda diz que não é estupro porque "não me forçou a nada".



Ele é da USP  
@eleedaUSP

Página inicial

Sobre

Fotos

Publicações

Comunidade

### ELE É DA USP..

o passou os últimos dois anos internizando minha vida. dizia que eu era gorda como um hipopótamo e feia como o diabo, e por isso nasci pra sofrer. Comprava comida na lanchonete para jogar em mim. Organizou uma aposta com garotos de atletica pra ver quem conseguia montar em mim mais tempo. Espalhou fotos minhas para as meninas com que ricava para encoraja-las a fazer dieta. Me fez não só largar o curso como tentar suicídio. Perdi minha oportunidade de cursar Engenharia.

### ELE É DA USP..

É professor e usa como exemplo na aula um gráfico que mostra a quantidade de mulheres no curso x quantidade de mulheres feias.

### ELE É DA USP..

E diz que faz optativas na cênicas pra dar um "up" na vida sexual, porque as mulheres de lá "são burras", "dão fácil" e "cuidem do corpo", ou seja, são as "mulheres perfeitas para sexo casual".

### ELE É DA USP..

e diz que não existem mulheres importantes na filosofia porque são sentimentais e não usufruem da racionalidade. Também diz que mulheres que teorizam feminismo não sabem do que estão falando e por isso não são relevantes na academia.

### ELE É DA USP..

nos conhecemos em uma festa na qual eu estava super bêbada e curtindo com minhas amigas. Ele me pareceu um cara legal, conversamos sobre tudo possível. No fim da festa, eu não encontrava minhas amigas e ele se ofereceu pra me deixar em casa. No meio do caminho ele disse que precisava passar na casa dele antes pra pegar uma blusa, pois estava com frio. Chegando lá, quando eu percebi estávamos fazendo sexo. Não me lembro de nada. E ainda, no dia seguinte quando fui procurá-lo no face, descobri que tinha namorada.

### ELE É DA USP..

é presidente do CA da faculdade e, mesmo devendo dar voz aos estudantes, é um idiota que cala as meninas em festas, desmerecendo nossos discursos. O machismo esta até onde n deveria existir opressão.

### ELE É DA USP..

e fazia sua ex achar que tava sempre exagerando e que suas ações machistas e abusivas dele eram na verdade culpa dela. Ele era um ciumento possessivo e chegou a dizer que se ela fosse para o bife ele terminaria com ela.

### ELE É DA USP..

2 amigos chegaram em mim e em mais uma em uma festa. Um deles conversou com um amigo e o outro, comigo. Eu não estava interessada e nem insisti na conversa. Quando vimos o amigo ficando com o amigo dele, ele tentou beijar e, quando eu me afastei, ele disse "mim sua amiga está ficando com o meu amigo" e insistindo em "por que eu não ficava com ele". Cara, apenas não. Eu beijo quem EU quero e devo explicações pra ninguém.

### ELE É DA USP..

e acredita que o silêncio dele sobre um amigo estuproador não prejudica ninguém.

### ELE É DA USP..

e disse que teve uma infância difícil e, por isso, queria ajudar crianças. Fazíamos parte de um lindo projeto social com crianças, até o dia que ele me falou que achava que uma meninas de mais ou menos 10 anos estava afim dele. Reclamei e disse que iria contar para os demais e ele me ameaçou. Sinto mal por nao ter feito nada, mas nunca deixei as crianças sozinhas com ele...

### ELE É DA USP..

e toda festa fica com o pau de fora balançando para as manas e se faz de bom moço

### ELE É DA USP..

e ridicularizava o amigo que namorava uma mina gorda. Agora paga de bom moço para a namorada feminista.



Ele é da USP  
@eleedaUSP

Página inicial

Sobre

Fotos

Publicações

Comunidade

## ELE É DA USP...

e não aceita o "não". Já tentou tirar a minha roupa no campus e me beijar a força

## ELE É DA USP...

é professor e gosta de enfiar a cara no decote das alunas.

## ELE É DA USP...

Em uma festa, depois que eu dei um fora nele, ele começou a me humilhar com palavras como "vadia" "puta" e dizendo que eu "era feia e ele nem queria" na frente dos amigos, que não fizeram nada. Fiquei desconcertada e sai andando fingindo que não ouvi nada, e aí um dos amigos resolveu vir me pedir desculpa "pela atitude do amigo bêbado".

## ELE É DA USP...

Em toda festa, uma república conhecida costuma colocar "boa noite cinderela" nas bebidas das moças que eles consideram "bonitas". As moças não vêem pq os caras colocam disfarçadamente enquanto as meninas aguardam gelo no copo para bebida e depois levam elas pra dentro da rep para "comer", fingindo ser boas pessoas q querem ajudar a moça q está passando mal.

## ELE É DA USP...

e me disse em uma festa que era gay e que queria beijar uma menina pela primeira vez. Descobri depois que ele tinha mentido e ele começou a me assediar em várias festas, fazendo até eu me machucar em uma enquanto tentava fugir dele.

## ELE É DA USP...

estávamos voltando de uma festa no campus e ele começou a me forçar para transar com ele. Eu comecei a chutar e bater nele porque ele tinha trancado a porta do carro pra eu não sair, até que apareceu uma menina e me ajudou a sair do carro.

## ELE É DA USP...

e a gente ficava e morava no mesmo prédio. Eu era virgem e não queria transar com ele. Quando eu falei que não queria, uma vez ele disse: "não adianta você ficar me enrolando, eu tenho certeza que você vai perder a virgindade comigo." Ainda bem que isso não aconteceu.

## ELE É DA USP...

e diz em alto e bom som que a faculdade era melhor quando tinha menos gay, "pseudo lésbicas" e negrxs. Usa até vídeos de um certo político aí pra justificar suas falas.

## ELE É DA USP...

e vive traindo a namorada com a desculpa de que "é coisa de homem".

## ELE É DA USP...

paga de desconstruído e tem até essa página curtida, mas na hora que decidi que iria abortar o filho dele ele me abandonou, pq afinal nós da enfj já sabemos como "cortar umas coisinhas fora desde o início da grávidação".

## ELE É DA USP...

e sempre aparecia no final das festas para me beijar, já que eu estaria mais vulnerável. Teve uma vez que, quando estávamos sentados, forçou minha cabeça para baixo e já foi abrindo o zíper da bermuda. Quis ir embora e, quando não o deixei entrar em casa, me chamou de chata e nunca mais falou comigo.

## ELE É DA USP...

e nemora uma mina linda (mas ele não assume ela, inclusive a trai). E nesse contexto, já induziu o embebedamento de colegas e abusou sexualmente deles. Costuma contar pros amigos, que msm sabendo de tudo não o reprimem, talvez pq de tão naturalizado q tá, eles não enxergam os abusos nesses atos. Ou pq não se sentam integros o suficiente pra se opor, visto q supostamente tb cometam abusos em menor ou maior grau. Ou simplesmente pq "passam pano" pra abusador, afinal o cara faz essas merdas, mas ah brother, né? :|

## ELE É DA USP...

Estava ficando uma menina em uma festa de uma república (sim, também sou menina) e ele chegou com comentários machistas insistindo em participar e ficou nos seguindo e nos atrapalhando. Tive que ir embora da festa pois estava me sentindo perturbada! Essa república é um inferno!

## ELE É DA USP...

curte essa página, mas não pode ver uma menina bêbada que já quer se aproveitar dela.

## ELE É DA USP...

era meu amigo, até que começamos a sair. Um dia peguei ele tirando uma foto minha durante o sexo, sem meu consentimento. Depois do ocorrido, alguns amigos me disseram que ele costuma mostrar fotos pros amigos das mulheres com quem dorme e aparentemente nunca foi reprimido por essa atitude escrota.

## ELE É DA USP...

Não podíamos andar de mãos dadas, não podíamos nos abraçar, não podíamos ter qualquer manifestação de carinho em público, com a desculpa de que agulhe era o jeito dele, que ele não gostava e prenho. Quando eu quis me afastar e terminar a relação, jogou um copo de vidro na minha direção, ameaçou me jogar da escada, ameaçou me bater, disse que eu era louca e depois "justificou" que só fez isso porque "me amava". Depois de me ver caminhando ao lado de outro cara na rua, meses depois, gritou que era uma vagabunda e outros xingamentos e simplesmente saiu correndo.

## ELE É DA USP...

e só porque é gay acha que não é misógino. Ele agrediu uma mulher em uma festa e está impune.

## ELE É DA USP...

Famoso e requisitado nos movimentos sociais; estilo paz e luz, super desconstruído, mas ficava tentando me beijar mesmo eu já tendo verbalizado claramente que não queria, pois namorava e sabia que isso afetaria uma grande amiga.

## ELE É DA USP...

fui meu namorado e perdi minha virgindade com ele, que contou para todos os amigos dele, um -que também era meu amigo- me informou. Fui conversar com ele, dizer que não era legal, ele me beijou e disse para todo mundo que eu era lésbica e inventava coisas. Por ser muito popular acreditaram nele.

## ELE É DA USP...

e insistia em transar mesmo quando estava afim, forçando até ceder. Quando terminamos o relacionamento disse que nunca encontraria outra pessoa, além de me difamar para seus amigos.

## ELE É DA USP...

e acha normal embebedar garotas e levá-las para casa dele para "divertirem juntas".

## ELE É DA USP...

e quando entrei na USP eu não podia ter amigos, ele controlava o horário que eu saía da aula, não demorava pra chegar em casa. Não fui em nenhuma festa. O meu facebook não era meu. Comecei depois de um ano de cursinho e ele não quis me falar e depois dele me achar burra era xingar. Eu só saía com os amigos dele, que inclusive hoje, depois de término, me olham estranho e histérica de colado que ele deve ter criado.

## ELE É DA USP...

queridinho dos professores, paga de desconstruído esquerdatão, mas batia na ex namorada por causa de roupa curta.

## ELE É DA USP...

Numa festa "Putá Cafetão", estávamos numa rodinha de amigas dançando e um cara começou a se esfregar em mim. Falei "para cara, q chato", ele me empurrou e disse "olha a festa que vc tá, vadia!"

## ELE É DA USP...

fui meu namorado e perdi minha virgindade com ele, que contou para todos os amigos dele, um -que também era meu amigo- me informou. Fui conversar com ele, dizer que não era legal, ele me beijou e disse para todo mundo que eu era lésbica e inventava coisas. Por ser muito popular acreditaram nele.



Ele é da USP  
@eleedaUSP

Página inicial

Sobre

Fotos

Publicações

Comunidade



Ele é da USP

@eleedaUSP

Página inicial

Sobre

Fotos

Publicações

Comunidade

### ELE É DA USP...

e já se formou. Me levou para jantar e me chamou pra ver um filme. Colocou bebida alcoólica no meu refrigerante, e transou comigo a força, mesmo eu dizendo não repetidas vezes. Sai de lá toda roxa. Depois, me encontrou em uma festa e quis saber por que nunca mais falei com ele.

### ELE É DA USP...

Estávamos em uma festa e ficamos, como ele estava bêbado e não tinha como voltar para casa, ofereci minha casa para ele dormir. Chegando lá, deixei bem claro que não queria nada, que devíamos dormir. Vio para o lado e começou a sentir algo nas minhas costas. Ele estava se masturbando e esfregando seu pau em mim. Pedi para ele parar inúmeras vezes e ele deu uma de macho orendido. Mandeí ele embora da minha casa. Me liguei várias vezes da rua, me zingando e perguntando como eu podia ter feito aquilo com ele, coitado...

### ELE É DA USP...

É meu ex-namorado e, só agora, depois de ele ter terminado comigo por querer "curtir com os amigos", é que eu vejo todo o abuso emocional que sofri durante os nove meses de namoro. Até hoje, quando vamos pra alguma festa e ele me vê curtindo o role, me pega pelo braço pra dar sermão, e pedir que eu o respeite e não rigue com ninguém na festa.

### ELE É DA USP...

e, no nosso primeiro ano, ele estava me dando uma carona para casa e o caminho soitou: "tô sabendo que a Savana (motel na Av. Café) está em promoção" e foi jogando o carro para a entrada. Fiquei chocada.

### ELE É DA USP...

e um dia me perguntou se eu comi toda a sobremesa do bandex, pq eu sou gorda demais e que nenhum homem conseguiria subir em mim. NOIENTO, MACHISTAS NÃO PASSARÃO

### ELE É DA USP...

e se acha garanhão. Quando eu passei por ele, disse pra eu sair rolando porque era gorda demais ate pra pisar na balança. Ele não sabe, mas eu sofro bullying e tomo remédio pra depressão por causa disso.

### ELE É DA USP...

e o chamei na minha casa para fazer relatório de física. Ele quis transar comigo, mas eu tava menstruada e ele ficou com nojinho. Saiu espalhando que eu tinha fetiche que bebessem meu sangue de menstruada e hoje me sinto ridicularizada

### ELE É DA USP...

e embodedava meninas mais novas pra tentar "conseguir sexo". Como se não bastasse, mantinham um relacionamento abusivo e agressivo a namorada.

### ELE É DA USP...

Ele me conheceu em um lugar bacana pra rolê em São Paulo, a filha estava enorme, então, resolvemos não entrar e fomos bater papo num posto de gasolina. Lá, ele veio me agarrando do nada, eu empurrei o sujeito e ele me disse: "Achel que vc fosse como as meninas do USP que conheço nas festinhas" (eu faço IC na USP mas minha graduação é em outra Universidade). Respandi: "Moças devem ser respeitadas indenientemente de onde seja, seu moleque!"

### ELE É DA USP...

e falou que o "não" de uma mulher pode ser cú doce, então os homens devem insistir.

### ELE É DA USP...

e para tentar "entender" as acusações contra seu amigo estuprador pedem pras minas -provas concretas dos estupros-

### ELE É DA USP...

e namoramos por mais de 1 ano. Em determinado momento, eu estava trabalhando muito e chegava em casa cansada, e ele queria eu transasse com ele todos os dias. Mas como eu estava simplesmente cansada e não queria, ele me fazia pressão psicológica falando que eu não tinha mais tesão nele. Assim eu acaba transando com ele. Hoje sinto confusa e arrependida.



Ele é da USP

@eleedaUSP

Página inicial

Sobre

Fotos

Publicações

Comunidade

### ELES SÃO DA USP...

e são aqueles que zoam seus amigos por respeitarem as mulheres e que não querem transar até elas se sentirem seguras, chamando eles de viado ou broxa e a menina, de freira ou virgem

### ELE É DA USP...

Ele dava em cima de mim em todas as locais, nos felávamos todos os dias... ficamos em uma festa, levei ele pra minha casa porque ele estava sem chave. Coloquei um cochicho e mais no quarto pra ele, mas mesmo assim ele subiu na minha cama e começou a se esfregar em mim... Pedi para parar mas ele não parou. Infelizmente eu cedi e transamos. Eu não queria mais ficar com ele, mas ele dizia que se eu não ficasse com ele, iria ficar sozinha pra sempre por ser gorda.

### ELE É DA USP...

e se ache um máximo; interrompe professora e aluna mulher e é o supracitado do "omniplicanismo" e o protótipo perfeito de "esquerdo-macho" doستا. Não consegue calar a boca enquanto uma mulher tá falando e tenho certeza que não interrompe professores machos quando eles falam. MELHORE, MANO. Cale a boca nas aulas, deixe a professora falar, e só rigue em silêncio. Suas "colocações" "incomodam" e denotam sua misoginia nojenta.

### ELE É DA USP...

e se diz todo a favor da liberdade sexual, mas se a mina não quiser transar aquele dia, ele fica bravo e brigua e pressiona ela.

### ELE É DA USP...

é monitor e um dia peguei ele olhando para minha bunda, me deixando muito sem graça e constrangida. Uma noite, em uma festa na FFCLH, saiu gritando meu nome na multidão e eu sai correndo com medo. Descobri que outras meninas da sala já se sentiram assediadas por ele.

### ELE É DA USP...

é professor, paga de progressista e fica mandando mensagem de madrugada, tentando seduzir as alunas.

### ELE É DA USP...

eu estava em uma balada e ele (festiio bombadão) veio com o braço na minha cara e "mandou" eu beijar seus biceps, eu me neguei e levei uma gravata dele, os amigos dele e o segurança da balada vieram tirar ele de cima de mim. Os amigos se desculparam em nome dele, ele não.

### ELE É DA USP...

e se aproximou de mim e uma amiga quando estávamos tomando sorvete. Tentou vender convites de uma festa, mas nós recusamos e ele disse que nos daria os convites se chupássemos os sorvetes colocando eles inteiros na boca.

### ELE É DA USP...

E descobri através dessa página que mora em uma república que filma as transas. Quando transamos, no começo eu queria, mas ele estava drogado e começou a ser agressivo. Eu comecei a chorar e rezar pra ele parar logo.

### ELE É DA USP...

é da MED, diz que quer ser ginecologista pra olhar pras genitais femininas o dia todo, fazer exame de toque com o pau e que só atenderá mulher "gostosa". "Quando for gorda eu nem atendo".

### ELE É DA USP...

é da med e tentou argumentar que eu deveria ficar com ele pq, como sou da nutri, o ensinaria na prática a "comer algo gostoso direito".

### ELE É DA USP...

e sempre diz que é melhor e ficar com a parte estratégica dos trabalhos porque "mulher não é tão ligada a lógica".



**Ele é da USP**  
@eleedaUSP

- Página inicial
- Sobre
- Fotos
- Publicações
- Comunidade

**ELE É DA USP...**

em uma festa na rep dele ficou insistindo para eu transar com ele, e eu neguei. No final da festa, quando eu estava bem bêbada e sentada no chão, ele veio de novo insistir e, não se contentando, enfiou a mão nas minhas partes íntimas. Hoje percebo que fui abusada.

**ELE É DA USP...**

e também deixava comentários nojentos na página da Valentina, do Masterchef, sobre o corpo e a beleza da criança.

**ELE É DA USP...**

e disse que a professora deu nota baixa pra todos porque "ela precisa de um homem e um bom pau".

**ELE É DA USP...**

e adora meninas com 40 anos menos que ele. Não pode ver mulher passar que seu olhar miranda. Além de ficar acariciando as mãos das alunas e falar coisas desnecessárias. Se passa de bon "moço", mas exala malícia e periculosidade.

**ELE É DA USP...**

e, só porque já ficamos algumas vezes, agora acha que tem "direitos" sobre mim e falando com quem posso sair e com quem não posso. Quando tento me impor fica violento, tenho medo.

**ELE É DA USP...**

e acha que cargos de alta gerência em empresas não são lugares para mulher e que devemos nos contentar com o que nos pagam em posições "que nos cabem".

**ELE É DA USP...**

se faz de amiguinho, especialmente de calouras, ganha a confiança delas e, quando estão bêbadas, se aproveita delas. Cara, você é nojento!

**ELE É DA USP...**

é da poli-usp e desafia seus louros a ficarem e a passar a r nas meninas que são consideradas feias por eles, no integral Lamentável.

**ELE É DA USP...**

é da Poli e me prendeu a força na parede de um inter e falou que "só deixava eu sair com um selinho". Um amigo que viu a cena teve que me tirar de lá.

**ELE É DA USP...**

Aconteceu em um churrasco de Rep, onde a maioria era do meu círculo de amigos. Comecei a passar mal depois de tomar umas bebidas e um deles me levou pra um quarto pra me "ajudar". Só q ele me estapeou. Depois de tudo, os outros moradores do Rep igto se diziam meus amigos? blindaram o cara e tentaram me convencer de q foi consentido. Q q me estapeou disse q "não se lembrava de nada pq ele estava muito bêbado". Me senti violada e humilhada. Amigas disseram q se eu não tivesse bebido, nada daquilo teria acontecido. Fiquei com sentimento de culpa por ter bebido. Entrei em depressão e larguei o curso.

**ELE É DA USP...**

e acha engraçado tentar te enfiar dentro de um carro porque quer "te comer todinha", e, enquanto você grita desesperadamente "não" e tenta se soltar dele, os amigos dele não fazem nada e dão risada.

**ELE É DA USP...**

nós ficávamos e ele era violento. Quando minha menstruação acabou (existia a possibilidade de gravidez), a única coisa que o dele foi que iria pegar um aborto, pq ele não queria um filho meu.



**Ele é da USP**  
@eleedaUSP

- Página inicial
- Sobre
- Fotos
- Publicações
- Comunidade

**ELE É DA USP...**

e fala em libertação do corpo feminino, mas disse que acha que toda gorda merece morrer para ele não ser obrigado a olhar pra uma.

**ELE É DA USP...**

e diz abertamente para os amigos que "paga de desconstruído" porque facilita na hora de pegar mulheres.

**ELE É DA USP...**

e disse pra mim que eu eu fazia o que ele queria ou ele abaixava minha calcinha ali na hora, no meio da faculdade. Senti raiva e nojo por meses e aquele sentimento de ser usada. Homi, não é porque a gente tá ficando que te dá o direito de me forçar a fazer o que você quiser. Pare com sua manipulação. E seu desejo não é desculpa.

**ELE É DA USP...**

e diz que os amigos tem que "comer" mulheres gordas, pois elas são mais fáceis, assim para treinar para quando encontrar uma mulher "gostosa de verdade" saber fazer direito.

**ELE É DA USP...**

Tinha namorada qdo deu uma coroa pra minha amiga e, no meio do trajeto pegou um desvio e perou o carro: "você não achou que a coroa era de graça, né?". Ela não quis nada, ele deu um tapa na cara dela, chamou de vadia, fez ela descer num bairro muito afastado. Ela foi assaltada e levou cerca de três horas para chegar em casa, andando. Ele paga de paladino da mora, que ele sequer sustenta. Asqueroso.

**ELE É DA USP...**

e, pra namorada, diz que nunca ficou com outras meninas enquanto estava com ela, mas pro resto da faculdade se gaba por "pegar" mais de uma ao mesmo tempo e poder escolher qual vai pegar em cada dia.

**ELE É DA USP...**

e me disse "mas tb né, vc foi aceitar a coroa dele!" depois de eu ter contado da tentativa de estupro que eu tinha sofrido horas antes.

**ELE É DA USP...**

e, quando eu disse que não queria ficar com ele, me feriu com palavras, falou que eu era louca, bipolar e esquisita, falou que me "não me queria" por causa disso, e que queria sexo comigo... tudo isso porque não soube aceitar um NÃO. E eu sou a louca histórica da história n

**ELE É DA USP...**

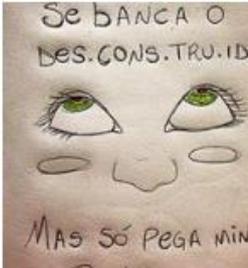
e esquadomacho defensor do amor livre. Criticava o fato de eu ter fechado meu antigo relacionamento, mas quando começamos a nos relacionar, dava crises de ciúmes por imaginárias trocas de olhares, enquanto me chamava de "provocativa" e me acusava de fazer "de propósito".

**ELE É DA USP...**

É professor e falou, em aula, que homem que assassina mulher pelo fato de ela o ter traído, não precisa de ressocialização, já que não existe nada de errado nessa conduta, "ele estava defendendo sua honra".

**ELE É DA USP...**

e tornou abusivo seu relacionamento com a namorada





**Ele é da USP**  
@eleedaUSP

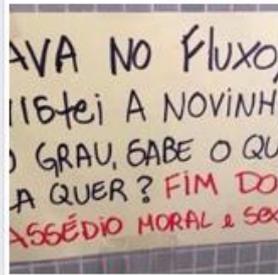
Página inicial

Sobre

Fotos

Publicações

Comunidade



**ELE É DA USP...**

É veterano antigo, aproxima-se de calouros no intuito de pegá-las e, quando elas negam, são perseguidas e ridicularizadas por ele.

**ELE É DA USP...**

É professor e põe slide de mulher de bunda de fora e bate palma achando uma maravilha.

**ELE É DA USP...**

É professor e fala que a filha só arranjou o namorado que tem hoje porque ela não é gorda.

**ELE É DA USP...**

Força alunos do curso técnico a ficarem ele, alegando que as notas estão em suas mãos; faz piada racista e não respeita nenhuma mulher. Como isso vai trabalhar área de saúde?

**ELE É DA USP...**

e ficava querendo levar as meninas da entidade para sair junto com os palestrantes que ele convidava, porque assim eles "pagavam mais coisas e ficavam mais felizes". Oferecia elas para levá-las pro hotel e pedir para irem de decote.

**ELES SÃO DA USP...**

e na sua rep tem um quarto com câmeras escondidas pra filmarem as transas sem que as meninas saibem. Compartilhem os vídeos com os amigos e dão nota pra todas elas.

**ELE É DA USP...**

e assedia todas as orientais da USP pelo facebook ou pessoalmente. Ele tem o que nós denominamos de "yellow fever". Fetichista de merda, racista. Nós asiáticas estamos nos organizando, você não toca em mais nenhuma agul!

**ELE É DA USP...**

e, na minha primeira festa como bixei disse levantando a voz e bravo que se eu subisse em um "palco" e abaixasse se dobrar os joelhos para pegar um objeto chão, com a bunda virada para uma placa cheia de homens gritando, eu teria se de festa naquele instante e nunca se aceita na vida social da faculdade.

**ELE É DA USP...**

estávamos em uma festa e fiquei bêbada, ele me levou para um quarto para transar, mas antes avisou o coleguinha para que o mesmo fosse observá-lo em "ação". Esse mesmo coleguinha convidou os amigos para espiar pelo vão existente. Foi ridicularizado pelo grupo de veteranos durante anos, entrei em depressão e quase desisti do curso

**ELE É DA USP...**

é professor na EACH e não consegue dar aula olhando nos olhos das alunas, porque só olha pra suas pernas e peitos. Isso é nojentol!

**ELE É DA USP...**

e tínhamos ficado algumas vezes e eu gostava dele como pessoa. Um dia, em uma festa na república onde ele morava, me arrastou a força para o quarto, nos trancou lá dentro e tentou tirar minha roupa a força, foi estúpido e tentava me segurar contra a parede e a cama. Consegui escapar e sai do quarto. Quando contei para as minhas amigas, disseram que era exagero e não deram atenção. Nunca mais sai durante a faculdade.

**ELE É DA USP...**

"(...) Nesse cancionário, havia um letra com dizeres sexuais ofendendo mulher negra, pois uma das citações era assim: "Eu como puta loira, com morena bunduda, mas não como na da buceta fedorenta, nem que ela lavada em água benta (...)"



**Ele é da USP**  
@eleedaUSP

Página inicial

Sobre

Fotos

Publicações

Comunidade

**ELE É DA USP...**

e achava que ele era meu amigo. Um dia, depois de uma festa na república dele, minha amiga foi embora e eu fiquei sem chave de casa, e perguntei se podia dormir lá. Ele disse que sim, mas no meio da noite acordei com ele deitado na mesma cama que eu, passando a mão em mim. Fiquei sem reação nenhuma, continuei fingindo que estava dormindo e fui embora de manhã sem falar nada. Nunca contei isso pra ninguém, porque achar que a culpa tinha sido minha.

**ELE É DA USP...**

faz doutorado e abusa de meninas bêbadas, tira fotos para mostrar aos amigos e dizer que "comeu". Guarda um banco de dados de fotos de meninas.

**ELE É DA USP...**

é estrangeiro e acredita que mulher tem que ser submissa e satisfazer o homem em todas suas vontades, quantas vezes ele quiser (ela querendo ou não), ele acredita em estereótipos de beleza (magra, depilada, branca, unha feita, enfeitada e maquiada).

**ELE É DA USP...**

e depois de uma festa me deu carão até em casa, eu tinha bebido, ele pra entrar, ele invadiu meu corpo e falou detalhes para todos da turma. Todos me olham como se fosse "a puta"! Me sinto intimidada se sente o gostoso.

**ELE É DA USP...**

É de psicóloga e paga de bonzinho pra todo mundo, mas vive fazendo comentários e piadas machistas, misóginas e igotólicas. Comenta sobre praticamente toda mina que passa e quanto ela é gostosa, e "brinca" com os amigos dizendo que elas não são e que deviam tentar car (brincando pedindo). Vai pra festas com o intuito e racista intuito de pegar minas, e pra isso fica insistindo ativamente quando a mina diz NÃO o princípio. Obviamente, se aproveita das minas que estão de alguma forma vulneráveis (de menos trabalho, etc). Mas quando, mesmo com a insubordinação, não compra seu objetivo, fica emburrado. Querido, essa surra acontece se você participa da campanha #nãogostamosmachista na vida real, e não só no facebook. As minas não aguentam mais. Mulheres.

**ELE É DA USP...**

é de esquerda e metido a pro-feminista, mas abusou física e psicologicamente de todas as ex-namoradas. Inclusive amava chamar elas de "loucas", só nunca menciona o motivo que levou cada uma delas a esse estado de loucura.

**ELE É DA USP...**

e quando me viu de short num dia de calor me perguntou se eu sabia que estava sem roupa e disse que iria olhar mesmo e não era nem para eu reclamar

**ELE É DA USP...**

Um cara do curso de engenharia elétrica che em mim durante uma festa e disse que queria conhecer melhor". Eu recusei dizendo "não obrigada" e ele não gostou disso, jogou a bebida de minha cara dizendo que eu era uma otária que sabia o que teve perdendo. As pessoas que e vom perto foram tirar ele pra fora, mas ainda abismada com esse machismo ridículo. Isso pra se acabar.



Ele é da USP

@eleedaUSP

Página inicial

Sobre

Fotos

Publicações

Comunidade

## ELE É DA USP...

e disse na aula que mulher não devia receber salario se quisesse licença maternidade.

Minha amiga estava passando mal, coloquei o dedo na garganta dela para ela vomitar e ele perguntou se eu precisava de ajuda para "enfilar o dedo em outro lugar". Ainda se sentiu ofendido quando joguei meu copo de breja na cara dele e chamou um veterano para me botizar.

## ELE É DA USP...

vai ser psicólogo, se refere a estupro como "sexo surpresa" e ri quando um amigo vê uma mina bonita e pergunta "será que já legalizaram o estupro?"

é tem uma região de amigos feministas. Ele "prega" e feminista porque super engajado. Mas, só depois de gente terminar de que nesse momento ele super abusava. Ele costumava dizer não podia brigar, discutir ou dizer e que eu pensava porque eu não dava presentes (em calafete). Sempre que no discordava e ele virava uma pessoa que eu não conhecia. gritava, sacava e etc, fazia banhos estranhos, como se estivesse prestes a atacar. Na geografia antes de geografia, ele murmurava que biana fosse com ele. Eu me achava chata, implicante e histérica. Embora eu dissesse pra ele que tinha sido abusado na ciência e que tinha alguns galinhos ligaram meu pescoço, ele não raste e pediu para eu não repetir, quase toda a vez que ele se repetia todas elas, depois pediu desculpas e dizia que tinha percebido o que tinha feito.

## ELE É DA USP...

e disse que o problema da Dilma é que ela é uma puta e por isso devia deixar o governo

## ELE É DA USP...

e curtii essa página porque acha "engraçado os caras tentarem estuprar as meninas." Nojo!

## ELE É DA USP...

e sexualiza todas as amigas e chama isso de "confusão afetiva". Além de tudo, é esquerdomacho dos piores. Enquanto eu limpava a casa ele ficava lendo Marx. Porque, claro, alguém tem que fazer a comida enquanto ele se prepara pra liderar a revolução.

## ELE É DA USP...

é professor e chama as meninas consideradas mais bonitas do curso no chat pra fazer o trabalho. Enquanto ela estava bonita na aula que ela ficou muito bem com aquele decote e depois pede pra apegar a conversa, pra casado.

## ELE É DA USP...

Eles são aqueles que acham que tem direito de falar o que quiser de qualquer mulher para seus amigos; são aqueles que não percebem quanto um olhar, uma risada fora de hora pode causar constrangimento pra mulher... São aqueles que não entendem que o assédio vem de várias maneiras e não somente do contato físico! São aqueles que esperam as mulheres ficarem bebadas para tirar proveito e depois falar "ah, mas você queria".

## ELE É DA USP...

"(...) Pelo tato de eu ser bi vivia dizendo que eu era um lixo e que o máximo que eu conseguiria seria ter AIDS nessa vida, se nao fosse por essa pessoa. Simulou tentativa de suicidio uma vez em que eu tentei terminar. Tenho várias cicatrizes pelo corpo, que eu tive que inventar desculpas mirabolantes para não confessar que sorria agressão física (...)"

## ELE É DA USP...

e perguntou para seu amigo se ele estava louco só porque estava pegando uma menina gorda

## ELE É DA USP...

namora uma menina de outra cidade. Chegou em mim e quando eu disse não, espalhou para os amigos que eu que cheguei nele e ele me deu um fora.



Ele é da USP

@eleedaUSP

Página inicial

Sobre

Fotos

Publicações

Comunidade

## ELE É DA USP...

é gay, de esquerda, luta pela causa LGBT, mas diz que homem é muito melhor que mulher, zombando do corpo das meninas! E ainda acha que mulher tem que dar pra todo mundo porque "pau faz bem pra elas". Ser gay não te dá direito de ser misógino!

## ELE É DA USP...

me dizia que a ex-namorada era louca. Depois que terminei o namoro abusivo e manipulador com ele, ele conta por aí que só tem ex-louca

## ELE É DA USP...

é da FEA, insistiu muito para ficar comigo e eu fiquei. Então, ele pegou meu braço com força e começou a me levar para o carro dele, eu falei que não queria ir, aí ele disse que todas gostariam de ir como eu não ia querer?

## ELE É DA USP...

estávamos conversando numa boate em uma rep, quando ele me começou a me puxar com muita força pelo braço em direção ao quarto, eu me esquivei, ele insistiu, mas conseguiu sair. Me chamou para sair dias depois, não aceitei. Inventou para todo mundo que eu ficava correndo atrás dele e ele me dava fora.

## ELE É DA USP...

é de uma república de Ribeirão e acha que toda mulher é "puta"

## ELE É DA USP...

é do CAASO e acha normal encontrar comigo e depois me mandar mensagem no facebook falando que eu estava bem gostosinha

## ELE É DA USP...

e são os calouros de um curso que tem que cumprir uma série de metas quando entram na faculdade, e anos atrás uma delas era ficar com uma bixete da FEA (usando gravata) enquanto outro tirava foto para postar no grupo do facebook. Lamentável!

## ELE É DA USP...

é de uma república de Ribeirão e tentou ficar comigo a força em uma festa, segurando forte o meu braço e puxando o meu cabelo

## ELE É DA USP...

é um bixo de uma república de Ribeirão, que ficou com uma garota considerada gorda e feia pela república porque os veteranos apostaram que ele "não tinha coragem"

## ELE É DA USP...

é da Filô, se acha o ultimo pacote da bolacha porque pega todas nas festas e shows. Quando agarra um menina e ela dá o fora nele, fala para todos os amigos que a garota é estranha ate diz que a garota é lesbica. Seu babaca idiota!!!!

## ELE É DA USP...

envolvido no movimento estudantil, todo da esquerda mas tentou me beijar me segurando insistindo quando ficamos sozinhos no role

## ELE É DA USP...

Professor, posa com a família adicional no Facebook mas assa as meninas do curso, sempre com mesmo padrão. Bonitas, magras, loiras. Oferece até apresentações para calouros.



Ele é da USP  
@eleedaUSP

Página inicial

Sobre

Fotos

Publicações

Comunidade

## ELE É DA USP...

e tem um extenso histórico de assédio sexual e moral contra mulheres e, mesmo assim, o professor o manteve como monitor da sua disciplina.

## ELE É DA USP...

é professor e "brinca" com as alunas dizendo que mulher só arruma emprego nessa área (agrárias) "se der pro cara certo".

## ELE É DA USP...

e entrou para um coletivo LGBT de uma faculdade para feticheizar mulheres que tem relacionamentos com outras mulheres.

## ELE É DA USP...

e usa de chantagem psicológica pra conseguir o que quer. Quando ficou comigo, disse que a ex namorada havia morrido de câncer e que ele se sentia mal até hoje, e tinha medo de ir embora. Nunca teve ex namorada. Nem câncer. Mas teve ele indo embora.

## ELE É DA USP...

Eles são da USP, vão ser psicólogos e não se manifestam quando o amigo é violento com a namorada.

## ELE É DA USP...

e tentou tirar minha virgindade à força, mesmo eu falando que não! Depois disso, falou que eu era perda de tempo, que minha amiga era muito melhor e mais bonita.

## ELE É DA USP...

é de ME3 e acredita que meninas de outros cursos de saúde devam dar pra ele, pois o curso dele é "superior", deveríamos ficar agradecidas por ele se interessar em nós.

## ELE É DA USP...

toca na batatinha e foto ano de um cima das nos calorças muitas vezes mais novas que ele e fotos de idades. É machista e acha que tá bem por ser o de esquerda.

## ELE É DA USP...

e formou em ADM. Ficamos em uma festa e ele foi me levar para casa. Eu apaguei e acordei sem roupa com ele tentando me penetrar, eu tentei expor a via de minha casa, mas não adiantou. Ele foi até o fim.

## ELE É DA USP...

É aluno da filio e disse que mulher que não se dá o respeito merece ser estuprada.

## ELE É DA USP...

se considera meu amigo e diz se preocupar com o meu bem estar. Diz também que eu deveria me submeter ao comportamento opressor do meu ex namorado, afinal, esse é o temperamento dele e eu preciso aprender a lidar com isso.

## ELE É DA USP...

e acha normal transar com uma menina que está tão bêbada que mal fica em pé.



Ele é da USP  
@eleedaUSP

Página inicial

Sobre

Fotos

Publicações

Comunidade

[Criar uma Página](#)

## ELE É DA USP...

é do Direito, e acredita que por ser manipulador consegue ficar com qualquer mina. Não aceita quando elas dizem não pois acha que é impossível uma mulher rejeita-lo.

## ELE É DA USP...

das exatas, filio. Se aproximou de mim em um momento em que eu estava mentalmente doente e sem condições de conhecer alguém e eu o ignorei disso. Sua reação a essa "rejeição": começou a inventar fofocas de mim para os amigos. Começou a me agredir e culpar psicologicamente (pela internet, pois na vida real não conseguia nem me olhar nos olhos), falando coisas horríveis e fazendo eu me sentir um lixo sem nenhum valor, me adoeceu mais ainda.

## ELE É DA USP...

faz Biologia e acha normal se aproveitar de que a mina está bêbada pra transar sem camisinha

## ELE É DA USP...

e achou legal ficar comigo e com outra menina ao mesmo tempo, sem consultar nem pedir opinião de nenhuma das duas

## ELE É DA USP...

No meu ano de bixete participei de intercâmbio e fiquei em 2 repúblicas masculinas que me fizeram sentir um pedaço de filio disponível para eles nos 2 dias que fiquei em cada uma. Desanimei de pensar em morar em uma por causa disso!

## ELE É DA USP...

é da Letras e, quando namoramos, ele convidava as amigas para dormirem na casa dele e não me avisava. Quando fui conversar na boa sobre isso, ele disse que a vida era dele e o que ele fazia dentro de casa não era da minha conta.

## ELE É DA USP...

é da EACH USP e faz listinha das mulheres que já transou pra mostrar pra os amigos.

## ELE É DA USP...

e passou a mão na minha bunda dentro da piscina, repetidas vezes num intervalo.

## ELE É DA USP...

Ele é da Enfermagem. Saímos uma vez e depois disso ele começou a falar que estava louco pra mim "toda". Depois que neguei a transa, ele andou me difamando pelos corredores da Escola, dizendo que sou gorda, oferecida e vulgar.

## ELE É DA USP...

e reclama com os amigos quando algum homem faz agachamento na frente dele na academia, mas faz piadinha quando é alguma mulher.

## ELE É DA USP...

eu disse NÃO, mas por ser caloura e ele veterano, eu não tinha escolha, disse ele.

## ELE É DA USP...

é da ECEC e só porque eu estava bêbada, ele se sentiu no direito de enfiar a mão na minha calça, mesmo enquanto eu dizia não



Ele é da USP

@eleedaUSP

Página inicial

Sobre

Fotos

Publicações

Comunidade

Criar uma Página

## ELE É DA USP...

e quis passar a mão na minha bunda porque "são os instintos"

## ELE É DA USP...

professor e disse que, hoje, nós temos jornada dupla e tripla de trabalho porque tivemos o azar de algumas mulheres terem queimado sutiãs.

## ELE É DA USP...

e me levou pro banheiro de uma rep quando estava demasiadamente bêbada para consentir. Até hoje nem sei se ele utilizou camisinha ou não.

## ELE É DA USP...

e paga de corretinho, mas quando contei que tinha chances de estar grávida, ele pagou para ignorar a minha existência.

## ELE É DA USP...

é professor e acha que tem direito de encostar no corpo das alunas, passando a mão nos ombros e nas costas, durante as aulas de laboratório

## ELE É DA USP...

é da IBM e namora uma moça, mas trai ela e conta descaradamente para os amigos. Moça, sai dessa, você é linda!

## ELE É DA USP...

e enquanto eu dormia em sua república se aproveitou para pular em cima de mim e me beijar sem que eu desse a permissão

## ELE É DA USP...

e continuou insistindo, de forma bem desrespeitosa, pra que eu ficasse com ele mesmo depois eu ter dito "não". Meu namorado estava por perto. Quando o cara descobriu, foi se desculpar com meu namorado. Pra mim, ele não disse nada.

## ELE É DA USP...

e, depois de tentar ficar comigo e eu ter recusado, dizendo que namorava, ficou falando que meu namoro uma hora ou outra ia acabar, além de ter tentado me forçar a ficar com ele.

## ELE É DA USP...

faz medicina, e acha que por esse motivo toda mina DEVE aceitar ficar com ele e fica indignado quando não aceitam

## ELE É DA USP...

é professor da FZEA e diz que aluna não pode ir de roupa "curta" porque distrai os colegas e o professor

## ELE É DA USP...

é da Letras e, quando estavam juntos, comentava que não gostava de tatuagem, piercing, cigarro, porque eram coisas que estragavam a mulher. Deixei tudo lado das coisas com medo de perde-lo. Me arrependo até hoje



Ele é da USP

@eleedaUSP

Página inicial

Sobre

Fotos

Publicações

Comunidade

Criar uma Página

## ELE É DA USP...

e força as amigas a ficarem com ele porque, afinal, não significa nada mesmo...

## ELE É DA USP...

e desmereceu o relato de diversas meninas do seu curso que se sentiam desconfortáveis com os tratos da faculdade dizendo que "adora ser objetificado" (homem sofre mesmo bastante com a objetificação do seu corpo nessa sociedade opressora em que vivemos).

## ELE É DA USP...

Ele é da ESALQ e acha que lugar de mulher NÃO é no campo. Querido, melhor.

## ELE É DA USP...

e me mandou ficar de 4 tomar corote e não reclamar porque eu sou gay e "go de ficar de 4".

## ELE É DA USP...

faz CB e tentou beijar uma menina a força mesmo ela dizendo NÃO várias vezes.

## ELE É DA USP...

faz CB e, quando percebe que uma mina tá bêbada, se aproxima dela para tentar se aproveitar.

## ELE É DA USP...

é do Direito e se acha muito macho ao ficar listando todas as colegas da faculdade que ele já "comeu", ainda especificando que uma ou outra são safadas.

## ELE É DA USP...

Na ECA, temos toda a tradição de termos mais liberais do que as outras faculdades, mas na verdade é um monte de "bsquerdoma" escrito que assediavam, mas ninguém toma posição sobre nada, pq é aí quem vai achar isso dos homens lá?

## ELE É DA USP...

e anos atrás ele agrediu uma menina que estava torcendo contra o time dele... mesmo formado esse ser ainda frequenta a ECA. Ano passado, mais uma vez, ele foi agressivo com outras meninas e tem pessoas do time dele que ainda defendem dizendo que tem que respeitar o cara pq ele é um "mito", "tradição"... enquanto isso mulheres da ECA ficam com medo de frequentar os mesmo espaços que ele... que garantia temos que não seremos a próxima a levar uma voadada?

## ELE É DA USP...

e bixa da medicina. Depois de uma das minhas primeiras festas da USP fui para uma república tradicional de medicina porque minha amiga teve ficando com um cara de lá. Tu teve com muito sono, erinha, ao chegar lá, dormi em um colchão no meio da sala. Depois de um tempo, acordei com o bixo passando a mão na minha bunda e sussurrando coisas nojentas no meu ouvido. Debaixo: eu nunca nem tinha visto e nem conversado com ele. Fiquei muito assustada, disse que lá pro banheiro e sai correndo de lá.

## ELES SÃO DA USP...

da EACH. Não podem ver duas minas se beijando que já acham que tem o direito de meter a língua imunda no meio. NÃO SOMOS OBJETOS DE PRAZER DE VOCÊS, MACHOS. SUPEREM.

## ELE É DA USP...

da EACH e se aproveita do álcool e sangue das minas para encucular, bixar e estuprar. Manipula as palavras em situações, lugares e momentos para apegar a uma falsa inocência. Tentou manipular para me fazer crer que eu sou louca, que eu nunca fui abusada por ele. Depois, tentou me fazer acreditar que eu não consenti. Fez isso com outras meninas.



Ele é da USP  
@eleedaUSP

Página inicial

Sobre

Fotos

Publicações

Comunidade

Criar uma Página

## ELE É DA USP...

e já vazou nudes da ex-namorada. Ela entrou em depressão por isso

## ELE É DA USP...

é do CID e insistia em transar mesmo quando a mina já tinha falado várias vezes que ñ estava no clima e a mandava embora. O homi sempre tentava dar um jeito de ir embora só depois que conseguia e que queria. Eles ficaram por uns 3 meses e o homi nunca mudou seu comportamento, sempre arranjava desculpas e sempre repetia os mesmos erros desrespeitando a vontade dela. Ela ñ está mais com ele, mas temo que outras possam passar por isso.

## ELE É DA USP...

ele é da Psicologia, era meu amigo e esperou eu ficar bebada pra tentar me beijar

## ELE É DA USP...

ele é da ecec e em uma festa tentou enfiar a mão dentro da minha calcinha. Quando eu disse não, me empurrou e eu bati na parede. Todo dia vejo ele no bandex e tenho vergonha do que aconteceu

## ELE É DA USP...

faz medicina e após descobrir que eu era virgem nunca mais falou comigo

## ELE É DA USP...

é veterano da ADM, mora na moradia do campus e, quando não quis transar com ele, **ele me bateu** e me mandou embora de madrugada e sozinha!

## ELE É DA USP...

é do CAASO. Como se não bastasse ter batido na ex-namorada, quando questionado sobre o ocorrido, retrucou com ameaças

## ELE É DA USP...

faz medicina e quando saímos pela primeira vez, mesmo eu não querendo transar, me incentivou dizendo que não tinha motivos eu ter essas "frescuras"

## ELE É DA USP...

e após fazermos sexo, disse que ia comprar um cigarro e nunca mais voltou.

## ELE É DA USP...

é da Psicologia e tentou me beijar quando eu disse que tinha namorado, dizendo "ele não precisa saber disso"

## ELE É DA USP...

formado na Bio e só pg não quis transar do jeito que eu queria ele nunca mais falou comigo.

## ELE É DA USP...

paga de bonzinho e transa com as meninas em qualquer lugar da USP, film sem saberem e manda o vídeo pros amiguinhos verem



Ele é da USP  
@eleedaUSP

Página inicial

Sobre

Fotos

Publicações

Comunidade

Criar uma Página

## ELE É DA USP...

é da educa, estávamos trocando ideia de boa numa festa mas quando eu disse que não queria ficar com ele, ele me segurou pelo braço e disse "como assim não vai ficar CMG? Me falaram que você é super fácil"

## ELE É DA USP...

estava me entrevistando no processo seletivo de uma entidade, eu estava bem nervosa, então ele entrelaçou as pernas dele nas minhas

## ELE É DA USP...

da FEA e bancou o herói no post da menina que falava sobre a situação horrível que ela passou na festa do cara passando a mão na bunda dela. Esse mesmo herói tentou tirar minha blusa enquanto me dava trote. Também já vi tentar beijar algumas meninas a força

## ELE É DA USP...

faz amizade com o único intuito de transar com a "amiga". Se ela não topa, fica puta e não fala mais com ela.

## ELE É DA USP...

e acha porque mora em república é melhor que todo mundo e pode tratar mulher igual um objeto

## ELE É DA USP...

Ele é da Usp, faz parte do meu ciclo de amizade e acha engraçado o fato de transar com meninas bebadas e desacordadas... Depois tem orgulho de contar para seus colegas, que riem como se fosse uma piada.

## ELE É DA USP...

e acha engraçado contar pros amigos os apelidos de animais que ele dá pras meninas com quem ele fica.

## ELE É DA USP...

engana e trai a namorada que mora em outra cidade frequentemente e pensa que isso é normal. Mas acha que uma menina que faz a mesma coisa com o namorado é cuzona

## ELE É DA USP...

Eles são da USP e acham normal trote fazer o calouro da própria transar com uma menina por 30 dias de semana de recepção, custe o que custar.

## ELE É DA USP...

da FEA, e enfiou a mão na minha bunda enquanto me beijava uma outra menina

## ELES SÃO DA USP...

da medicina, e conversa sobre como estuprar dançarinas de boate em uma festa deles

**ELE É DA USP**

Ele é da USP  
@eleedaUSP

Página inicial

Sobre

Fotos

Publicações

Comunidade

[Criar uma Página](#)

**ELE É DA USP...**

Faz FEA, mas eu não entendo como passou na Fuvest se quando eu gritava NÃO, ele entendia sim. (não existe essa de "não de mulher significa sim", não é não porra)

**ELE É DA USP...**

me recepcionou no CREU me abraçando por trás e me apertando junto a ele, não me deixando sair! Disse que deveria escutá-lo e aproveitar a oportunidade e beijá-lo, pois logo - como eu era também da FEA - saberia o quão importante ele era... das viagens para as universidades do exterior e tal... disse que eu tive sorte de conhecê-lo logo!

**ELE É DA USP...**

uma das atléticas mais poderosas de Ribeirão cantam hinos machistas e homofóbicos, além disso, força os calouros a baterem no peito e a terem orgulho de ter "sangue azul".

**ELE É DA USP...**

Nunca sofri nenhum tipo de abuso, sou da química... mas me incomode muito o nome de muitas das festas tradicionais. Vira pule cafeludo, levou te nava, tres pra entortar um... canso de ouvir essas coisas sendo gritadas na porta do bandeirão e fico ofendida com isso! gostaria e a cultura do estupro realmente começa a ser eliminada por essas pequenas coisas que aparentemente são inofensivas e até aparentemente engraçadas mas que continue a cultivar a figura da mulher como sendo descartável.

**ELE É DA USP...**

faz medicina, vive compartilhando post feminista no facebook, e ignora os abusos do amigo escroto e vive blindando as merdas que ele faz ou já fez

**ELE É DA USP...**

é da med, e quando disse que não ia na casa dele, ele nunca mais falou comigo.

**ELE É DA USP...**

Faz educa e seu hobby é humilhar as minas na rodinha dos amigos.

**ELE É DA USP...**

ele é feano e morador do CREU, toda vez que chega período de recepção de calouros na moradia se acha no direito de ficar "elogiando" as meninas, falando do comprimento do seus vestidos, ficar chamando no chat do facebook "sem intenção nenhuma" e justifica suas atitudes machistas dizendo que é para integrar.

**ELE É DA USP...**

e em uma aula da fearp falou que era a favor de campanhas, mas era contra a campanha contra machismo, alegando que a campanha devia abordar apenas pessoas machistas, e não ele

**ELE É DA USP...**

e quando leva uma mina a serio ou trata bem os amigos zoam

(na casa, os estudos são os amigos)

**ELE É DA USP...**

Professor de um curso da área da saúde e insiste em fazer piadas machistas numa sala onde a maioria são mulheres.

**ELE É DA USP...**

mas, apesar de dizer que gostava muito de mim, me empurrou na frente de todo mundo na festa. Agora, sou conhecida como a "miná" que quase apanhou do Fulano na festa.

**ELE É DA USP...**

Fui em uma festa e pedi carona para voltar para casa, no dia seguinte ele afirmou que eu devia "paga-ló" e tal pagamento não seria com dinheiro. Detalhe: ele namora....

**ELE É DA USP...**

ele é feano e morador do CREU, namora e assedia as calouras que chegam a moradia

**ELE É DA USP...**

e numa aula da fearp falou que a Dilma devia deixar o cargo e em seguida se suicidar

**ELE É DA USP...**

é do direito e falou que fica com menina gorda e feia na balada pra ganhar XP e "subir de level"

**ELE É DA USP...**

Ele é professor da ECA, mas debocha das minas quando elas pedem pra não serem interrompidas enquanto falam.

**ELE É DA USP...**

é da Educa e manda todas as meninas que não querem dar pra ele irem tomar no cú, "já que tem é pra usar".

**ELE É DA USP...**

ele é do creu e acha que um abusado de lá não merecia ser expulso ontem 23h... Afinal pra onde o cara iria? Não tinha nem ônibus! Coladinho, né?

Migo, passe menos pano pra abusado É pra onde o cara iria? FODA-SE! Isso não é problema das minas que vão ter que conviver com uma ameaça na porta de casa delas.

**ELE É DA USP...**

e viu que eu estava dormindo de tão bêbada no meio da festa, mas ainda assim ficou passando a mão em mim tentando me beijar. Até que minhas amigas viram e me levaram pro quarto

**ELE É DA USP...**

e ficou ofendida com os posts que essa página faz, então, se viu no direito de uma página chamada "ela é da USP" e a parar o machismo enraizado e culturalmente aceito na ordem do establishment acadêmico que eles sofrem corrigirramos MAMO, É UM CARA QUE TA ESCRREVENDO ISSO SE TRATAR, VOCÊ, EU OU QUALQUER OUTRO HOMEM NÃO TEM A MÍNIMA NOÇÃO DO QUE SER UMA MULHER.

**ELE É DA USP...**

rieguei com ele em uma festa de uma república (daquelas que duas bixetas pagam preço de uma). Ele tentou enfiar a mão dentro da minha calcinha, eu recusei e ele me jogou na parede

**ELE É DA USP...**

é da física e tenta abusar de mina bêbada.

**ELE É DA USP...**

faz Direito e se oferece para dividir táxi no final da festa para menina embriagada para tentar convencer o taxista a deixar a menina na casa dele ainda que ela grite pro taxista que não quer ficar lá.

**ELE É DA USP**

Ele é da USP  
@eleedaUSP

Página inicial

Sobre

Fotos

Publicações

Comunidade

[Criar uma Página](#)



**Ele é da USP**  
@eleedaUSP

Página inicial

Sobre

Fotos

Publicações

Comunidade

[Criar uma Página](#)

---



**Ele é da USP**  
@eleedaUSP

Página inicial

Sobre

Fotos

Publicações

Comunidade

[Criar uma Página](#)

### ELE É DA USP...

Ele é da FEA e numa festa na rep que ele morava não aceitou meu não e um amigo me abraçar. Para me tirar de perto dele... então revolveu me puxar pelo braço me machucando e quase me derrubando na terra pois era "um absurdo eu abraçar um babaca" e não beijar ele. Depois disso, fiquei muito tempo sem ir para festas, aliás, evito até hoje!

### ELE É DA USP...

Ele é da usp e acha que só porque a mina é gorda ela vai aceitar ficar com ele, e quando recusa ele a xinga e fala que ela não vai pegar ninguém

### ELE É DA USP...

e fazia o namorado se sentir errada, culpada, por ficar mal com certas atitudes dele. Ele dizia que ele devia "sentir menos". Ele "pensava demais" e "sentia demais", ele desconsiderou as vivências e os sentimentos dela o namoro todo. Ela se sentiu culpada o namoro todo. Ele a fez acreditar que algo estava errado com ela. Ela acredita nisso até hoje.

### ELE É DA USP...

da ADM e quando eu disse que não iríamos transar, ele fez cara feia, resolveu ir embora e, saindo do portão, disse que era pra chamar ele quando a gente fosse transar, ou seja, boneca infielável né, só serve pra dar a buceta

### ELE É DA USP...

e faz Fea. Acha que a menina, por ser gorda, tem a obrigação de beijá-lo, já que ele faz um favor de querer beijá-la.

### ELES SÃO DA USP...

alunos da Med (RP), e falam tudo o que veem nas pacientes, brigam para atender as que referem ser "gostosas" e ainda contam se o órgão genital da paciente era bonito ou feio

### ELE É DA USP...

É uma bateria, que narra um estupro em seu principal hino

### ELE É DA USP...

Ele é gay, faz FEA e acha que não é machista só porque nunca assediou fisicamente uma mulher. Amigo, melhora, ser machista é bem mais que isso.

### ELES SÃO DA USP...

são de uma república famosa e o lema da república é que todos TÊM que pegar mulher gorda pra ganhar experiência sexual e "ainda fazer uma gorda feliz". E os veteranos colocam isso de uma forma quase mandatória pros bixos.

### ELE É DA USP...

e tenta em todas as oportunidades embriagar as meninas de sua sala (colocando mais álcool em nossos copos, oferecendo vodka quando estamos mal fingindo que é água...), quando estamos sóbrias ele fala que estamos muito chatas e quando, por ventura, ficamos bêbadas ele elogia nosso comportamento.

### ELE É DA USP...

Eles são da educa e ficam sentados na última mesa do bandex dando nota, rindo ou aplaudindo as meninas que passam.

### ELE É DA USP...

veterano da ADM e, quando me recusei a ficar com ele, me deu um tapa na cara!

### ELE É DA USP...

é da Letras e me beijou a força na festa da calourada de 2015. Depois, saiu falando para todo o mundo que "não sabia porque elogiavam tanto meu beijo, já que não era nada de mais"

### ELE É DA USP...

veterano da FEA e traiu a namorada do CID e ainda a chamava de gorda para todas as outras, pegou geral falando que a namorada era boba. Mais companheirismo manas!

### ELES SÃO DA USP...

e "não tem preconceito", mas preferem que não tenham homens gays na república porque o cara ficaria incomodado com as piadas que eles fazem sobre gays.

### ELE É DA USP...

é poeta e todo mundo paga pau. Mas após abusar de mim e de uma amiga, disse que não nos oprimiu, pois poeta não oprime.

### ELE É DA USP...

e é da FEA e no meu ano de caloura disse que eu tinha OBRIGAÇÃO de ficar com ele porque era "bixete da filó". Falou isso enquanto apertava forte o meu braço.

### ELE É DA USP...

é da Enf, faz piada racista (com pacientes e alunas) e propaga coisas machistas

### ELE É DA USP...

Faz direito e só porque me deu uma carona achou que eu tinha que transar com ele

### ELE É DA USP...

era da matemática e quando disse que não queria mais nele, começou a gritar e empurrar contra a parede. Coisa não bastasse, me jogou no chão e começou a rir. Os caras da rep não fizeram nada

### ELE É DA USP...

e durante uma festa, minha amigas e eu estávamos dançando e ele disse para os amigos "é por isso que não arranja um namorado". Depois, é claro, de tentar me beijar e eu não querer

### ELE É DA USP...

É professor em cursinho popular e usa disso pra seduzir, pegar e aliciar alunas.

### ELE É DA USP...

e é professor da química e fala com as alunas olhando diretamente para os peitos, para a aula parecer alguma mulher passar e ainda é cheio das piadas machistas.

### ELE É DA USP...

e já embodou e estupro duas caras no CREU, além de tentar me estupro na salinha de estudos do CREU. Só fui estuprada porque um menino estava passando percebeu e mandou me abrir a porta. Além de quando manes se recusavam a ficar com ele, benito agredia todo mundo e ainda fazia de inocente



**Ele é da USP**  
@eleedaUSP

Página inicial

Sobre

Fotos

Publicações

Comunidade

[Criar uma Página](#)

**ELE É DA USP...**

e insistiu sem limites para eu transar com ele, dizendo que eu fodia com a sua auto-estima quando não queria transar mesmo a gente já ficando há algum tempo. Ele ficou de mau humor e eu transsei com medo de estar deixando ele mal, até hoje me arrependo

**ELE É DA USP...**

e faz Medicina. Depois de eu ir para a casa dele mas não querer transar, ele me fez sentir que meu "não querer" era errado e que eu devia "me soltar mais" porque seria mais legal

**ELE É DA USP...**

faz ECEC e implicava com tamanho de roupa, com amigas e até família. Fazia a namorada ter medo de contrariá-lo (incluindo quando não queria transar) devido a tamanha agressão psicológica

**ELE É DA USP...**

Quando eu não quis transar com ele, ele ficou bravo, mandou eu ir embora de taxi e nunca mais falou comigo

**ELE É DA USP...**

Ele é da odonto e era um dos meus melhores amigos. Mas se achou no direito de tentar me beijar enquanto eu estava chorando. E já tentou passar a mão na minha perna e nos meus peitos disfarçadamente afirmando ser apenas uma brincadeira ou bobagem.

**ELE É DA USP...**

Ele é do Caaso e inferioriza as minas que fazem exatas, com piadas de que o lugar delas não é ali. Seu lugar que não é aí.

**ELE É DA USP...**

Ele é do Caaso. Gosta de vir pras festas da USP Ribeirão porque as meninas que fazem engenharia "não são mulheres". Nojo de você.

**ELE É DA USP...**

vai ser psicólogo e quando a ex-namorada expõe situações abusivas que ele colocou, ele respondeu que ela não deveria ter deixado ele fazer tais coisas

**ELE É DA USP...**

e trata ela como irmãzinha. Mas tenta com certa frequência deixar ela bêbada pra tentar transar com ela. E conta isso pros amigos com o maior orgulho do mundo.

**ELE É DA USP...**

e me tira do meu grupo de amigas no meio de uma festa pra me mandar parar de dançar daquele jeito porque estava provocando e ele não iria aguentar

**ELE É DA USP...**

e acha que as bixetes são fáceis e, por isso, não tem graça

**ELES SÃO DA USP...**

vão se formar em Direito não se manifestam quando o amigo é violento com a namorada



**Ele é da USP**  
@eleedaUSP

Página inicial

Sobre

Fotos

Publicações

Comunidade

[Criar uma Página](#)

**ELE É DA USP...**

ficamos e transamos algumas vezes, mas não queria mais nada, apenas sei amigo. Ele conversava comigo quando eu queria sexo, ficava de papinho, quando eu dizia que não queria, insistia várias vezes e depois até ameaçou "não esquece que eu sei onde você mora e sei como entrar no seu apê". Me senti com tanto medo que avisei a portaria e seguranças do prédio pra não permitirem a entrada dele.

**ELE É DA USP...**

e ele tentou enfiar a mão dentro da minha calcinha, mesmo eu falando que não estava no clima. Como ele era mais forte, não consegui impedi-lo. Comecei a gritar NÃO e ele se tocou que estava fazendo merda. *Dei sorte*, mas penso nisso todo dia.

**ELE É DA USP...**

e acha normal enfiar a mão dentro da calcinha da menina enquanto eles se beijam e quando ela diz que não quer ele diz "mas eu to te pegando, qual é o problema?"

**ELE É DA USP...**

faz Medicina e acha que tá tudo bem dizer pra uma mina "a única coisa que me arrependo de não ter transado contigo" (como se fosse escolha só dele e ainda acrescentar "devia ter te respeitado menos".

**ELE É DA USP...**

e expõe as meninas que ficam contando detalhes íntimos delas pros seus amigos

**ELE É DA USP...**

e faz pedagogia, mas não sabe ter o mínimo de educação e respeito no que se refere a mulher!

**ELE É DA USP...**

vai ser psicólogo mas tenta beijar a ex-namorada à força

**ELE É DA USP...**

paga de desconstruído, até usa saia... mas fala mal das minas que exercem sua liberdade sexual

**ELE É DA USP...**

faz Psicologia e abusa sexualmente a mina bêbada no fim do rolê

**ELE É DA USP...**

É um futuro advogado mas acha que pode gritar com as mulheres quando e onde quiser

**ELE É DA USP...**

e nós ficamos em uma festa, levei ele pra minha casa mas acabou dormindo. No outro dia ele AFIRMOU que a gente tinha transado e que eu deveria tomar pílula do dia seguinte. Passei muito tempo tentando me lembrar de alguma coisa e quando resolvi contar à outras pessoas tive que ouvir de uma "amiga" que ele era muito bonzinho pra ter feito isso e que eu é que o estupei.

**ELE É DA USP...**

enquanto almoçava na cantina na faculdade, tirou uma foto das celuites da colega sentada na mesa ao lado. Enviou a imagem junto com mensagens ofensivas para o grupo de WhatsApp formado por todo mundo que é discente do Programa de Pós-Graduação.



Ele é da USP  
@eleedaUSP

Página inicial

Sobre

Fotos

Publicações

Comunidade

[Criar uma Página](#)

## ELE É DA USP...

faz administração e se dizia meu amigo, mas se sentiu no direito de apertar meu peito do nada em uma festa. Quando fiquei brava ele disse que não era nada demais e que estava bêbado.

## ELE É DA USP...

mora numa república e enfia a mão na bunda das garotas em festas sem consentimento

## ELE É DA USP...

vai ser psicólogo e se aproveita de seu poder de veterano E de homem para coagir calouras, colocando-as em posições de desconforto

## ELES SÃO DA USP...

mas fazem festas com a intenção de embebedar calouras logo na entrada e se aproveitarem disso

## ELE É DA USP...

e apesar disso abusa das meninas enquanto elas estão dormindo

## ELE É DA USP...

e mesmo assim leva uma garota bêbada no quarto para transar e agride a amiga dela quando esta tenta defendê-la

## ELE É DA USP...

e, apesar de fazer Direito, não sabe que sexo sem consentimento é **estupro**.

## ELE É DA USP...

era veterano da ADM, me levou para casa depois de uma festa começamos a transar mas ele estava tão bêbado que broxou com a camisinha. Então ele tirou e começou a me penetrar mesmo eu dizendo **NÃO**. Hoje percebo que fui **estuprada**.

## ELE É DA USP...

e achou que eu tava ocupando seu espaço no planfeto de festas no bandex e me ameaçou falando: vamo mete trote nessa caloura